

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23192

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

SEGUNDA-FEIRA 5 MARÇO 90 60\$00

Cavaco modera deputados na devoção ao Patriarca

Líder do PSD admoestou o grupo parlamentar

EDITORIAL

O lado de Deus

A rebelião dos deputados do PSD, sobre a atribuição de um canal de televisão à Igreja, deveria ser para o primeiro-ministro um sinal. Sinal vermelho, claro: é que Deus não está do seu lado e, num país onde a Igreja não perdeu ainda o hábito (secular) de alguns conselhos eleitorais, essa não é uma questão menor.

«Estamos há mais de 50 anos na Rádio. Por que não ir mais longe?», pergunta a Igreja, pela voz da Renascença e da publicidade. Talvez que, tentando conciliar tudo e todos, o secretário de Estado da Presidência do Conselho lhe tenha dado a resposta: porque a simples aprovação da proposta do Governo «fará com que Portugal seja o único país da Europa Ocidental, à excepção da Itália, que atribui, por lei, um tratamento privilegiado à Igreja Católica em matéria de comunicação social.»

«Tratamento privilegiado» tem-no já a Igreja Católica, na televisão estatal, onde, além da missa de domingo, tem um programa - o que levou a RTP a conceder tempo de antena a outras confissões, de menor influência. Mas se esse privilégio caiu já na rotina, a extensão dele, como a querem a Igreja e os rebeldes do PSD, é dificilmente sustentável em termos europeus - como o recordou Marques Mendes.

Ínvios são os caminhos do Senhor - e, ao querer estar de bem com Deus (personificado pelo Patriarcado), e o Diabo (uma opinião a quem ofendem os excessivos privilégios da Igreja), pode o primeiro-ministro perder a graça junto de ambos.

Primeiro a Defesa, depois a Igreja - pesada cruz a do primeiro-ministro!

Diana Andringa

O «lobby» social-democrata nortenho, que pretendia entregar um dos canais da RTP à Igreja tem um adversário: Cavaco Silva. Na intervenção que fez nas jornadas parlamentares realizadas em Lagos, o primeiro-ministro lembrou que quem manda no PSD é a Comissão Política e manteve a decisão de só dar à Igreja parte da emissão televisiva.

Luís Filipe Menezes, da Comissão Política Distrital do Porto do PSD, tinha lançado uma espécie de abaixo-assinado entre os deputados, para o segundo canal ser só da Igreja.

Depois do discurso de Cavaco alterou posições, mas tudo indica que este tema vai ser de novo debatido amanhã, na reunião do grupo parlamentar com Couto dos Santos.

Pág. 11

Em Itália

Crise estudantil ameaça contagiar outros sectores

A luta dos estudantes pode vir a estender-se a outros sectores da população italiana - pelo menos se forem aprovadas as propostas nesse sentido surgidas na Convenção Nacional, reunida em Florença.

Segundo disse ao DL uma portavoz dos estudantes, quatro comissões, formadas por representantes das várias Universidades, preparam neste momento resoluções sobre O Direito ao Ensino, Novas Universidades, Formas de Luta e Abertura ao Social - prevendo esta última o estender das reivindicações ao campo extra-universitário e o contacto com sindicatos.

Enquanto se anuncia a convocação de uma manifestação de nível nacional para Roma, várias cidades italianas foram, este fim-de-semana, palco de actividades estudantis, ao estilo dos happenings de há 20 anos, para divulgação das questões que agitam as Universidades do país.

Em Florença, onde se encontra reunida a Convenção, grupos de jovens manifestaram-se como protesto contra o espancamento de negros por membros da Frente Nacional de Reconstrução de Itália, de carácter racista.

Pág. 12

Artigo de Rossana Rossanda na pág. 7



France Presse

Yeltsin praticamente eleito Os deputados reformadores soviéticos, entre os quais o radical Boris Yeltsin (na prática já eleito), lideram os resultados parciais das eleições ontem realizadas nas federações da Rússia, Bielo-Rússia e Ucrânia, diz a Tass. Estas eleições são vitais para a perestroika de Gorbachev.

Pág. 12

Em debate pelo Grupo de Trabalho/DL

O sistema partidário português

A implantação dos partidos políticos na sociedade portuguesa e as hipóteses de alteração do sistema partidário foram algumas das questões que animaram a segunda reunião do Grupo de Trabalho DL sobre Política Nacional. Os participantes pronunciaram-se também

sobre o relacionamento dos partidos com a sociedade e com o Estado bem como sobre a evolução futura, nomeadamente a possibilidade de bipolarização e de alteração da lei eleitoral.

Págs. 20 e 21

Sondagem Euroteste/DL

Até em família somos violentos

Os portugueses consideram que a agressão física é (na forma) o cúmulo da violência a nível familiar. Mas, depois, saltam que nem leões a condenar a gravidade do adultério para, em seguida, dizerem que a mentira é a mais frequente forma de violência em família, superior à do estalo ou à do palavrão.

É este o quadro reve-

lado por mais uma sondagem Euroteste/«DL», com resultados bem curiosos a mostrarem que, quando os portugueses se irritam, um terço limita-se a respirar fundo... enquanto outro terço desata aos palavrões, para não falar daqueles que alçam da mão em acumulação com o insulto.

Uma insólita sondagem a mostrar, também, que o português é exímio na arte de legitimar os seus pecadilhos e que nem a mentira escapa à sua sede de vingança.

De resto, a maioria dos portugueses confessa-se adepta de uma «suave» punição para as crianças (castigo moral ou simples advertência) e defende que entre marido e mulher ninguém deve meter a colher.

Págs. 2, 3, 4, 5 e 6



Soares empossou os novos ministros
Pág. 9

INES elege Direcção e PCP prepara Congresso
Pág. 10

Os católicos progressistas dos Anos 60
Págs. 26 e 27

Chirac em xequê com cheque por pagar
Pág. 13

Os portugueses são nitidamente violentos, mesmo em família. A maioria recorre ao estalo, ao insulto ou à mentira, quando não os utiliza em simultâneo... Daí, a frequência do adultério e do divórcio

Quanto mais me bates...

GRANDE ANGULAR

A mais grave forma de violência na vida familiar é, para os portugueses, a agressão física, seguindo-se-lhe (por ordem decrescente) o adultério, a mentira, o divórcio e o insulto.

Esta classificação é idêntica entre homens e mulheres, apesar de elas darem uma maior importância à mentira, ao divórcio e ao insulto, e de eles valorizarem mais a agressão física e o adultério.

Porém, e no que respeita às idades, notam-se fortes discrepâncias de classificação entre os mais novos (18 a 24 anos de idade) e os mais velhos (55 anos ou mais). Os primeiros dão muito maior importância à agressão física e à mentira, enquanto os segundos sobrevalorizam a gravidade do adultério, do divórcio e do insulto.

Por estratos sociais, vê-se que as classes altas são as mais sensíveis à agressão física e à mentira, que o insulto tem uma maior carga nas classes médias do que nos outros estratos, e que as classes baixas são as que mais penalizam o adultério. Uma exceção para o divórcio, que regista um empate entre a classe média e a baixa e uma nítida desvalorização por parte da classe alta.

O reconhecimento da agressão física como uma forma de violência na vida familiar é claro para 88,2 por cento dos inquiridos, com as mulheres a destacarem-se 4

pontos acima dos homens. Uma opinião com expressão mais forte nos jovens (91,3 por cento) e a classe alta (92,2 por cento), que se atenua nas pessoas entre os 35 e os 54 anos de idade (85,4 por cento) e na classe baixa (85,4 por cento).

Há quem denegue a violência

Mas a grande surpresa dos resultados desta pergunta reside nos 4,8 por

cento de respostas negativas, isto é, pessoas que não reconhecem a agressão física como uma forma de violência familiar, opinião quase idêntica entre os dois sexos (apenas 0,9 pontos de diferença), mas bem distinta entre o escalão etário dos 25 aos 34 (4,7 por cento) e o escalão dos 35 aos 54 anos de

idade (8,3 por cento), tal como entre a classe alta (2,6 por cento) e a classe baixa (6,8 por cento). Significativa, ainda, a percentagem de pessoas (5,6 por cento) que respondeu à pergunta com um «depende dos casos». Entre eles, vê-se que os homens (8,6 por cento) têm um conceito de agressão física muito mais flexível do que as mulheres (3 por cento) e que as pessoas entre os 25 e os 34 anos (6,5

mais (83,8 por cento) e uma menor expressão no escalão dos 18 aos 24 anos (67,9 por cento). Por estratos sociais, também se regista uma enorme diferença entre a classe média (83,7 por cento) e a classe alta (71,4 por cento).

No entanto, é bem expressivo o número de pessoas (15,4 por cento) que considerava o insulto como uma forma de violência, mas só em determinadas situações.

do adultério, as mulheres (68,4 por cento) destacam-se bastante dos homens (58,3 por cento), tal como os mais velhos (71,1 por cento) em relação aos mais novos (59,7 por cento). Ao contrário das classes sociais, onde o equilíbrio é razoável.

Já entre os que os que retiraram qualquer carga de violência ao adultério, nota-se que os homens (25,9 por cento) são o dobro das mulheres (13,4 por cento), e

Assim, compreende-se que entre os que recusam admitir qualquer violência na mentira, os homens (30,7 por cento) sejam mais do dobro das mulheres (13,4 por cento), tal como as pessoas dos 25 aos 34 anos (31,1 por cento) em relação aos mais velhos (11,8 por cento). Por estratos sociais, a «despenalização» é maior na classe baixa (24,9 por cento) do que na classe alta (16,7 por cento).

E para os que admitem, condicionalmente, a violência na mentira, os mais novos (30,2 por cento) sobressaem em relação aos mais velhos (16,2 por cento), e a classe alta (31,7 por cento) em relação às classes média (19,3 por cento) e à classe baixa (19,2 por cento).

Em último lugar, neste conjunto de cinco tipos de violência que podem ocorrer no seio da família, surge o divórcio, registando apenas um reconhecimento minoritário (26,4 por cento). De facto, 40,3 por cento dos entrevistados dizem não reconhecer o divórcio como uma forma de violência, enquanto 31,9 por cento consideram que isso depende das circunstâncias.

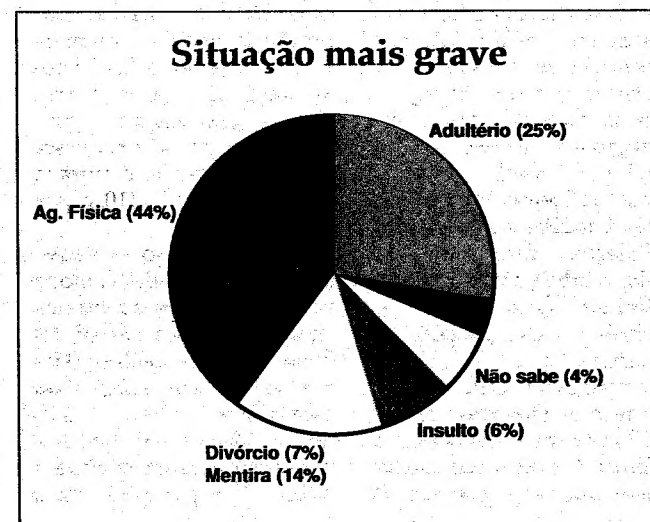
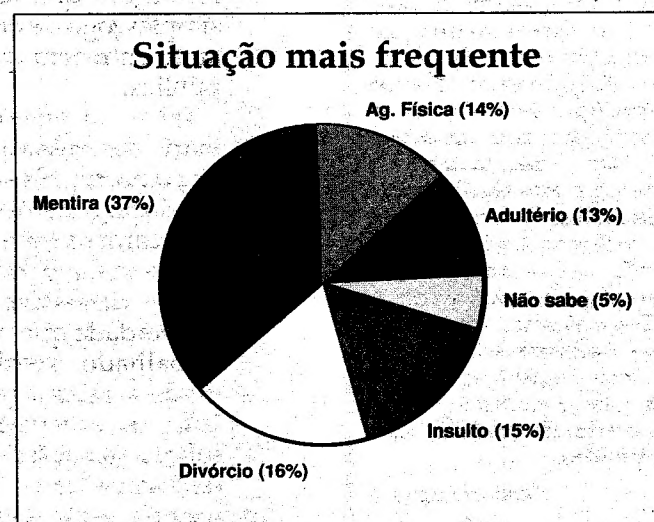
Uma pergunta melindrosa, que recolheu respostas significativamente diferentes entre sexos, idades e classes sociais.

Entre os que reconhecem a violência no divórcio, é notório o maior peso dos que têm 55 anos ou mais (40,6 por cento), posição que vem progressivamente regredindo até ao escalão dos mais novos, onde regista um mínimo (12,8 por cento). Aliás, esta «penalização» do divórcio é máxima na classe baixa (31,2 por cento) e mínima na classe alta (21,9 por cento) e, entre os dois sexos, apenas uma diferença de 3,8 pontos.

Mas também, entre os que não reconhecem o divórcio como passível de violência, se registam percentagens bem diferentes. Os homens (48,7 por cento) são muito mais «despenalizadores» do que as mulheres (33,2 por cento), tal como os mais novos (60,5 por cento) em relação aos mais velhos (24,4 por cento) ou a classe alta (49,2 por cento) em comparação com a classe baixa (31,1 por cento).

De salientar, ainda, que entre as pessoas que dizem que a violência no divórcio depende dos casos, a percentagem de mulheres (36,8 pontos) é muito superior à dos homens (26,1 pontos).

Como se viu, esta sondagem Euroteste/«DL»



	SEXO		IDADE				CLASSE			
	Mascu	Femi	18 a	25 a	35 a	55	A/B	C1	C2/D	
TOTAL	lino	nino	24	34	54	mais				

E qual destas situações é, para si, a MAIS GRAVE de todas?

Adultério	24.7	24.9	24.5	20.9	24.0	23.0	29.8	19.7	22.4	32.4
Agressão física	44.3	52.8	37.2	58.6	53.7	43.5	29.3	53.9	46.3	32.5
Mentira	13.5	9.2	17.1	3.7	16.7	16.0	12.9	17.0	10.4	13.9
Divórcio	7.2	5.6	8.5	6.3	—	9.0	11.1	4.5	8.3	8.3
Insulto	6.4	5.4	7.1	5.5	1.6	6.8	10.3	3.0	9.0	6.3
Não sabe	4.0	2.1	5.6	5.0	4.0	1.7	6.7	1.9	3.6	6.6
NR	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

E qual delas é, em sua opinião, a MAIS FREQUENTE de todas?

Adultério	12.9	13.2	12.7	6.8	12.5	14.7	14.3	16.7	13.6	8.3
Agressão física	14.1	20.5	8.7	14.0	14.5	15.4	12.0	13.1	17.0	11.4
Mentira	36.9	35.1	38.5	33.2	44.6	36.7	33.1	38.7	36.1	36.3
Divórcio	16.1	14.2	17.7	14.5	8.8	18.1	20.4	11.4	12.7	24.9
Insulto	14.7	13.1	16.0	22.8	16.3	14.1	9.5	16.6	17.9	8.7
Não sabe	4.9	3.8	5.8	8.8	3.4	—	10.8	3.5	2.6	9.1
NR	.4	—	.6	—	—	1.0	—	—	—	1.1

A violência é, por vezes, incontrolável. Se estivesse muito irritado/a com um familiar e sentisse vontade de o agredir, o que é que faria?

Dava um estalo	18.1	14.4	21.2	20.7	12.6	17.7	21.6	15.7	14.7	24.6
Insultava-o	33.2	34.8	31.9	54.7	39.9	29.2	20.7	43.5	31.4	25.5
Ambas as coisas	3.2	1.8	4.3	1.4	2.6	3.1	4.7	3.8	1.4	4.7
Nenhuma delas	33.2	38.0	29.2	5.8	30.7	41.2	40.2	26.2	37.3	34.9
Depende caso	11.4	10.4	12.3	15.5	11.3	8.8	12.8	10.8	13.5	9.4
Não sabem	.9	.7	1.2	2.0	2.9	—	—	—	1.6	1.0
NR	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

Uma opinião mais evidente entre os jovens (25,5 por cento) do que entre os mais velhos (11,1 por cento), registando a sua máxima expressão na classe alta (18,9 por cento).

Desalientar, ainda, que 8,2 por cento dos entrevistados não reconhecem o insulto como forma de violência, opinião mais forte nos homens (9,6 por cento) do que nas mulheres (7 por cento), com um máximo de adesão no escalão dos 25 aos 34 anos (14,4 por cento) e mínima nos que têm 55 anos ou mais (5,1 por cento). Esta «despenalização» do insulto é máxima na classe baixa (12,2 por cento) e mínima na classe média (3,9 por cento).

A pergunta sobre o insulto foi, curiosamente, a única em todo o inquérito que recolheu a opinião de todos os entrevistados, dado que ninguém deixou de responder ou alegou não o saber fazer.

Mulheres penalizam adultério

O adultério surge, nesta sondagem, em terceiro lugar na ordem de reconhecimento como forma de violência (63,8 por cento do total das respostas). Porém, 19,1 por cento dos inquiridos discordam dessa opinião e 14,5 por cento afirmam que o adultério pode ser uma violência, mas só em alguns casos.

Entre os «penalizadores»

que esta opinião tem uma maior defesa no escalão dos 25 aos 34 anos (30,7 por cento) e uma expressão mínima no escalão dos 35 aos 54 anos (13,9 por cento). Por estratos sociais, o adultério é mais «despenalizado» na classe média (21,7 por cento) do que na classe baixa (15,2 por cento).

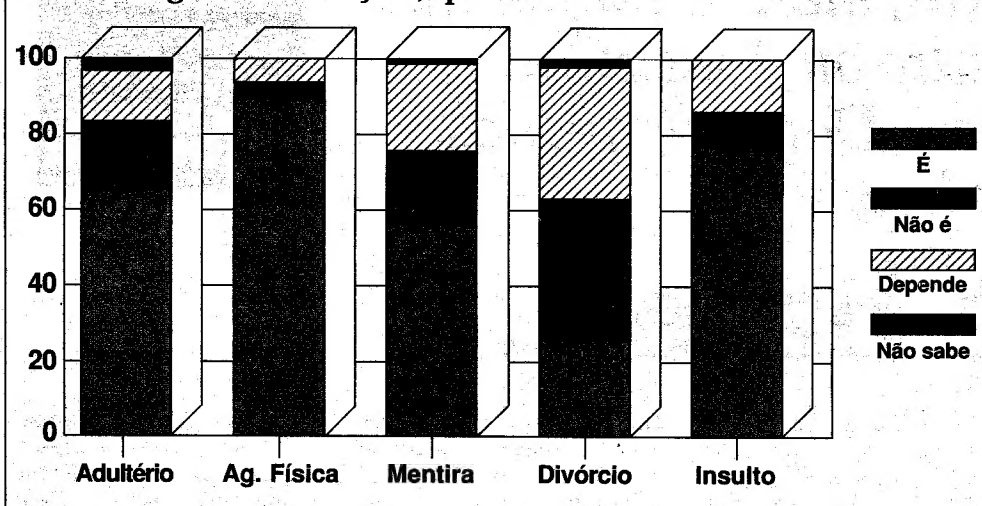
Em relação aos que pensam que a violência do adultério depende dos casos, as maiores diferenças registam-se entre os escalões etários dos 35 aos 54 anos (17,9 por cento) e as pessoas que tem 55 anos ou mais (9,4 por cento), e ainda entre a classe alta (17 por cento) e a classe baixa (14 por cento).

A mentira, como forma de violência familiar, surge em quarto lugar (54,6 por cento) na ordem de reconhecimento estabelecida pelos entrevistados. Contudo, 21,3 por cento do total das respostas discordam totalmente dessa classificação, enquanto 23 por cento dos inquiridos dizem que ela depende dos casos.

Homens «despenalizam» a mentira

Curiosamente, e entre os que reconhecem a mentira como uma violência, as mulheres (60,8 por cento) sobressaem em relação aos homens (47,3 por cento), tal como as pessoas com 55 anos ou mais (68,8 por cento) se destacam em relação aos mais novos (40,6 por cento).

Das seguintes situações, quais são as formas de violência?



começou por aferir as formas de violência no plano familiar que as pessoas reconhecem (identificam) melhor.

Depois, perguntou-se qual delas era a mais grave e, naturalmente, a agressão física manteve-se na primeira posição, mas baixando para 44,3 por cento do total de respostas.

Em segundo lugar, por ordem de gravidade, surge o adultério (terceiro no grau de reconhecimento com 24,7 por cento, seguido da mentira (13,5 por cento), do divórcio (7,2 por cento) e do insulto (6,4 por cento). Note-se que o insulto passou do segundo para o último lugar, a mentira do quarto para o terceiro lugar, e o divórcio saltou da última para a antepenúltima posição. Como se depreende, uma coisa é admitir (reconhecer) formas de violência e ... outra, é

graduar essa mesma violência.

Veja-se o caso dos que consideram a agressão física como a mais grave destas cinco formas de violência na família. Os homens (52,8 por cento) têm a mão muito menos leve do que as mulheres (37,2 por cento), e os jovens (58,6 por cento) são bem mais pacíficos do que os mais velhos (29,3 por cento). A classe alta (53,9 por cento) é, por seu turno, a menos violenta, em comparação com a classe média (46,3 por cento) e a classe baixa (32,5 por cento) - a que mais banaliza a agressão.

Posições diferentes recolhe o adultério, ao qual a máxima gravidade é atribuída em proporções idênticas por homens e mulheres, mas com nítidas diferenças dos mais novos (20,9 por cento) para os mais velhos (29,8 por cento), ou da classe alta (19,7 por cento)

para a classe baixa (32,4 por cento).

Em relação à mentira, vê-se que as mulheres a valorizam ao máximo (17,1 por cento) enquanto os homens a banalizam (9,2 por cento). Os mais jovens (3,7 por cento) são bastante tolerantes face à gravidade da mentira, mas o escalão etário que lhe dá maior importância não é o dos mais velhos, mas sim o dos 25 aos 34 anos (16,7 por cento). Uma gravidade com máxima expressão na classe alta (17 por cento) e mínima na classe média (10,4 por cento).

Sobre o divórcio, vê-se que as mulheres (8,5 por cento) o valorizam mais do que os homens (5,6 por cento), tal como os mais velhos (11,1 por cento) em relação ao escalão etário dos 25 aos 34 anos (0 por cento). Um empate entre a classe média e a baixa (8,3 por cento para

cada uma), registando-se o mínimo de importância entre a classe alta (4,5 por cento).

A máxima gravidade do insulto recolheu 7,1 por cento de respostas entre as mulheres, contra 5,4 por cento dos homens. O insulto é mesmo importante para os que têm 55 anos ou mais (10,3 por cento) e ignorado pelas pessoas entre os 25 e os 34 anos (0 por cento). Por estratos sociais, a classe média (9 por cento) sobressai na «penalização» do insulto, em comparação com a classe alta (3 por cento).

Mentira é a mais frequente

A pergunta sobre qual destas cinco formas de violência é a mais frequente, os entrevistados responderam do seguinte modo: 36,9 por cento seleccionaram a mentira, 16,1 por cento o divórcio, 14,7 por cento o insulto, 14,1 por cento a agressão física e 12,9 por cento o adultério.

E aqui, também, se nota um reordenamento de posições em relação à pergunta anterior. É que uma coisa é ser mais grave, outra, é ser mais frequente. Por isso, não surpreende que as pessoas considerem a agressão física como a mais grave forma de violência em família, mas muito menos frequente do que a mentira.

De assinalar, ainda, que esta hierarquização da frequência reproduz, implicitamente, a prática (passiva ou activa) de violência dos inquiridos.

Continua na pág. 4

Feudo de família

O conceito de que a família é independente, autónoma e soberana em relação aos seus próprios assuntos - incluindo a violência - é, decididamente, compartilhado pela maioria dos portugueses. Pelo menos, é o que se depreende dos resultados de duas perguntas aparentemente melindrosas (ver quadro ao lado) desta sondagem Euroteste/«DL», mas às quais ninguém se recusou, praticamente, a responder.

Assim, temos que 71 por cento dos portugueses defendem que os problemas relativos à violência familiar devem ser resolvidos exclusivamente em família. Uma opinião mais forte nas mulheres (74,1 por cento) do que nos homens (67,3 por cento), e com um maior número de adeptos entre as pessoas mais novas (74,1 por cento) e as mais velhas (74,7 por cento).

Menos fechados parecem ser o escalão etário dos 25 aos 34 anos (59,6 por cento) e a classe alta (66,6 por cento). Por contraponto à classe baixa (78,1 por cento), onde a família como feudo tem a sua máxima expressão.

No entanto, esta opinião bem maioritária é contrariada por 18,6 por cento dos entrevistados, pessoas que consideram que esses

problemas não devem ser só tratados em família mas também em tribunal. Uma posição conciliatória, com apenas um ponto de diferença entre os dois sexos, mas mais evidente no escalão dos 25 aos 34 anos (13,6 por cento) e na classe alta (24,6 por cento).

Neste contexto, não surpreende que apenas 7,7 por cento dos inquiridos defendam que a violência na família é um assunto de tribunal, uma posição que tem a sua máxima expressão no escalão dos 25 aos 34 anos (13,6 por cento) e na classe

média (11,1 por cento).

Como também não surpreende que, em resposta a se concordam ou não com o ditado «Entre marido e mulher não se deve meter a colher», 66,8 por cento dos inquiridos tenham manifestado a sua total concordância. Uma posição mais evidente entre as pessoas com 55 anos ou mais (78,3 por cento) e na classe baixa (80,2 por cento).

Mas para lá destes, 23,5 por cento dos entrevistados responderam que concordam em parte com o aforismo popular. Com des-

taque para os mais novos (31,5 por cento) e para a classe alta (32,2 por cento).

No fim da tabela, surgem os 9,2 por cento dos inquiridos que não concordam com o ditado. Com os homens (11,6 por cento) a sobressaírem em relação às mulheres (7,2 por cento), tal como a classe alta (13 por cento) em relação à classe baixa (4,5 por cento) e os mais novos (12 por cento) sobre os restantes escalões etários.

Como se vê, vale quase tudo em família!

J.G.O.

	SEXO		IDADE				CLASSE			
	Mascu	Femi	18 a	25 a	35 a	55	A/B	C1	C2/D	
TOTAL	lino	nino	24	34	54	mais				
Concorda ou não com o ditado «ENTRE MARIDO E MULHER NÃO SE DEVE METER A COLHER»?										
Totalmente	66.8	66.0	67.5	56.5	63.9	64.6	78.3	53.3	66.7	80.2
Em parte	23.5	21.4	25.3	31.5	28.6	24.6	13.1	32.2	23.3	15.3
Não concorda	9.2	11.6	7.2	12.0	7.5	9.5	8.6	13.0	10.0	4.5
Não sabe	.5	1.0	—	—	—	1.3	—	1.6	—	—
NR	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Os problemas relativos à violência familiar, devem ser resolvidos exclusivamente em família ou devem ser tratados por uma instituição judicial própria (TRIBUNAIS DE FAMÍLIA)?										
Exclus. família	71.0	67.3	74.1	69.9	59.6	74.7	76.0	66.6	68.7	78.1
Nos trib. família	7.7	8.3	7.3	6.3	13.6	5.6	6.6	5.0	11.1	6.2
Em ambas elas	18.6	21.6	16.1	19.5	25.2	18.4	12.8	24.6	18.6	12.8
Não sabem	2.7	2.9	2.5	4.3	1.5	1.3	4.6	3.8	1.6	3.0
NR	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

O Homem, a Mulher e a colher

O conjunto de sondagens que o «DL» tem vindo a publicar sobre temas e problemáticas da sociedade portuguesa estão a constituir um «dossier» importante para o estudo dos portugueses.

O grande público está geralmente habituado a ver as sondagens como leituras antecipadas dos resultados das eleições ou como barómetro dos níveis de maior ou menor popularidade dos seus políticos. Ora a forma sistematizada como o «DL» com a Euroteste vêm a fazer sondagens sobre «capítulos» da vida pública e privada dos portugueses assinala uma etapa diferente na história e evolução das sondagens em Portugal. Elas estão a constituir-se como uma sondagem aos portugueses.

Uma sondagem é um instrumento de pesquisa que não convém confundir com a própria pesquisa, uma operação de investigação exigente de outros recursos técnicos, e teórico-metodológicos. Mas uma sondagem, na sua

relatividade, é sempre um compacto de informações que não devem perder-se como simples jogo de entretenimento neste importante entrecho que é o lidar com a opinião pública.

Talvez surpreendentemente para o imaginário das públicas virtudes com que se mitifica o português comum esta sondagem vem revelar alguns vícios privados que sem terem feito corar os entrevistados (até porque se não via a sua face), farão alguma moessa aos nossos tão decantados «brandos costumes».

É verdade que o conceito de violência aqui trabalhado recobre diversas dimensões desde a física à psíquica e moral. Por outro lado, os entrevistados pronunciavam-se mais sobre a sua opinião relativamente às diferentes formas de violência do que a sua prática propriamente dita. Porém, a leitura global dos dados e a interpretação transversal dos posicionamentos manifestados face às questões postas, conforme o fazem os textos dos jornalistas, induzem a concluir que o critério classificativo utilizado é o da experiência vivida, portas adentro, por cada entrevistado.

Estudos recentes efectuados (EUA, França, Inglaterra) levam a concluir que na vida moderna, marcada por relações inter-humanas de forte indiferença, acentuado individualismo e narcisismo, é no interior da vida familiar, onde a intimidade das relações é maior, que a violência é mais frequente.

Um estudo realizado em 1986 pelo Centro de Estudos Judiciais indicava que nas famílias portuguesas 19,2 por cento das crianças recebiam maus tratos psíquicos, 13,2 maus tratos físicos e 29,6 um tratamento negligenciado.

Nesta sondagem, embora a «mentira» seja indicada como a «violência» mais praticada, a agressão física é acusada como a mais grave forma de violência e aquela que mais justifica a resposta na mesma moeda. E os castigos «corporais» ou «morais» aplicados às crianças, - repare-se -

«quando o seu comportamento desagradava aos adultos» têm um elevado grau de escolha.

Mas este assunto da violência nas famílias continua a ser «tabú». A sondagem dá alguns sinais, mas não o desvenda.

A «boa saúde» da sociedade portuguesa exigiria que entre marido e mulher se metesse a colher. A «colher» de um estudo para o esforço de mudar atitudes.



José Manuel Paquete de Oliveira

A diáfana punição

Vá lá a gente acreditar que a maioria dos portugueses é incapaz de ralhar ou bater nas crianças, limitando-se a uma simples advertência

GRANDE ANGULAR

Quem será capaz de reconhecer que, por vezes, tem um comportamento prepotente e até brutal com os seus filhos? Ninguém, até porque se isso acontecesse seria, rapidamente, justificado como uma competente punição ao abrigo da lei do mais forte...

Por isso, as crianças são, na vida familiar, os que mais sofrem - de forma activa ou passiva - com as diversas manifestações de violência dos progenitores. No entanto, e porque os adultos dificilmente reconhecem os seus excessos, muito menos fora de casa (veja-se o artigo «Feudo de família»), é pertinente considerar com reservas os resultados desta sondagem no que respeita à punição das crianças.

A pergunta foi directa: «Em sua opinião, as crianças - quando o seu comportamento desagrada aos adultos - devem ou não ser punidas?». E, surpreendentemente, 58,1 por cento dos inquiridos respondeu «não, nunca».

Mesmo assim, 31,5 por cento dos inquiridos ainda conseguiram avançar com um «sim, às vezes». Assumidas como repressores em

pleno, apenas 9,1 por cento das pessoas entrevistadas.

Estranho «consenso»

Porém, os «liberais» anti-punitivos recolhem percentagens praticamente iguais entre os dois sexos e os diversos escalões etários, notando-se apenas uma pequena diferença entre a classe alta e a classe média - uma estranha tendência «consensual», que não se repete em mais nenhum conjunto de respostas nesta sondagem.

Só que nas respostas a esta mesma pergunta também se regista igual tendência «consensual» entre os que defendem a aplicação da punição, caso a caso, e entre os que assumem de forma constante. O que dá azo às mais diversas especulações como, por exemplo, sobre a sinceridade de quem se pronunciou... Tentou-se, por isso, ir mais longe e perguntou-se às pessoas, mas apenas às total ou condicionalmente «repressoras», qual o tipo de castigo que aceitariam para um filho seu. O que clarificou bastante as posições, dado que 53,5 por cento dos inquiridos se pronunciaram a favor de um castigo moral,

40,6 por cento a favor de uma advertência e 15,6 por cento a favor de um castigo corporal. Curiosamente, 9,8 por cento dos entrevistados não souberam ou não quiseram responder.

E aqui, também, tornaram a surgir algumas discrepâncias. Por exemplo, entre os que advogam o castigo corporal, vê-se que os homens (18,3 por cento) sobressaem em relação às mulheres (13,5 por cento), tal como os mais velhos (23 por cento) em comparação com os mais novos (9,3 por cento) ou a classe alta (21,7 por cento) em relação à classe baixa (10,8 por cento).

Filho igual a enteado?

Por último, neste conjunto de perguntas sobre a punição, avançou-se com outra bem directa: «É mais fácil ou difícil bater num filho ou num enteado?». Com resultados bastante curiosos, dado que 28,7 por cento das respostas couberam aos que consideraram mais fácil bater nos próprios filhos, contra 52,1 por cento que acham que é igual e apenas 8,5 por cento que dariam mais facilmente vazão à sua ira contra um

enteado. De salientar, ainda, que 10,6 por cento destes «repressores» alegaram não saber responder à pergunta.

E aqui, entre os que tiveram a frontalidade de admitir que é mais difícil bater num filho do que num enteado, também se registam

curiosas discrepâncias. Entre mulheres (9,7 por cento) e homens (7,2 por cento), e entre o escalão dos 18 aos 24 anos (16,7 por cento) e o escalão dos 35 aos 54 anos (4,2 por cento). Por estratos sociais, vê-se que o vínculo filial é mais forte na

classe média (13 por cento) do que na classe baixa (3,7 por cento) e na classe alta (7,6 por cento).

Três perguntas intrigantes sobre a repressão-punição a nível familiar, com resultados nada pacíficos.

J.G.O.

	SEXO		IDADE				CLASSE			
	Mascu	Femi	18 a	25 a	35 a	55	A/B	C1	C2/D	
TOTAL	lino	nino	24	34	54	mais				
Em sua opinião, as crianças devem ser punidas quando o seu comportamento desagrada aos adultos?										
Sim, sempre	9.1	8.6	9.6	7.8	6.1	10.1	11.1	9.0	8.5	10.1
Sim, às vezes	31.5	30.7	32.2	28.4	33.6	32.4	30.3	28.1	34.8	30.8
Não, nunca	58.1	58.5	57.8	62.3	55.8	57.5	58.6	60.9	55.8	58.3
Não sabe	1.2	2.1	.4	1.5	4.4	—	—	2.1	.9	.8
NR	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
E que tipo de castigo aceitaria para um filho seu?										
Devem punir	122	54	68	17	26	47	33	33	51	38
Castigo corporal	15.6	18.3	13.5	9.3	18.4	11.2	23.0	21.7	10.8	16.7
Castigo moral	53.5	53.9	53.2	68.7	65.5	57.4	30.6	49.9	58.2	50.5
Advertência	40.6	43.7	38.3	39.2	36.3	40.1	45.7	37.4	45.2	37.4
Não sabem	2.0	1.5	2.5	—	2.3	4.0	—	4.0	2.2	—
NR	7.8	4.6	10.3	14.1	—	6.8	12.2	12.1	2.9	10.4
É mais fácil ou mais difícil bater num filho que num enteado?										
É mais fácil	28.7	21.5	34.9	26.0	28.8	28.5	30.6	26.3	26.9	33.3
É mais difícil	8.5	7.2	9.7	16.7	8.8	4.2	9.6	7.6	13.0	3.7
É igual	52.1	59.8	45.6	38.0	54.7	59.5	47.8	53.3	53.6	49.1
Não sabe	10.6	11.6	9.9	19.4	7.7	7.7	12.1	12.8	6.5	13.9
NR	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

Quanto mais me bates...

Continuação da pág. 3

Na verdade, é difícil às pessoas admitirem publicamente que batem nos seus familiares (ou que são por eles agredidas) e que são infiéis aos respectivos cônjuges (ou que foram traídas por eles). Mas ao pronunciarem-se sobre o grau de frequência dessa mesma violência em família, as pessoas têm tendência a revelar a sua própria experiência, aquilo que acontece lá em casa.

E aqui, vê-se que os homens (20,5 por cento) batem muito mais do que as mulheres (8,7 por cento), tal como a classe média (17 por cento) em relação à classe baixa (11,4 por cento) e à própria classe alta (13,1 por cento).

Entre os que consideram que a mentira é a mais frequente forma de violência, vê-se que o escalão etário dos 25 aos 34 (44,6 por cento) é-lhe bastante mais sensível do que as pessoas com 55 anos ou mais (33,1 por cento), mas a diferença entre os dois

sexos é mínima, com as mulheres 3,4 pontos acima dos homens.

A maior frequência do divórcio tem a sua máxima expressão de reconhecimento nas pessoas mais velhas (20,4 por cento) e um mínimo no escalão dos 25 aos 34 anos (8,8 por cento), tal como na classe baixa (24,9 por cento) em relação à classe alta (11,4 por cento).

O insulto, por sua vez, é mais frequente para as mulheres (16 por cento) do que para os homens (13,1 por cento), tal como para os mais jovens (22,8 por cento) em comparação com os mais velhos (9,5 por cento) ou para a classe alta (16,6 por cento) em relação à classe baixa (8,7 por cento).

E para quem defende que o adultério é a mais frequente forma de violência familiar, os homens (13,2 por cento) sobressaem em relação às mulheres (12,7 por cento), tal como o escalão dos 35 aos 54 anos (14,7 por cento) em relação ao escalão dos 25 aos 34 anos (12,5 por cento). Por estratos sociais,

essa maior frequência do adultério é muito mais reconhecida pela classe alta (16,7 por cento) do que pela classe baixa (8,3 por cento).

Partindo do princípio de que a violência é, por vezes, incontornável, esta sondagem Euroteste/«DL» quis ir mais longe e formulou uma pergunta extremamente directa: «Se estivesse muito irritado com um familiar seu e sentisse vontade de o agredir, o que é que faria? Dava-lhe um estalo? Insultava-o? Fazia umas coisas ou nenhuma delas?»

As respostas são interessantes. Com percentagens idênticas (33,2 por cento) de pessoas a garantirem que recorreriam ao insulto ou que não tomariam nenhuma dessas atitudes, enquanto 18,1 por cento disseram que optariam, na circunstância, por dar um estalo, e 11,4 por cento afirmaram que esse comportamento agressivo dependeria do caso.

Os radicais (3,2 por cento) confessaram abertamente que fariam ambas as coisas (estalo e insulto) e apenas 0,9 por cento dos inquiridos disseram não saber responder à pergunta.

Entre os adeptos do insulto, regista-se uma adesão máxima entre os mais jovens (54,7 por cento), que vai decrescendo progressivamente até ao escalão dos

mais velhos (20,7 por cento), tendência que se repete nos estratos sociais, com um máximo na classe alta (43,5 por cento) e um mínimo na classe baixa (25,5 por cento).

E para os que optariam por dar um estalo, há uma nítida diferença entre as mulheres (21,2 por cento) e os homens (14,4 por cento), tal como entre os mais velhos (21,6 por cento) e as pessoas entre os 25 e os 34 anos (12,6 por cento).

Por estratos sociais, o recurso ao estalo tem muito maior expressão na classe baixa (24,6 por cento) do que na classe média (14,7 por cento).

Os não agressivos, por seu turno, são mais numerosos entre os homens (38 por cento) do que entre as mulheres (29,2 por cento), tal como entre os mais velhos (40,2 por cento) em comparação com os mais novos (26,2 por cento). E a classe alta (26,2 por cento) é nitidamente menos pacífica que a classe média (37,3 por cento).

O direito à vingança

Uma outra pergunta tentou aferir a maior ou menor legitimidade da agressão, como resposta a uma destas formas de violência, o que reflecte bem o ímpeto de vingança das pessoas. Por exemplo, perguntou-se se o facto de o cônjuge nos ser

infiel justifica ou não uma agressão.

Em relação ao adultério, 33,1 por cento dos inquiridos respondeu ser justificada uma tal atitude agressiva, contra os 49,4 por cento dos inquiridos que negaram tal justificação ou os 14,6 por cento que responderam que isso depende dos casos.

Entre os «vingativos», as mulheres (40 por cento) sobressaem imenso em relação aos homens (25,1 por cento), e os mais velhos (41,3 por cento) em relação aos mais novos (27,8 por cento) ou a classe baixa (50,5 por cento) em comparação com a classe alta (20,7 por cento).

Nos não-vingativos, naturalmente, predominam os homens (58,8 por cento) e os mais novos (58,8 por cento), e a classe alta (67,7 por cento) destaca-se da classe baixa (31,3 por cento).

Porém, mesmo as pessoas não agressivas têm os seus limites. Daí, quando se perguntou se uma primeira agressão justifica ou não outra agressão em resposta, a maioria (58,1 por cento) dos inquiridos respondeu afirmativamente, contra 26,1 por cento de respostas negativas.

Esta tendência de «olho por olho» é mais forte nas mulheres (62,5 por cento) do que nos homens (52,9 por cento), mas bastante equilibrada quer por idades quer

por estratos sociais.

Em relação à mentira, 52,2 por cento dos entrevistados dizem que ela não justifica de qualquer modo uma agressão, contra 26 por cento que reconhecem essa justificação e 21,1 por cento que consideram que isso depende dos casos.

Entre os «justiceiros» da mentira, as mulheres (36 por cento) destacam-se em relação aos homens (14,1 por cento), os mais velhos (37,8 por cento) em relação às pessoas entre os 25 e os 34 anos (15 por cento), e a classe baixa (37,8 por cento) em relação à classe alta (15,2 por cento). Os observadores ... recolheram 21,1 por cento das respostas.

A justificação do insulto é clara para 35,2 por cento dos entrevistados, eventual para 22,6 por cento e recusada por 41,3 por cento dos inquiridos.

Mais uma vez, entre os «agressivos», as mulheres (40,2 por cento) sobressaem em relação aos homens (29,4 por cento) e os mais velhos (41,1 por cento) em relação aos escalões dos 25 aos 34 anos (23,3 por cento). Por estratos sociais, a agressividade é máxima na classe baixa (46,5 por cento) e mínima na classe alta (21,9 por cento).

João Galamba de Oliveira

Ficha técnica

Amostra: Constituída por 300 entrevistas telefónicas a maiores de 18 anos residentes nas regiões da Grande Lisboa e do Grande Porto, recolhidas por seis entrevistadores entre os dias 13 e 15 de Fevereiro.

Margem de erro: De mais ou menos 5,7 por cento, a 95 por cento de probabilidade.

Em Portugal, são perto de 30 mil os menores maltratados anualmente. Um fenómeno que não é novo nem exclusivo das classes mais desfavorecidas

Filhos de um deus menor

À noite, enquanto a companheira se prostituía, ele ficava em casa. Supostamente para tomar conta da filha dela, a Inês, de dois meses. Um dia, quando a mãe chegou a casa, a Inês chorava muito. Deu-lhe de comer, o choro continuou. Mudou-lhe a fralda e viu que tinha sido queimada com pontas de cigarro na zona genital. A Inês ficou estéril aos dois meses. O companheiro da mãe foi a tribunal, que o ilibou por não ter sido apanhado em flagrante. A Maria, de 18 meses, foi violada quando estava em casa sozinha, ainda não se sabe por quem. O João foi violado aos nove meses por um familiar e morreu. O Sérgio, de cinco anos, fazia chichi na cama, e como castigo queimaram-lhe o rabo com água quente. A Susana, de seis, foi espancada até à morte. A Cristina, de oito anos, tomou comprimidos para se matar, não aguentava os maus tratos do pai. O Manuel, o António e a Sónia passam o dia fechados numa dispensa em casa da ama.

A violência na família não é um fenómeno novo. Desde sempre que há crianças vítimas da incúria, negligência e agressão dos adultos. Crianças que não conhecem outra realidade senão a do espancamento, da violação - por parte dos pais, padras-

tos, irmãos, tios e avós - da mendicância, da fome e do abandono.

«A violência não é mais do que uma relação de abuso de poder. As crianças, enquanto seres indefesos, são alvos preferenciais para este tipo de relação. Funcionam como "bodes expiatórios". Os adultos corporizam nelas a sua agressividade» - disse ao «DL» Maria José Lobo Fernandes, coordenadora do Núcleo de Apoio à Criança (NAC), no Hospital de Santa Maria.

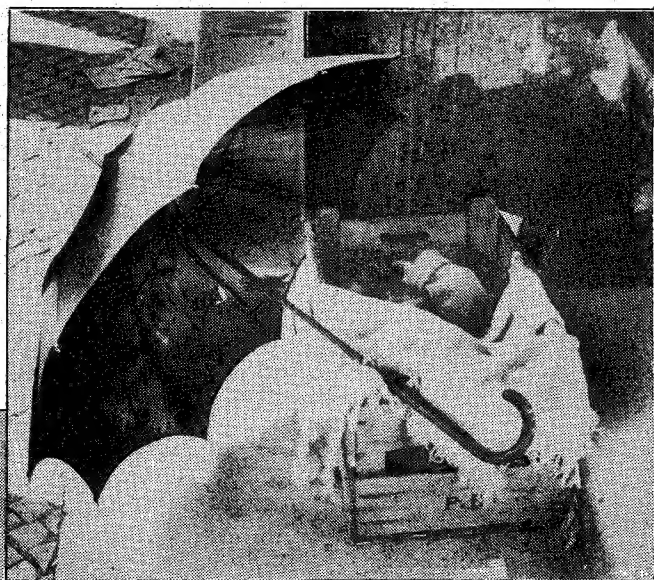
Em Portugal, são perto de 30 mil os menores maltratados anualmente. Segundo um trabalho do Centro de Estudos Judiciários (CEJ), de 1986, existem cerca de 3 900 famílias que maltratam crianças fisicamente, 5600 psicologicamente e 8 900 que as negligenciam. A situação revela-se pior no Norte do que no Sul, sendo Viana do Castelo e Vila Real os distritos que apresentam maior taxa de maus tratos. Aveiro é o que regista mais negligência e o Porto é o distrito mais afectado pela mendicância. Cerca de 1 800 crianças praticam a mendicância em Portugal, a maioria tem entre seis a 14 anos e são, sobretudo, rapazes.

Estes números são apenas os do conhecimento público. Basta referir que só 59 por

cento dos abusos sexuais sobre crianças, em Lisboa, e 20, no Porto, são comunicados à Polícia ou ao Tribunal de Menores.

A denúncia é ainda um tabú para a sociedade portuguesa, onde o próprio castigo físico é, muitas vezes, aceite como um método educativo de rotina. «Para alguns estratos sociais, a agressão é uma forma de argumentar perante uma situação de conflito ou de impotência» - explica Luís Espinoza, coordenador do (NAC), no Hospital D. Estefânia.

Contudo, não se pode dizer que os maus tratos sejam uma doença dos pobres, o estigma de uma determinada classe social. Simplesmente, as cifras negras estão mais expostas em indivíduos pertencentes a um estrato de baixo nível económico.



Gravidezes não desejadas podem levar à negligência ou à agressão física nas crianças

quase nunca admitidos como tal. O silêncio, de que são cúmplices os técnicos de saúde, é o elo de protecção da família. As crianças são observadas por médicos conhecidos ou em clínicas particulares. Daí não se ter conhecimento de grande número deste tipo de casos.

«Os maus tratos são um assunto complexo e incómodo para a sociedade. A denúncia aos hospitais ou ao Tribunal de Menores não é vista como uma forma de proteger a criança. Há ainda muito o medo de interferir no seio da família e a ideia de que a criança é um sujeito de direitos, que deve ser respeitado na sua integridade física, moral e sexual, não está suficientemente esclarecida na sociedade» - referiu ao «DL» o jurista do CEJ, Armando Leandro.

A indiferença é a atitude mais frequente perante casos de maus tratos em crianças. Os vizinhos dizem que não é

Para a pediatra, Maria José, do Hospital de Santa Maria «o mau trato não é um problema de uma só classe, o que não quer dizer que as precárias condições económicas e a subdebilidade social não envolvam maiores riscos para as sevícias corporais e psicológicas. Aos hospitais chegam, sobretudo, crianças maltratadas fisicamente que vêm de estratos mais desfavorecidos. As classes elevadas defendem-se de outra forma».

A violência é também sentida nos meios socioeconómicos mais favorecidos. Mas a este nível, fala-se de uma tortura psicológica, a chamada agressão requintada, que tem como objectivo atingir a integridade moral do sujeito em causa. Os maus tratos físicos, quando existem, são normalmente encobertos e



Há um maior sadismo nas torturas infligidas às crianças. A queimadura é uma das formas mais frequentes de agressão

nada com eles, os próprios médicos, muitas vezes, escusam-se a declarar uma criança maltratada, e quando a agressão parte dos pais há sempre o consentimento de um de eles. O medo da denúncia ataca, principalmente, as mulheres. O receio de perder o companheiro, o suporte económico ou de sofrer represálias sociais é mais forte no sexo feminino.

«As mulheres resistem mais às situações. Tudo isto está muito ligado às características e condicionamentos sociais em que são criadas. A própria desigualdade entre os sexos leva ao tal abuso de poder, que ainda é hoje socialmente aceite» - disse-nos Maria José Lobo Fernandes.

Não há dúvida que a mulher está mais sujeita às represálias sociais. O sistema tanto penaliza uma mãe solteira, o que favorece o processo de rejeição, negligência e abandono da criança, como uma que dá o filho para adopção. Uma gravidez não desejada e um parto prematuro são situações que podem conduzir de imediato à rejeição afectiva da criança que vai nascer e aos maus tratos.

«Há situações em que nos apêrcemos logo de uma nítida rejeição do feto. Por exemplo, quando uma mãe não se interessa com o estado da gravidez, quando não colabora no parto ou se recusa a ver a criança nos momentos seguintes» - explica Luís Espinoza.

Há mesmo crianças que são abandonadas nos hospitais e que só voltam a ver a família, o pai ou a mãe biológico, quando estes recebem uma contrafe da polícia exigindo a sua presença no hospital.

O NAC, do Hospital de Santa Maria, a funcionar há três anos, detectou 95 casos de maus tratos, oito dos quais foram mortais, 43 envolveram agressão física, 36 negligência grave, 20 intoxicação, 13 abusos sexuais e 7 abandono.

O abuso sexual é a situação mais difícil de declarar. Os sintomas são detectados por diferenças nos comportamentos das crianças, rasgos ou por doenças sexuais transmissíveis. Normalmente, o abuso ocorre no seio da família e a tendência natural é para a proteger. Não se silencia só o crime,

mas, também, uma relação incestuosa. A criança, sobretudo do sexo feminino entre os nove meses e os 14 anos, é usada por pessoas com uma sexualidade desequilibrada.

A violência e o abuso sexual estão ligados à ideia ou sentimento de posse na relação pais-filhos. «É meu filho posso fazer o que quiser» - costumam dizer os agressores. Mas, hoje, um filho não é mais propriedade de ninguém. A legislação portuguesa consagra os direitos da criança e define a postura da família perante um novo membro. Não basta a paternidade biológica para se cumprir os deveres ditados pelo poder paternal. Ou seja, ser-se família é ser-se servidor de alguém frágil e totalmente carenciado.

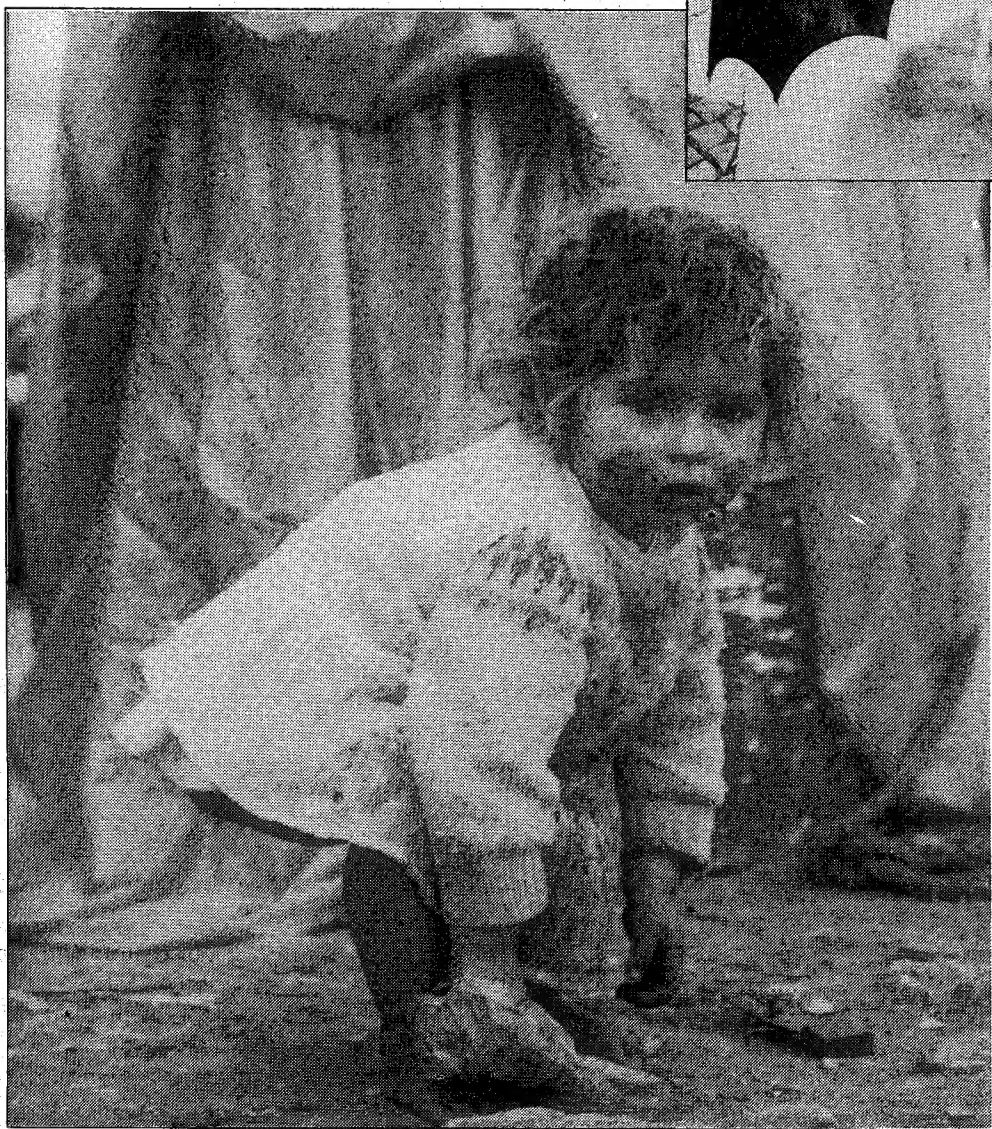
«O mau trato é, essencialmente, um problema cultural e educacional. O maltratante é, por norma, um indivíduo com uma estrutura psicológica imatura que não aprendeu a controlar a sua agressividade. Muitas vezes também ele foi uma criança maltratada. Daí que haja grande tendência para se reproduzir o fenómeno da violência» - diz a pediatra Maria José Lobo Fernandes.

A ex-coordenadora do centro Sentinellas, Maria do Carmo Vieira, defende que «o grau de sadismo nas torturas às crianças é cada vez maior e pode ter a ver com a violência da própria sociedade, mas basta de culpabilizar o meio. Este pode fornecer as condições que favorecem a agressão, mas não justifica tudo».

Na opinião de Maria do Carmo «as estruturas actuais não estão a dar uma resposta imediata às crianças maltratadas. É preciso criar-se pequenas estruturas junto de hospitais e de outros centros, onde a criança seja acolhida e possa ser tratada de forma individual. Ter o seu espaço e um elo de ligação afectiva com outras pessoas».

Em Portugal, aposta-se muito na recuperação da família. E quando esta não é viável, recorre-se à adopção ou às grandes instituições para que acolha a criança. O processo burocrático é longo e uma criança chega a estar à espera quatro ou cinco anos por um projecto de vida. Para algumas já é demasiado tarde...

Ana Mafalda Inácio



Há crianças que não conhecem outra realidade se não a do espancamento, da violação e do abandono

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos**.
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa**.
Secretário-geral: **Jorge Galamba**.

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção **Acácio Barradas**
Chefes de redacção-adjuntos: **José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho**

Redactor-principal **João Paulo de Oliveira**
Coordenadores de Secção: **Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão**

Redactor-paginador **António Ribeiro Ferreira**

Redacção e reportagem fotográfica: **Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Campones, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco**

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraiso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim**.

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas: **Ribeiro da Silva** (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores: **José António Carvalho, Jorge Santos e Oscar Figueiredo**

Secretária de Direcção **Maria Eduarda Soutello**
Secretária de Redacção: **José Agostinho** (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade **Luísa Valadas**

Gestor de Informática **Luís Canteiro**

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.



PORTE PAGO

Até há pouco tempo, as mulheres resignavam-se ao papel submisso que a sociedade lhes atribuiu e suportavam todos os sacrifícios. Hoje, são elas que ditam as regras e enfrentam o dito sexo forte

Mulheres de corpo e alma

Quando se fala de violência na família pensa-se, e com razão, que as crianças e as mulheres são sempre as vítimas de qualquer tipo de agressão, física ou moral. E isto porque, diga-se o que se disser, a sociedade portuguesa continua a ser predominantemente machista, o que leva alguns homens a pensar que têm todo o direito de ofender as mulheres e as crianças.

Em tempos, a mulher lutou pela igualdade. Ter os mesmos direitos e oportunidades que os homens era uma meta a atingir. Em parte conseguiram-no e hoje essa luta deixou de fazer sentido, para dar lugar a um discurso que apela ao direito à diferença, ao respeito mútuo entre as pessoas, independentemente do sexo. Apesar de muitas mulheres terem conseguido livrar-se do domínio que os homens exerciam sobre elas, outras há que diariamente carregam sobre si o fardo de um casamento, do qual não conseguem fugir.

«Nunca desejei tanto deixar o meu marido como agora. O nosso casamento não tem solução», dizia uma mulher numa carta dirigida à Comissão da Condição Feminina (CCF). Aliás, esta instituição é testemunha de diversos casos de mulheres que a ela recorrem procurando ajuda para as suas situações.

Conceição Brito Lopes, advogada na CCF, disse ao «DL» que «muitas mulheres, vítimas de agressão física por parte dos maridos, já começam a fazer-lhes frente. Confrontados com essa situação inesperada, os homens recuam e deixam de ter um comportamento violento. Posso dar-lhe um exemplo: uma mulher levou toda a vida pancada do marido. Este orgulhava-se de o fazer, porque o pai tinha tido o mesmo comportamento com a mãe e ele era o único filho que saía ao pai. Um dia a mãe explodiu quando, no meio de uma discussão, o marido baixa as calças e dirige-se aos filhos mostrando-lhes os órgãos genitais. Então, a mulher pega num jarro e racha a cabeça do marido. Este, com receio que ela fizesse algo mais, dirige-se-lhe com uma faca em punho. Ela consegue tirar-lhe a faca e atira-o para fora de casa. Passado pouco tempo chega o sogro a dizer que era tanto homem como o filho. E aí a mulher fez-lhe o mesmo que ao marido: deu-lhe um murro e pô-lo fora de casa».

Na verdade, as mulheres levaram anos a suportar situações inóspitas, sempre com medo de agir e fazer frente ao homem. Hoje, esse medo começa a desaparecer e elas deixam de ter problemas em enfrentar o marido. Em cartas dirigidas à CCF



Os tempos da resignação e submissão acabaram

muitas das mulheres têm consciência da sua dignidade, sabem como sair do «cativeiro», mas não agem por diversas razões: ou porque não têm emprego, ou porque têm medo de perder os filhos, ou porque não têm dinheiro para o divórcio, ou porque os maridos as ameaçam de perseguição e morte caso elas se divorciem, ou porque não têm casa para habitar.

«Uma das mulheres que veio à CCF fez-se acompanhar do filho mais velho. Ela queria que a ajudássemos a resolver a sua situação. A dada altura, o filho, que permanecia calado durante algum tempo, disse que o pai batia sistematicamente na mãe e que esta poderia sair de casa.

A forma como o rapaz disse isto, parecia que a mãe não saía porque não queria. Eu só lhe perguntei para onde a mãe iria viver e ele não soube responder. Existem de facto grandes obstáculos reais que impedem a mulher de tomar uma atitude», disse Conceição Brito Lopes. Mas, para esta advogada, existem duas razões que levam quase sempre as mulheres a retraírem-se e a retirarem as queixas depois de as apresentar: a vergonha e o medo.

«Muitas há que suportam o casamento por causa das aparências. Por que, perante os outros, o marido é bem visto. Outras chegam mesmo a dizer que o marido bate, mas no fundo é bom homem. Para algumas o conceito de

violência física tem a ver com grandes tarefas e então dizem que o marido - bater, bater - não bate. De vez em quando dá umas bofetadas e mais nada. Quando as mulheres dizem que não fizeram queixa do marido por vergonha, nós aqui, na CCF, tentamos explicar que não há razão para ter vergonha de um crime que não cometeram», referiu a advogada. Muito embora exista por parte de algumas mulheres o receio de tomar uma atitude, elas recorrem à CCF numa tentativa de solucionar o seu problema. E dirigem-se lá por diversas razões: ou não têm dinheiro para pagar a um advogado, ou porque acham que esta é a instituição adequada para defender os seus direitos ou,

simplesmente, porque precisam de desabafar com outras mulheres que sabem, à partida, que são solidárias.

O que gera a violência

É difícil apontar razões concretas que levam à violência na família, mais especificamente as causas porque alguns homens batem nas mulheres. Todavia, frustrações sofridas anteriormente, uma infância infeliz, o papel tradicional do homem alimentado por uma educação, também ela tradicional, o papel clássico de resignação e submissão da mulher, o alcoolismo ou a infidelidade conjugal são factores que podem contribuir para um comportamento violento por parte dos homens. Um relatório feito por Conceição Brito Lopes, com dados de 1988, revela que se dirigiram à CCF manifestando a vontade de deixarem o marido, 36 tinham como justificação os maus tratos físicos, 25 o adultério do marido (considerado também por esta instituição como uma violência familiar), 10 o mau entendimento, 14 separação ou abandono do lar, 12 maus tratos não físicos, 11 porque o marido não dava assistência moral e/ou material, 10 por mútuo consentimento, sete porque o marido era alcoólico, três porque era drogado, dois porque era jogador, três porque era perturbado e três por ofensas sexuais.

Através destes números pode-se verificar que o dito popular «quanto mais me bates, mais eu gosto de ti», evocado por muitos homens, não corresponde à verdade.

Gisela Oliveira

DUAS PALAVRAS À «PANTERA»

O movimento estudantil italiano à luz de antigas experiências

Por Rossana Rossanda

Da acusação de ser terreno para o antigo ou novo futuro terrorismo, passa-se à acusação de impedir os estudos aos filhos dos trabalhadores que tanto se sacrificaram para os fazer licenciar. A linha que visa afundar o movimento estudantil italiano (denominado «pantera») tem muitas flechas no seu arco. Na primeira linha encontram-se Andreotti, Gava, Ruberti, Comunione e Liberazione, o PSI, e às suas ordens a Imprensa e os canais televisivos da RAI.

É inverosímil a primeira acusação e indecente a segunda. Não bastam três ou quatro ex-presos, que aliás falam no pretérito, para dizer que o movimento está infiltrado por organizações armadas, até porque estas já não existem. Há quilómetros de documentos que declaram a luta armada encerrada, ultrapassada e talvez «errada»; e se nem todos dizem «errada» em 17 ras redondas é porque, num sistema penal como o nosso, tal afirmação é tomada e usada como colaborante com a Ffjúcia e favorável à delação e à procura de prémios. Um país que lembrasse Beccaria, que não era bolchevique, ou até mesmo Montesquieu, proporia o debate e não o silêncio sobre o assunto.

Indecente é a segunda acusação. Não só por ser, desde sempre, usada pelos patrões e fura-greves contra os trabalhadores em greve, mas por pressupor como certo e sabido aquilo que a verdade está longe de o ser, isto é, que nas universidades de hoje estuda-se bem e adquire-se uma qualificação que facilita a entrada feliz no mundo do trabalho. Isto não é verdade, e a origem do movimento estudantil italiano está mesmo na percepção de que assim não é. Os estudantes aperceberam-se disso ao sentir que são tratados como uma massa submissa, encurralada num túnel sem saída, formada sem espírito crítico e ameaçada por uma reforma que vê na intervenção dos empresários privados a via principal para o *nemesis clausus*, conseguido através da taxa de inscrição, e para a subordinação da Universidade aos lucros de um determinado modelo de ordem.

Será que o Doutor Andreotti, o Doutor Ruberti, a RAI e os jornais italianos nos tomam por parvos? Quantos são os estudantes e quantos os licenciados? E quantos licenciados absorve o mercado de trabalho? Sabe-se que a improdutividade actual é programada. O mercado de trabalho não absorve mais licenciados porque este modelo de desenvolvimento não precisa de mão-de-obra altamente qualificada e crítica. Por essa razão não se quer que os estudantes se reünam e raciocinem. Eles não devem «ver» a sociedade em que estão, nem perceber a falta de saídas que se lhes depara. Na consciência disto reside aquilo que mais incomoda os «manipuladores», «subversão» que eles temem.

Os ex-combatentes ou sobreviventes do movimento de 68 e de 77, ou de qualquer outra época, cometem um enorme erro ao correrem atrás dos estudantes, encurralando-os nos seus dilemas passados e na sua história.

Assim fazendo, expõem-se permanentemente à chantagem que foi mortal para o movimento estudantil na segunda metade dos anos 70: estás com as Brigadas Vermelhas ou com o Estado? Fazes uma declaração de fidelidade ou és terrorista? Juras sobre esta democracia ou aceitas o terrorismo? Não é lícito atirar este movimento de hoje, que é jovem, amplo e frágil, para a fogueira onde se queimou uma geração que chegou com os ossos quebrados aos anos 80.

Não se trata de fugir às perguntas que a nós, mais velhos, são dirigidas, mas de ter a coragem de dizer aos mais novos que não temos vitórias com que embandeirar, e que nem todas as derrotas foram fruto da maldade do adversário, mas também das fraquezas ou dos erros de certas lutas que empreendemos.

A coisa mais séria a dizer-lhes é que auscultem a sua própria voz, indo até ao fundo de si próprios na análise da situação actual, nesta ofensiva da conservação. Como poderão garantir a própria sobrevivência, em vez de nascer fortes e acabar no funil desta ou daquela facção, de esquerda ou de direita, como aconteceu das outras vezes? Como se salvarão do esgotamento em confrontos sobre esta ou aquela moção, para em vez disso se concentrarem sobre os objectivos e a plataforma a adoptar? Até que ponto o volver ao passado não é uma fuga à sua solidão no presente e ao silêncio do resto da sociedade? Não seria isto que deveríamos dizer-lhes, sendo, enfim, um pouco mais marxistas e um pouco menos «moscas cocheiras»?

II Manifesto/Diário de Lisboa
Trad: Alessandra Balsamo

N.T. — (Mosca cocheira: quem, sem ter a autoridade e o direito de o fazer, tem a presunção de orientar os outros)

FORUM

REAL, REAL, POR UM MINISTRO DE PORTUGAL!

O sr. ministro da Qualidade de Vida, prof. Fernando Real, acaba de introduzir, no debate parlamentar, e na vida política, um estilo. Plenário da Assembleia da República.

A oposição levantar-se-á e perguntará, ao sr. ministro, qualquer coisa como:

- Sr. ministro, contra o crude, que medidas é que tem?

E o sr. ministro, perpassando fichas e tirando uma, lerá:

- Resposta 27: o eucalipto!

Perplexa a oposição:

- O eucalipto contra o crude, sr. ministro?!

E o sr. ministro, perpassando fichas e tirando outra:

- Resposta 32: os clandestinos da Caparica!

E a oposição abismada:

- Mas sr. ministro, que têm a ver os clandestinos da Caparica com o eucalipto e o eucalipto com o crude?!

E o sr. ministro lendo sempre:

- Resposta 19 a 22! 19: está em estudo! 22: está respondido em 19!...

Não, perdão!, resposta 19: está respondido na resposta 22! Resposta 22: está em estudo!...

A oposição:

- E a extracção das areias dos leitos dos rios?!

O ministro:

- Resposta 32-B!

A oposição:

- E as centrais nucleares?!

O ministro:

- Resposta 6!

A oposição:

- E o Tejo?!

O ministro:

- Resposta 12/33, cruzada com o

ponto 2 da resposta 121/A!

A oposição:

- E o Sado?!

O ministro:

- O Sado?!

Perpassará fichas.

Voltará, nervosamente, a passar.

Em vão.

O ministro, para o sr. presidente da Assembleia:

- Sr. presidente, falta-me o Sado!

Será aí que toda a bancada do PSD se precipitará para ajudar o sr. ministro a encontrar, no chão, nos degraus, debaixo da mesa, o Sado.

Dirá, talvez, o sr. dr. Almeida Santos que o sr. ministro da Qualidade de Vida, deviam ensinar-lhe o que é o Parlamento. E o sr. dr. Basílio Horta, que o sr. ministro da Qualidade de Vida, deviam explicar-lhe o que é o Governo.

Em rigor, e ao contrário do que pensará, porventura, perante esta prestação do sr. ministro da Qualidade de Vida, um médico do sr. ministro da Defesa, citando involuntariamente o sr. general Carmona, a remodelação não está doente.

Porque o sr. dr. Montalvão Machado, presidente do Grupo Parlamentar do PSD, receberá instruções para se erguer e dizer:

- Sr. presidente, srs. deputados! As instituições parlamentares ou se adaptam ou morrem! Céleres

vão os tempos, morosas vão as instituições parlamentares. Sucedem-se, lentas, as perguntas dos srs. deputados, exigindo, dos srs. membros do Governo, respostas morosas, roubando, aos homens que nos conduzem, tempo precioso. O sr. ministro da Qualidade de

Vida veio propor-nos, em nome do sr. primeiro-ministro, uma metodologia que é meio caminho andado para a total informatização do Parlamento! Será assim: todas as perguntas terão um número, todas as respostas terão um número. Os srs. deputados dirão, por exemplo: «7!» Ou: «13!» Ou: «49!» Os srs. membros do Governo responderão simplesmente «123!» Ou: «119!» Ou: «74!» Sabendo-se antecipadamente o que perguntam todas as perguntas e a que números correspondem e sabendo-se previamente o que respondem todas as respostas e a que números equivalem, teríamos aqui um ganho importantíssimo de tempo. Para o Parlamento e, sobretudo, para o sr. primeiro-ministro. Isto quanto a perguntas e respostas. As intervenções de fundo, designadamente as do sr. primeiro-ministro, passarão a ser, também elas, numeradas. Pelo que o sr. primeiro-ministro poderá chegar ao Parlamento e dizer: «Sr. presidente, srs. deputados: 73 424! Tenho dito.» E sair. Ou: «685 959! Tenho dito.» E sair. Ou mesmo: «Não direi nada. O ministro 7 dirá 4 372 ao deputado 273! Tenho dito.» E sair. Esta proposta do sr. dr. Montalvão Machado será, naturalmente, recebida com toda a violência de que a oposição é capaz. E o presidente do Grupo Parlamentar do PSD, tirando de um saco bolas numeradas:

- Eu, à oposição, o que respondo é o seguinte: 7, 12, 19, 23, 27 e 29. Número suplementar: 4! O deputado Raul Rego, escarlate, soltará:

- Viva a República!...

E o sr. presidente da Assembleia, para a antiga mesa dos taquígrafos:

- Ponham: aparte 257 - RR!



Artur Portela

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES SECRETARIA DE ESTADO DA CONSTRUÇÃO E DAS VIAS TERRESTRES



NOVOS NÚMEROS DE TELEFONE

87 35 47
87 33 23
87 36 32
87 36 59
87 37 11
87 45 46

CAEOPP (Comissão de Alvarás de Empresas de Obras Públicas e Particulares)

CIFE (Comissão de Índices e Formulas de Empreitadas)

CAECCAL (Comissão de Análise e Estudos de Conjuntura da Construção e de Acompanhamento da Legislação)

FORUM

CARTAS
NA MESAJSD
aliada
da Nova
Monarquia

Em relação à entrevista dada ao «Diário de Lisboa», publicada com o título «Extrema-direita oposta na conquista dos estudantes», desejaria rectificar alguns pontos que não foram expostos com clareza:

1.º - Não foi só a Força Nacional/Nova Monarquia que, exclusivamente, ganhou a Associação de Estudantes da Escola Passos Manuel, mas a vitória da Lista J resultou sim de uma coligação entre a JSD (apoiando somente o departamento nocturno).

2.º - Referenciar o facto de eu, Miguel Rodrigues, ser militante na JSD, bem como alguns membros da lista na parte diurna e nocturna.

3.º - Eu, Miguel Rodrigues, ainda não sou nominalmente presidente da Associação de Estudantes pela razão de a Lista J ainda não ter tomado posse.

4.º - A coligação da Lista J resultou da fusão de duas listas, as quais ainda não tinham estruturas na parte nocturna (JSD) e na parte diurna (FN/NM).

De referenciar que o departamento nocturno apoiado pela FN/NM é dotado de certa autonomia para melhor servir os interesses nocturnos.

5.º - Fazer a rectificação do autor das afirmações referentes à perseguição dos professores à Lista J, da má vontade do Conselho Directivo em relação à aceitação dos resultados e também referente à seguinte citação: «Dizem que nós somos fascistas mas eles é que não nos toleram.» Estas afirmações foram proferidas pelo responsável pela juventude da FN/NM, que assume total responsabilidade pelas mesmas retirando qualquer responsabilidade a Miguel Rodrigues.

Miguel Rodrigues,
leitor de Lisboa

A RECICLAGEM
DO INIMIGO DO INTERIOR:
DA POLÍTICA À DOENÇA

A já longa história das sociedades modernas (aceitando que elas só começaram a existir após a Revolução Francesa) caracteriza-se pela existência não só de inimigos exteriores — que, entre o mais, permitem justificar a organização dos exércitos — mas, sobretudo, pela fortíssima presença dos inimigos do interior. Nenhuma sociedade conseguiu, praticamente até aos nossos dias, separar-se da visão dicotómica da sociedade: de um lado os civilizados, do outro os selvagens.

Numa passagem curta de um romance pouco conhecido entre nós, *Les Paysans*, Balzac diz aos leitores franceses da sua época: por que se interessam tanto pelos Sioux? Basta ir ao campo para encontrar selvagens a dar com um pau. E já tivemos aqui ao lado os nossos selvagens, é verdade que muito domesticados: mas o que foram os saloios para os lisboetas de várias gerações senão uma boa reserva «índia» em Portugal?

Não seriam os piores inimigos do interior: havia ainda os vagabundos, os vadios e, após o aparecimento da Revolução Industrial, que criou o proletariado, hoje em via de dissolução, criou-se a famosa «classe perigosa», constituída pela gente em geral, provinda do campo que trabalhava nas fábricas e vivia como podia, em barracas infames. Sendo, embora, o nosso proletariado praticamente inexistente, nem por isso escapámos às medidas preventivo-repressivas inventadas pelas grandes metrópoles europeias e já americanas.

No miolo desta «classe perigosa», havia os ainda mais perigosos: os anarquistas, em primeira linha, sobretudo a partir do momento em que alguns deles decidiram empregar os métodos directos para liquidar fisicamente a burguesia. A França forneceu à Europa o modelo físico desse tipo de anarquista, ao mandar Ravachol para a guilhotina. Não havia ainda terrorismo, mas as bombas iam florescendo através da Europa para dizer o desespero das classes que as instituições iam esmagando e rejeitando.

Situação mais complicada após a criação da AIT — Associação Internacional dos Trabalhadores — que associa anarquistas, internacionalistas, pacifistas e comunistas. Contrariamente a uma ilusão

corrente, estes só começam a ocupar o lugar prestigioso de inimigo do interior a partir de 1917: a Revolução Soviética e Lenine forçam as instituições europeias a rever as imagens do inimigo do interior. Os especialistas da identificação criminal são obrigados a reclassificar as fotografias que iam, entretanto, dando vida aos álbuns, aos arquivos, às fichas antropométricas.

Contudo, a partir desse mês de Outubro de 1917, a Europa e o mundo têm organizado as suas escolhas policiais em função do inimigo do interior. Situação agravada pela aparição dos regimes totalitários, que assentaram a sua ideologia e a sua repressão na denúncia e na liquidação do inimigo do interior, o comunista-revolucionário, empapado em marxismo-leninismo.

A única variante interna que apareceu entretanto é constituída pela exacerbação do anti-semitismo da Europa Central, que levou os alemães nazis a organizar a deportação e a liquidação física de milhões de homens e de mulheres, cuja única «culpa» era serem judeus. E, arrastados pela vaga eugenista que era a sua, os alemães foram liquidando os ciganos (que entre nós não gozam de boa reputação), os doentes mentais e os homossexuais.

A partir de 1945, o mundo entrou na dura espiral da «guerra fria», que transformou os comunistas em inimigo do interior absoluto. Liquidados os anarquistas, sobravam os comunistas, que foram reduzidos a postas por todos os regimes totalitários, não tendo sido, contudo, melhor tratados pelos países democráticos. Basta pensar um momento na invenção terrível do machartismo nos Estados Unidos, que não só banalizou a delação, mas contribuiu para a degenerescência dos princípios éticos que sempre tinham animado o país, sobretudo graças ao espírito «quaker» de uma fracção dos protestantes norte-americanos.

A guerra da Coreia primeiro, a do Vietname em seguida, são ainda consequências dessa visão em que se conjugava o inimigo do interior com o inimigo do exterior. A Alemanha de Leste conseguiu proceder à caricatura mais brutal da situação, ao elevar um muro — que ainda não conseguiu desaparecer inteiramente — que quis pôr os seus concidadãos ao abrigo dos inimigos do exterior: a burguesia capitalista, os regimes capitalistas e o próprio capital. Sabe-se onde isso levou,

mas não será caso de nos lançarmos nessa pista.

Os primeiros a compreender a necessidade de proceder a uma revisão da figura do inimigo do interior foram os franceses, graças ao neonazi Jean-Marie Le Pen. A queda brutal do número de militantes comunistas, acompanhada pela renúncia a qualquer ideia ou princípio revolucionário, fizeram do Partido Comunista Francês um subpartido, uma vez que os seus projectos estavam aquém dos socialistas. Não valia a pena continuar a gastar cera com tão ruim defunto.

Ora, o inimigo do interior estava à vista de toda a gente: formado pelas legiões de trabalhadores estrangeiros que a França requisitava para proceder à reconstrução de um país assaz maltratado pela guerra, e para proceder, enfim, ao desenvolvimento de um aparelho industrial que, em 1945, se mostrava bastante arcaico. O êxito foi fulminante, a ponto de não haver hoje partido político francês que não seja obrigado a definir-se perante o «emigrante», que ameaça — diz a extrema-direita — perverter a própria base da «consciência nacional» francesa.

Se a Alemanha parece estar ainda a contas com o que resta dos diversos fragmentos dos «anarquistas urbanos», provindos das teses de Ulrika Meinhoff — que se transformou nos registos policiais em Bando de Bader —, a verdade é que os emigrantes ocuparam já uma parte desse espaço privilegiado, mesmo se negativo. A vaga de refugiados de Leste, que começa a desencadear sérios problemas internos, reforçou a denúncia desse inimigo do interior, que também compromete seriamente a organização nacional alemã. Vamos assistir nestes próximos meses ao reforço desta campanha, que responde também a velhos fantasmas eugenistas alemães (para simplificar: chama-se eugenismo ao conjunto das teorias que procuram manter a pureza da raça, repelindo toda e qualquer forma de mestiçagem).

São os Estados Unidos que procedem neste momento — ou de há alguns anos a esta parte — à mudança mais singular, provavelmente sob a pressão de modificações internas. Neste caso, o inimigo do interior é o traficante de droga, que ameaça à própria

estrutura moral da nação, uma vez que, para consumir a droga, o drogado não hesita perante a violência e o crime. Se a guerra fria terminou, como proclama o presidente Bush, mal seguido, é verdade, pela Secretaria de Estado, esta foi substituída por uma guerra inédita no panorama internacional.

É em nome da guerra contra a droga que os Estados Unidos invadem o Panamá, tal como é em nome da guerra que uma parte da frota americana se instala ao largo das costas da Colômbia, não se sabe bem se apenas para proceder a um acto de intimidação, se para preparar mais uma invasão, em nome desta nova cruzada.

Face à recusa da norma a que se procede por via do consumo da droga, os Estados Unidos não sabem como proceder, já que não podem meter na cadeia todos os drogados: uma fracção da adolescência americana estaria já enjaulada, com todas as consequências negativas que semelhante decisão havia de acarretar. Pelo que só há uma solução: proclamar a universalidade da guerra à droga — produtores e traficantes associados na mesma ignomínia.

Deixo para o fim um grupo de que já se falou muito, de que se fala hoje menos, mas que representa o que se pode designar como o mais insidioso inimigo do interior: quero referir-me, como é evidente, à SIDA e aos sidosos. Os grupos ou associações que se ocupam da ética — médica ou civil — procuram repelir os controlos das populações, esbarrando contra a maneira como as administrações ou as empresas procuram identificar os portadores de SIDA para os excluir do trabalho, da sociedade, do mundo, da vida. Como se estivessemos em vias de assistir a uma prodigiosa mutação do inimigo do interior: até há alguns meses atrás, ele era essencialmente caracterizado pela ideologia e pela prática política, revolucionária, terrorista, contestatária. Hoje, as características desse inimigo são diferentes: o que este terrorista põe em perigo em primeiro lugar é a sua própria pessoa, furtando-se, assim, ao controlo normal da sociedade. Não se trata já da contestação por via da acção colectiva, mas do desmembramento da sociedade pela via individual: fechado no seu quarto, com uma colher na mão e uma seringa, o drogado repele a sociedade. E dá ao inimigo do interior a sua nova figura.



Alfredo Margarido

POLÍTICA



Soares empossou ministros - Os novos titulares ministros da Defesa Nacional e da Justiça, respectivamente Fernando Nogueira e Laborinho Lúcio, foram esta manhã empossados em Belém por Mário Soares. O antigo ministro da Justiça, substituído por Lúcio, ocupou o lugar deixado vago por Carlos Brito, exonerado a seu pedido por motivos de doença.

Socialistas têm programa de governo em fase de conclusão

O processo de elaboração do programa de governo a apresentar pelo PS nas eleições legislativas de 1991 deverá estar concluído ainda este mês - revelou à agência Lusa António Costa, secretário nacional do partido.

O programa será divulgado em todo o País a partir de Abril, por forma a ser conhecido dos portugueses, com a maior clareza, antes do sufrágio. As bases foram analisadas este fim-de-semana, em reunião realizada em Lisboa, na qual participou Jorge Sampaio. Tratou-se, para já, de organizar o debate público do documento, que deverá ser discutido «em diálogo com os agentes económicos, sociais e culturais».

A comissão de elaboração do programa é constituída pelos membros do secretariado nacional do PS e personalidades influentes do partido, como Almeida Santos e Jaime Gama.

Para o Conselho da Europa

Deus Pinheiro recebeu pedido da Bulgária

Surpreendendo todos e «furando» as etapas do protocolo, a Bulgária entregou inesperadamente o seu pedido de adesão plena ao Conselho da Europa, poucos minutos antes de o ministro português dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro abandonar Sofia, no final de uma visita de menos de 24 horas.

De facto, perante a surpresa de Deus Pinheiro que se deslocou à Bulgária no âmbito de uma digressão por oito países do Leste europeu, na dupla qualidade de chefe da diplomacia portuguesa e de presidente do Comité de

Ministros do Conselho da Europa, o ministro búlgaro entregou ontem ao seu homólogo português, uma carta solicitando a adesão plena daquele país à organização.

No entanto, o desejo das autoridades búlgaras não deverá ser imediatamente realizado, pois segundo fontes da delegação, na qual se integra a secretária-geral do Conselho da Europa, Catherine Lalumière, os trâmites para a adesão de um país são geralmente demorados e dependem do preenchimento prévio de condições como a democracia interna, o respeito

pelos direitos humanos e a existência de um Estado de direito.

Saliente-se o facto de a Bulgária ainda não ter obtido o estatuto de convidado especial da Assembleia.

Bulgária convidada para reunião em Lisboa

Apesar de ainda não ser membro de pleno direito a Bulgária foi convidada, por João de Deus Pinheiro, a participar a 23 e 24 de Março, em Lisboa, na sessão especial dos ministros membros do Conselho, na qual foram estarão presentes vários chefes das diplomacias do centro e do leste europeu.

Catherine Lalumière manifestou no final da visita a Sofia a disponibilidade do Conselho para prestar toda a ajuda de que a Bulgária necessita para dar os seus passos no sentido da democracia. Por seu turno, Deus Pinheiro mencionou ainda que os actuais programas de apoio ao desenvolvimento de países do centro e leste europeu lançados pela Comunidade Europeia se poderão estender futuramente a países como a Bulgária.

Hoje, o ministro português encontra-se em Belgrado com autoridades jugoslavas

segundo para Budapeste onde se reunirá com líderes húngaros e dirigentes da oposição.

Cavaco na URSS em Maio

O primeiro-ministro, Cavaco Silva, poderá visitar oficialmente a União Soviética na segunda quinzena de Maio, respondendo a um convite do seu homólogo soviético, Nicolay Ryzkhov, anunciaram fontes diplomáticas. Durante o encontro que Deus Pinheiro manteve na sexta-feira em Moscovo com o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnaze, este comunicou-lhe que a proposta de Moscovo para a visita oficial de Cavaco Silva era no sentido de que esta se realizasse na segunda quinzena de Maio.

Depois dos acontecimentos de Dezembro do ano passado na Roménia que conduziram à queda de Nicolae Ceausescu,

Portugal vai reabrir até ao Verão a sua embaixada em Bucareste, encerrada há cerca de um ano. Simultaneamente a Roménia anunciou que em breve colocará em Lisboa um novo embaixador.

Lusa/«DL»



A delegação do Conselho da Europa reunida, este fim de semana, com os dirigentes romenos

Marques Mendes provável secretário-geral do PSD

Falar do futuro secretário-geral do PSD significa obter por resposta frases evasivas e cúmplices por parte dos militantes mais destacados do Partido Social Democrata. «Ainda é cedo» dizem-nos, enquanto comentam os nomes dos potenciais candidatos para o cargo.

Duas coisas são dadas como seguras: o próximo secretário-geral não será Dias Loureiro, nem uma figura que na altura esteja ligada ao Governo.

Os nomes de Marques Mendes, Duarte Lima, Leonor Beza, Rui Carp e Carlos Pinto têm aparecido na imprensa como potenciais sucessores ao actual secretário-geral, mas dos contactos mantidos pelo Diário de Lisboa apenas dois destes dirigentes sociais-democratas são considerados como as hipóteses mais prováveis.

O DL apurou que Marques Mendes é o homem desejado por Fernando Nogueira para a liderança do partido.

O actual secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros tem a seu

favor o elevado grau de confiança de Cavaco Silva, o apoio do homem mais forte do Governo e ainda a amizade e confiança de Eurico de Melo. Ou seja, Marques Mendes tem todas as condições para fazer uma desejada ponte de entendimento entre o primeiro-ministro e o ex-vice-primeiro-ministro, desavindos desde a saída de Eurico de Melo do Executivo aquando da remodelação governamental. Além destes factores, Marques Mendes é ainda reconhecido entre os seus pares, como «um homem de diálogo, conhecedor das estruturas do PSD».

Há apenas um inconveniente na candidatura do actual secretário de Estado: o facto de ser membro do Governo, numa altura em que a palavra de ordem das bases do partido é «desgovernamentalizar». Mas, até este inconveniente, segundo fonte social-democrata, pode ser facilmente ultrapassado: Marques Mendes deixava a Luis Marques Guedes, homem da sua confiança, a

secretaria de Estado da Presidência do Conselho de Ministros. Carlos Pinto é outro dos nomes ouvidos com frequência nos contactos estabelecidos pelo Diário de Lisboa.

O actual presidente da Covilhã obteve um bom resultado eleitoral nas autárquicas e são conhecidas as preferências de Cavaco Silva por este homem, até à pouco desconhecido nos círculos sociais-democratas da capital, que no último Congresso entrou directamente para a Comissão Política Nacional pelas mãos do presidente do partido. No entanto, são só os mais pessimistas que consideram possível que Cavaco «decida, sozinho, colocar um desconhecido como secretário-geral».

Tanto Leonor Beza como Rui Carp são hipóteses que têm perdido peso, se é que alguma vez ultrapassaram a fronteira da especulação. Eurico de Melo está a preparar-se para ir ao Congresso do PSD, marcado para

os dias 6, 7 e 8 de Abril.

O ex-ministro da Defesa é vice-presidente da Comissão Política do partido, o que lhe permite, por inerência, participar na reunião magna dos sociais-democratas.

Eurico de Melo não está parado. Apesar da ausência sistemática nas reuniões dos órgãos nacionais do partido, o ex-vice-primeiro-ministro voltou às origens, conjugando uma nova dinâmica na distrital de Braga com os cuidados com a lavoura.

Foi o próprio Eurico de Melo que disse ao DL «não haver qualquer razão para não ir ao Congresso», mas colocou uma condição: «se nada de especial acontecer, isto é, a manter-se a actual situação».

Eurico «não vai partir a loiça», como se chegou a afirmar, antes pelo contrário. Segundo declarações de amigos do ex-ministro da Defesa, vai prevalecer a faceta conciliadora e de árbitro de conflitos que caracteriza Eurico de Melo nos momentos mais difíceis para o partido.

M.J.R. / JR

B R E V E S

Têxteis discutidos hoje em Bruxelas

A delegação socialista portuguesa em Bruxelas anunciou que, na sequência de um encontro entre o ministro irlandês da Indústria e o deputado socialista João Cravinho, em Dublin, o problema dos têxteis será abordado na reunião do Conselho de Assuntos Gerais, que decorre hoje, em Bruxelas.

Apoio da UDP a Soares é pouco provável

O secretário-geral da UDP, Mário Tomé, disse no Funchal que o partido ainda não tomou nenhuma decisão sobre as eleições presidenciais de 1991 mas é pouco provável o apoio a Mário Soares. Mário Tomé, que participou no Funchal na reunião do conselho regional da UDP, criticou Cavaco Silva e «o maior partido político português que não são capazes de apresentar uma alternativa para as presidenciais, preferindo antes o primeiro-ministro abrigar-se debaixo da asa de Mário Soares».

Lucas Pires admite alternativa ao actual PR

O eurodeputado Lucas Pires disse, em Coimbra, que concorrer com Mário Soares às eleições presidenciais «não constitui um regicídio». O antigo líder do CDS, que falava durante um jantar debate em que participaram Manuel Porto e Belmiro de Azevedo, escusou-se contudo a dizer se está nas suas intenções candidatar-se à Presidência da República em 1991.

INES pagou à nascerça os custos do consenso

Consagrada maioria não-comunista na direcção, enquanto conselho geral integra quase todas as sensibilidades

José Manuel Correia Pinto, um independente que fez parte de diversos governos provisórios, é o nome apontado como mais provável para presidir ao Instituto de Estudos Sociais (INES), cuja direcção reúne amanhã.

Apenas quatro dos nove membros do órgão, eleito no sábado em Lisboa ao cabo de uma longa maratona, são militantes do PCP: Veiga de Oliveira, Raimundo Narciso, Manuel de Almeida e Osvaldo de Castro. Fica assim consagrada, ao nível da direcção, uma maioria não-comunista, como previra o «DL» na edição de sexta-feira.

A constituição definitiva dos órgãos sociais do INES sofreu sucessivas alterações na proposta do grupo dinamizador. Mário Murteira foi a primeira aposta para o cargo de presidente, mas não chegou a ser sufragado sequer como membro da direcção. Ao recusar, evocando afazeres profissionais que o obrigariam em breve a prolongada

ausência no estrangeiro, foi «transferido» para o Conselho Geral, tomando Rui Mário Gonçalves o seu lugar na direcção.

Este crítico de arte que já foi candidato pela CDU como independente é um dos cinco não-comunistas do núcleo executivo do INES. Militantes socialistas, há dois - Fernando Loureiro e Gualter Basílio. O sindicalista Manuel Lopes e Correia Pinto preenchem os restantes lugares.

Recusa do «presidencialismo»

A eleição do presidente entre os membros da direcção e não directamente pela Assembleia ou como cabeça-de-lista acabou por virar, após acalorada discussão, que pôs a nu algumas das divergências que subsistem entre os membros do INES.

O critério, afinal inspirado na tradicional prática dos partidos comunistas, era uma das pedras basilares do ante-

projecto de estatutos, mas passou «à tangente» na reunião de sábado. A questão opôs, entre outros, Vital Moreira e Raimundo Narciso, chegando a produzir um pequeno incidente «regimental» quando Armando Bacelar, que dirigiu os trabalhos, quis impedir Narciso de tomar a palavra.

Vital, defensor do anteprojecto, recusou com veemência a indicação prévia do presidente, invertendo, aparentemente, a tendência da Assembleia. Argumento base: o «presidencialismo» sustrai-se à personalização do sufrágio e veja-se o exemplo dos executivos autárquicos.

Não foi este único momento em que as opiniões se polarizaram. A diversidade de posicionamentos políticos no seio da esquerda, presente «por inteiro» numa sessão que fez lembrar as RGA de tempos idos, faria abortar, também noutras ocasiões, a almejada unanimidade, chão que já deu uvas noutros fóruns

e que neste está longe de se tornar realidade.

O preço do consenso

Se a unanimidade é miragem numa organização desta natureza, o consenso alcança-se à custa de delicadas negociações, como ficou patente na preparação da lista para o Conselho Geral, órgão que - mais pela composição do que pelas competências - será decisivo na orientação do INES.

Concebido como assembleia representativa das diversas tendências, o primeiro Conselho nasceu torto e candelado a nascer e a morrer. Algumas personalidades foram convidadas para o órgão já a Assembleia decorria, o que pode explicar-se, em parte, pela ausência de uma organização digna desse nome. Foi o caso de Francisco Louçã e Heitor de Sousa.

O Secretariado do PSR já decidira que os militantes do partido que aderiram ao INES - os dois citados, Alfredo Frade e Bárbara Soares - não participariam nos corpos gerentes. Apesar disso - e de a questão estar de novo em agenda para a reunião do Comité Central do partido do final deste mês - nem por isso deixou de cair mal a atitude dos proponentes das listas.

Bem mais grave, porém, foi a apresentação de uma lista de 71 nomes, em vez dos 60 estatutariamente previstos, que provocou uma



Orlando Carvalho, José Magalhães, Armando Bacelar e Jorge Leite: a mesa viu-se e desejou-se para «segurar» a «RGA» de sábado

reação generalizada. Orlando de Carvalho ameaçou sair da lista caso não fossem retirados 11 nomes. E Vital Moreira, que justificou a opção com base na necessidade de estabelecer um consenso alargado, foi apelidado de «demagogo».

Chegou a admitir-se o adiamento da eleição. Porém, perante a pressão da Assembleia, as «cúspulas» foram obrigadas a recuar. Barros Moura ainda tentou salvar a proposta inquinada à partida, reconhecendo a complexidade da negociação, mas o «preço» do consenso teve mesmo de baixar, para os 60 nomes.

«Caem» Aníbal e Vítor Neto

Da lista inicial, a que o «DL» teve acesso, foram assim retirados diversos nomes sonantes, como o vereador lisboeta Anselmo Aníbal (independente), Seixas Neves (da Intervenção Democrática), Pedro Osório (MDP) e Vítor Neto, antigo responsável da SIP do PCP, auto-excluído em Maio de 1988.

Permaneceram na lista, naturalmente, destacadas personalidades do movimento de contestação à direcção comunista, como José Magalhães, Zita Seabra,

José Luis Judas, Vital Moreira, José Saramago e Barros Moura. Além de um bom número de independentes, o órgão integra diversas figuras da área socialista, como Edmundo Pedro, Armando Bacelar, Beja Santos, Alberto Costa e Aquilino Ribeiro Machado.

Discutido ponto por ponto, o anteprojecto de Estatutos consagrou uma filosofia «abrangente», no plano programático. O INES propõe-se debater não apenas a teoria e a prática do movimento comunista, mas também do socialista, do social-democrata e dos «alternativos». Foram, por outro lado, eliminadas as referências à situação «especial» dos países socialistas, reflectindo a diversidade de matrizes ideológicas que este «espaço de diálogo de carácter plural» terá de gerir.

Controversa foi, também, a questão orgânica. A Comissão de Redacção fez valer as suas teses, chumbando uma proposta que previa estruturas de âmbito regional. O INES recusa - como afirmou Orlando de Carvalho - «paradigmas partidários de carácter burocratizante». Deseja «o mínimo de vigilantes e controladores».

Paulo Martins

Clube Português de Imprensa

PRÉMIOS DE JORNALISMO/89

Prémio de Reportagem — Valor 500 000\$00.
Prémio de Foto-reportagem — Valor 500 000\$00.
 Apoio: Diário de Notícias, EP, Sojornal, Presselivre, Empresa do Jornal de Notícias, Edipress, Diário de Lisboa, Proinfec, Selecções Reader's Digest, Interpress, VASP, Projornal, SOCI — Sociedade de Comunicação Independente, SA, Direcção-Geral de Comunicação Social. Prazo de entrega: 31 de Março.

Prémio de Reportagem (Televisão) — Valor 500 000\$00.
 Apoio: RTP. Prazo de entrega: 31 de Março.

Prémio de Reportagem (Rádio) — Valor 500 000\$00.
 Apoio: RDP. Prazo de entrega: 31 de Março.

Prémios Revelação (Imprensa/Televisão/Rádio) — Valor 500 000\$00.
 (Destinado a jovens jornalistas com idade não superior a 25 anos).
 Apoio: Direcção-Geral de Comunicação Social. Prazo de entrega: 31 de Março.

Prémio Europa — Valor 500 000\$00.
 (Trabalho sobre a adesão de Portugal às Comunidades, publicado na Imprensa, da autoria de jovens jornalistas ou colaboradores de jornais com idade não superior a 25 anos).
 Apoio: Caixa Geral de Depósitos. Prazo de entrega: 31 de Março.

Prémio Ensaio — Valor 250 000\$00.
 (Destinado exclusivamente a estudantes de Comunicação Social. Trabalho original sobre os «media», com o máximo de 40 páginas dactilografadas).
 Apoio: Presselivre. Prazo de entrega: 31 de Março.

Prémio Viagem — 1 viagem para duas pessoas, com 5 dias de alojamento, para qualquer destino TAP (Crónicas de Viagem publicadas em 89).
 Apoio: TAP-Air Portugal. Prazo de entrega: 31 de Março.

PCP mantém fidelidade ao marxismo-leninismo

O PCP prepara o XIII congresso. Realiza-se em Loures, de 18 a 20 de Maio e nele serão debatidos três temas: «Os acontecimentos nos países socialistas», «Luta pela alternativa democrática» e «Tarefas imediatas para reforço do partido».

Estes são os temas das teses para o congresso, divulgadas ontem por Álvaro Cunhal, num dos intervalos da reunião de dois dias do comité central do PCP, que hoje termina.

As teses serão publicadas na íntegra na edição de quarta-feira do «Avante!». Segundo disse Álvaro Cunhal o documento «está ainda em elaboração» e desta vez não terá a forma de um texto redigido e estanque, sujeito a votação final dos membros do comité central, como até agora acontecia.

«Ainda não apareceu qualquer proposta para alteração da filosofia marxista-leninista», disse Cunhal. No entanto um dos temas em análise é «O ideal comunista, natureza e identidade do PCP» - proporciona debate sobre esta questão. De referir que desta reunião do comité central «não sairão medidas concretas» e sim «teses provisorias» sujeitas a sucessivas apreciações nos vários órgãos do PCP até à data do congresso.

Na sessão de hoje, último dia da reunião, o comité central do PCP vai aprovar o regulamento para o debate das teses e para eleição de delegados, devendo ainda regulamentar o

respectivo funcionamento. Até agora não há notícia de haver sido pedida eleição por voto secreto para o comité central ou para a escolha de delegados, como aconteceu durante o congresso realizado o ano passado, no Porto.

Álvaro Cunhal será o único orador do comício que, na sexta-feira, assinala o 69º aniversário do PCP, disse à Lusa Romeu do Rosário, membro do comité central.

Realiza-se no Pavilhão Carlos Lopes, em Lisboa, pretende demonstrar que o PCP continua a ser «um partido para o tempo actual», segundo disse o mesmo dirigente comunista. Cunhal vai falar sobre a «realidade socio-política portuguesa» e divulgará parte das teses em debate para o congresso.

Entretanto Carlos Brito negou a existência de qualquer crise no grupo parlamentar comunista», disse que tudo decorre em perfeita normalidade e que as notícias publicadas em alguns jornais «são pura intriga tecida por meios de direita». O líder parlamentar comunista anunciou ainda a conclusão do projecto de alterações ao regimento, que será apresentado formalmente amanhã. Pretende «assegurar o reforço dos poderes de fiscalização da Assembleia da República», garantir a «democrática de funcionamento e o respeito pelas competências constitucionais» e também «reforçar os direitos dos cidadãos», perante o Parlamento.

Lusa/DL

POLÍTICA

BOCA DE CENA

Toda a gente e mais alguém no encerramento

No encerramento das jornadas, Cavaco Silva foi acompanhado por quase todos os deputados do PSD, o próprio presidente da Assembleia da República, Vítor Crespo, e muitas das figuras mais faladas do Governo.

Só ministros e secretários de Estado conhecidos, foram vistos nessa sessão de encerramento, nomeadamente, Fernando Nogueira, Miguel Beza, Arlindo Cunha, Fernando Real, Couto Santos, Durão Barroso, Vieira de Castro e Marques Mendes, para além de Dias Loureiro e Carlos Encarnação que participaram nos trabalhos de princípio a fim. Todos eles, selectos membros do Governo ou a turba-multa de deputados, abriram alas para o primeiro-ministro passar e poder verificar que, pelo menos para ouvir o seu discurso, estavam lá todos ou quase todos.

Mas na véspera, fora mais complicado e o número mais alto de inscrições registadas andou pelos 110, ou seja, com uns 40 deputados ausentes. Mesmo o número de participantes efectivos oscilou imenso, a ponto de o debate sobre o programa social-democrata, na sexta-feira, se ter esvaziado à medida que se entrava pela hora do jantar e não contar já, no seu termo, com mais que uma dúzia ou duas de resistentes.

A irresistível atracção da praia ali tão perto...

Embora inscritos com assinatura confirmada no registo de presenças, deputados houve, para grande escândalo da direcção do grupo parlamentar, bem mais sensíveis às amenidades da praia de D. Ana do que ao calor dos debates político-partidários, no primeiro dia dos trabalhos. A tal ponto que um vice-presidente da bancada social-democrata, mal apanhou o repórter à mão, não hesitou em censurar esta irresistível atracção de alguns dos seus pares pela praia, ali tão perto, na manhã ensolarada. E apontou mesmo um, mais habituado ao frio de Bruxelas e Estrasburgo e ao cosmopolitismo europeu do que às incomodidades de S. Bento, que já ultrapassava a porta do hotel, de calção e toalha ao ombro:

«Está a ver? Este, mal ouviu a saudação de abertura de Montalvão Machado, pirou-se logo para o banho...».

Só que o sábado acordou sob temporal (chuva e vento, como se fora o dilúvio e o vendaval) e se alguém pensava continuar a gozar as amenidades do clima, teve de conformar-se a ficar, portas a dentro, sem programa alternativo aos debates.

Ministros com experiência obrigatória no Parlamento

Montalvão Machado apontou como uma das razões para a descoordenação entre o Governo e a sua maioria na Assembleia da República o facto de faltar a vários membros do Governo a vivência anterior de trabalho no Parlamento.

«Não é por acaso que nas velhas democracias—e cito o exemplo da Inglaterra—ninguém pode ser membro do Governo sem ter sido antes membro do Parlamento», disse o presidente do Grupo Parlamentar do PSD, em contacto com os jornalistas.

Esta questão foi também afluída por Mário Raposo, um político com larga experiência nas duas funções, de ministro e deputado, mas para a esvaziar de significado por, como lembrou, ser «uma tradição exclusivamente britânica e não usual na Europa Continental».

Cavaco implacável com Fernando Condesso

Se as críticas individuais não escassearam, como nos disseram alguns deputados, mormente aos que praticam o absentismo militante nas bancadas da Assembleia, ninguém teve o azar do ex-eurodeputado Fernando Condesso.

Ele já fora marginalizado, nas últimas eleições para o Parlamento Europeu e, uma semana antes das jornadas, ousara conceder uma entrevista ao semanário *Tempo* em que utilizou um filtro de malha larga para deixar passar as suas queixas reprimidas. Como se sabe, Cavaco Silva não perdoa ousadias dessas e, a pretexto de uma notícia desenvolvida de véspera pelo *Diário de Notícias*, ter antecipado o resumo da intervenção de Condesso, carregou com mal disfarçado humor, sobre este deputado:

«Ainda ontem eu li num jornal aquilo que um senhor deputado iria dizer aqui no dia seguinte: sem deixar de me interrogar sobre os métodos tecnológicos, com certeza modernos, utilizados pela espionagem, nos dias de hoje, penso que nós não podemos ser ingénuos, em particular no que diz respeito aos nossos adversários», disse o primeiro-ministro.

Cavaco Silva foi às Jornadas Parlamentares do PSD travar as veleidades de autonomia dos deputados, que o grupo do Porto activara em torno do cumprimento das promessas eleitorais quanto à televisão da Igreja

Cavaco impõe regras aos deputados

A intervenção do primeiro-ministro parece ter feito abortar uma iniciativa do lobby do Porto, no Grupo Parlamentar do PSD, para entregar o segundo canal do serviço público de televisão à Igreja Católica. Segundo Cavaco Silva foi dizer a Lagos, quem manda no PSD é a Comissão Política Nacional e não o Grupo Parlamentar, que não tem estratégia própria. Como a não têm as comissões políticas distritais.

Essa entrega visava, segundo os promotores da iniciativa, cumprir promessas eleitorais e gozava da vantagem suplementar de aplacar as iras do clero contra o próprio Cavaco Silva, que hoje já só pretende abrir à Igreja parte de um dos dois canais a privatizar.

Era, portanto, um bom serviço prestado ao líder, dados os frutos eleitorais previsíveis desta iniciativa. Mas, na prática e depois de realizados aqueles objectivos políticos, facilitava também a intervenção de outros interesses no negócio: passariam a ser dois e não um e meio os canais privados o que acrescia as probabilidades de êxito dos rivais mais fortes de Balsemão nesta concorrência de milhões de contos. Esses rivais, pelo que se sabe das teias do negócio, nesta fase do processo, são exactamente empresários nortenhos, nomeadamente Belmiro de Azevedo.

Um presente caído do Céu

Foi o núcleo mais activo de deputados do Porto quem preparou este presente envenenado, na expectativa da chegada, horas depois, do presidente do PSD. Entre os primeiros subscritores avultavam os nomes de Luís Filipe Menezes, Nuno Delerue e Leonor Beza, todos do grupo do Porto na bancada social-democrata, e outros influentes deputados nortenhos.

A iniciativa entronca na tese apresentada a debate por Nuno Delerue e segundo a qual o PSD deve levar até às últimas consequências o seu modelo liberalizador, na Comunicação Social. Ele admite, inclusive, a concessão do primeiro canal à iniciativa privada, embora a titularidade deste serviço deva manter-se pública, e não possa ser alienada, por determinação constitucional.

A partir deste debate no interior do Grupo Parlamentar e fiado na receptividade que tais ideias encontraram, o novo presidente da Comissão Política Distrital do Porto, Luís Filipe Menezes, até há



Cavaco Silva falando aos deputados

pouco tempo vice-presidente da bancada parlamentar social-democrata, lançou uma espécie de abaixo-assinado entre os deputados com o objectivo declarado de ser atribuída à Igreja todo o segundo canal.

O documento foi rapidamente subscrito por muitos deputados—falou-se em 80, embora as assinaturas só tenham sido contadas até perfazerem a maioria do Grupo—e a meio da tarde de sábado chegou a parecer votado a pleno sucesso.

A Rádio Renascença recebeu-o como uma prenda do Céu e passou imediatamente a noticiá-lo com todo o aparato, recheando os noticiários de intervenções de alguns representantes importantes da maioria parlamentar.

O balão de ensaio começa a perder gás

Só que, o Primeiro-Ministro teve conhecimento do alarido e das repercussões que a pretendida recomendação estava a encontrar: imediatamente passou a funcionar em linha directa com o hotel de Lagos onde se reuniam os deputados. O balão, aí, começou a perder gás.

Fora da sala de reuniões os sinais desse esvaziamento eram inequívocos: os ministros, secretários de Estado e líderes da bancada do PSD,

tidos por conselheiros políticos habituais do primeiro-ministro, começaram a furtar-se às tentativas de abordagem para avolumarem a onda aos microfones da Emissora Católica.

Os porta-vozes dos temas em debate negavam à Imprensa que o assunto da televisão da Igreja tenha sido discutido; a pretendida moção passou a recomendação, por sugestão do próprio presidente do grupo, Montalvão Machado; as vozes contrárias às razões e método do documento, passaram a fazer-se ouvir nos contactos com os jornalistas. Uma delas, a de Pacheco Pereira.

O suspense aumentou à medida que se aproximava a hora prevista para a intervenção de Cavaco Silva. O primeiro-ministro, mal subiu ao púlpito, tratou logo de arrumar a questão, dizendo a abrir o seu discurso e antes que se esquecesse do recado:

«Não podemos dar-nos ao luxo de cometer erros, seja a nível nacional, seja a nível parlamentar, seja a nível local. E às vezes, passos preparados meticulosamente para alcançar certos objectivos, podem ser prejudicados ou mesmo destruídos através de actuações menos correctas por parte de estruturas dos diferentes níveis ou até por parte de elementos dessas estruturas. E ninguém pode hoje prejudicar os interesses fundamentais do

Partido Social Democrata».

A sensação que ficou depois de se ouvir o discurso do primeiro-ministro—em função da sua insistência em dizer quem manda, retirando ao Grupo Parlamentar autonomia estratégica, e em exigir «uma ligação permanente entre o Grupo Parlamentar e a Comissão Política Nacional»—é que o balão de ensaio assim como se encheu, tão rapidamente se esvaziou. Para desconforto de muitos deputados, alguns dos quais nos garantiram que isto não ficava assim e que ainda não tinha sido dita a última palavra.

Eles contam dizer essa palavra na reunião de amanhã do Grupo Parlamentar com o ministro Couto dos Santos. Mas não parece muito possível que Cavaco Silva mude de opinião neste negócio de importância política estratégica, «meticulosamente preparado» pela Comissão Política Nacional.

Pese os votos feridos nas igrejas e os interesses empresariais em jogo, mesmo que revestidos da capa de interesses regionais, a discussão da lei da televisão, agendada para a próxima quinta-feira, deve mesmo fazer-se nos moldes e nos termos desenhados pelo primeiro-ministro e traduzidos na proposta de lei do Governo que se encontra no Parlamento.

Daniel Reis

INTERNACIONAL

O líder soviético, Mikahil Gorbachev, relativamente às eleições na Rússia, Bielorrússia e Ucrânia, previu que "a perestroika vai ganhar". Entretanto o radical Yeltsin está praticamente eleito

Reformistas lideram resultados das eleições na União Soviética

Os primeiros resultados dos sufrágios na Federação Russa, uma das três repúblicas soviéticas onde ontem se realizaram as primeiras eleições livres para representação local, mostram que os candidatos reformistas lideram o processo.

Em Leninegrado, três membros do bloco democrático dos candidatos reformistas estavam à frente na corrida para os lugares no Parlamento da Federação Russa.

Nenhum dos candidatos conservadores parece conseguir ganhar na primeira volta, afirmou um jornalista, citando resultados não-oficiais.

Em Moscovo, um porta-voz para a coligação reformista russa democrática afirmou igualmente que os primeiros resultados mostravam que os candidatos do movimento seguiam na frente.

Em Sverdlovsk, o radical Boris Yeltsin encontrava-se à frente nos primeiros resultados, por larga margem, estando a sua eleição praticamente assegurada, segundo a Associação de Eleitores de Moscovo.

Yeltsin, que no ano passado foi

triumfalmente eleito deputado de Moscovo, no Congresso de Deputados da URSS, com mais de quatro milhões de votos, desforrou-se assim da sua expulsão da direcção do partido da capital em 1987.

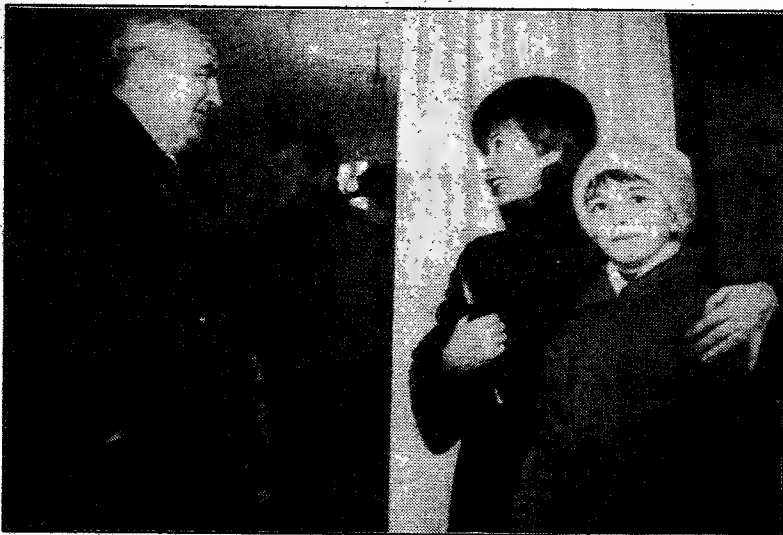
Os três candidatos reformistas que, tudo indica, serão eleitos para o Parlamento da Federação Russa, são a jornalista da televisão Bella Kurkova, o cientista Mikhail Iostoy, e o actor Oleg Basilashvili.

Outro reformista, Viktor Yugin, director da revista «Smena», também se encontra praticamente eleito, segundo um jornalista local.

Pela primeira vez os eleitores puderam ontem escolher candidatos de movimentos não-comunistas para os 1.800 lugares de deputados locais, dentre os 11 mil candidatos aos assentos nos Paramentos das três repúblicas.

«Penso que é uma batalha», disse o líder soviético, Mikahil Gorbachev, aos jornalistas, depois de ter votado em Moscovo. «Mas estou convencido que a perestroika vai ganhar», acrescentou.

Para o líder soviético, as eleições de ontem constituem um verdadeiro



Gorbachev sorridente, na companhia da mulher, Raisa, e de uma neta, após ter votado em Moscovo

teste à sua política de reformas, num momento em que o apoio do povo é essencial para o avanço da «perestroika».

As reformas empreendidas por Gorbachev, particularmente no campo económico, até agora não produziram os resultados prometi-

dos ao povo soviético, começando a registar-se um descontentamento crescente entre a população.

Gorbachev espera que os novos deputados sejam apoiantes da sua política de mudança da sociedade soviética, porque, disse, só assim o processo pode avançar.

Os resultados globais só deverão ser conhecidos amanhã.

O campeão do mundo de xadrez, Garry Kasparov, manifestou a sua confiança numa rápida consolidação das mudanças políticas na União Soviética.

Kasparov, que falava durante uma conferência de Imprensa convocada na sequência da sua vitória no VIII torneio de Linares em xadrez, acrescentou que o Governo soviético «seria inteligente e compreenderá aquilo que o povo lhe pede».

O campeão de xadrez, natural do Azerbaijão, dedicou grande parte do encontro com os jornalistas para expressar as suas ideias políticas sobre a actual situação no seu país, estabelecendo ainda a comparação dos acontecimentos na URSS com os recentes desenvolvimentos históricos em Espanha.

Os distúrbios étnicos em Baku, sua cidade natal, motivados por conflitos de soberania da região de Nagorno-Karabakh, obrigaram Kasparov a abandonar precipitadamente a sua residência.

Redacção «DL»/Lusa

Checoslováquia namora Mercado Comum europeu

Do nosso correspondente em Bruxelas

«Os acordos que negociámos com a Comissão Europeia têm como objectivo a possibilidade da Checoslováquia integrar na CEE. Não sabemos quando, mas o objectivo é esse», afirmou em Bruxelas o ministro dos Negócios Estrangeiros checo. A deslocação de M. Dienstbier visou acertar pormenores sobre a assinatura de um acordo com a Comunidade nas áreas do comércio e da cooperação em geral, questão que faz parte da agenda do Conselho de Ministros dos Assuntos Gerais que se realiza hoje.

Para além do acordo com a Checoslováquia, os ministros dos Doze irão debruçar-se sobre o mercado interno automóvel, a preparação da conferência intergovernamental, a acção da Comunidade a favor das populações palestinianas dos territórios ocupados; e, finalmente, sobre o «Uruguay Round».

O chefe da diplomacia checa manifestou a solidariedade para com a Polónia sobre a linha de fronteira com a RDA, afirmando não partilhar das opiniões do chanceler Helmut Kohl. «É um problema para resolver o mais depressa possível», disse, convicto.

O ministro checo afirmou ter-se iniciado o diálogo com a Comissão Europeia a quem manifestara o interesse do seu país em desenvolver uma cooperação multifacetada, designadamente nos domínios do ambiente, educação e de auxílio nas políticas de ajustamento estrutural da economia.

Dienstbier declarou que, em sua opinião, o importante é substituir as estruturas de confrontação pelas de unificação. Assim, opinou, «deveríamos utilizar a reunificação alemã para se iniciar um processo mais lato. Não podemos destruir, de repente, os dois blocos militares. Mas entendo que a NATO e a CEE devem servir de base, embora não constituírem modelos rígidos para o estabelecimento de um novo relacionamento na Europa». O chefe da diplomacia checa não deixou de acrescentar haver propostas completamente absurdas, como a da Hungria que defendeu a sua manutenção futura em dois blocos militares.

José Rui Cunha

Herman Cohen em Luanda

Clima de expectativa rodeia reunião da comissão tripartida

A reunião da comissão tripartida para a verificação dos acordos de Nova Iorque, que está hoje reunida, em Luanda, com o objectivo de analisar o reinício da retirada das tropas cubanas, está a ser seguida pelos observadores, em Angola, com particular expectativa. Viatcheslav Ustinov e Herman Cohen, o embaixador soviético itinerante e o subsecretário de estado para os Assuntos Africanos, respectivamente, poderão avançar com algumas propostas para o impasse do conflito angolano.

Segundo fontes declararam na semana passada ao «DL», por ocasião da visita de Roelof «Pik» Botha a Luanda, não está posta de parte uma eventual intervenção da África do Sul na mediação do conflito entre o MPLA e a UNITA.

O próprio presidente angolano, José Eduardo dos Santos, deixou entender, na passada sexta-feira, no discurso de abertura da sétima sessão ordinária da Assembleia do Povo, que o Governo angolano estava a desenvolver contactos para encontrar alternativas susceptíveis de resolverem o conflito interno.

Para além da URSS e dos EUA que desempenham o papel de observadores, a comissão tripartida contará, naturalmente, com a presença de representantes de Angola, Cuba e da África do Sul. Para já, uma surpresa no que se refere à composição da delegação cubana, que será chefiada por Ricardo Allarcon, embaixador de Cuba junto das nações Unidas, e não por Jorge Risquet, como chegou a ser esperado. António França N'Dalo, Chefe de Estado Maior das Forças Armadas Angolanas, e Neil Van Heerden, director geral do ministério dos Negócios Estrangeiros da África

do Sul, compõem o resto da delegação.

Van Heerden fez já saber que o processo de independência da Namíbia e a crescente instabilidade na fronteira entre Angola e a Namíbia serão alvo dos debates entre as diferentes partes.

Angola apresentou num dos últimos encontros entre o ministro das Relações Exteriores, Pedro de Castro Van-Dunen, com o seu homólogo sul-africano, «Pik» Botha, em Windhoek, provas de infiltrações de elementos da UNITA através da fronteira com a Namíbia. Enquanto isto, a questão da retirada cubana de Angola parece ultrapassada. Van Heerden, que normalmente chefia a delegação sul-africana nas reuniões tripartidas, reconheceu que o processo de retirada das forças cubanas de Angola está novamente a decorrer com normalidade.

Em São Tomé e Príncipe, o MLSTP anunciou em comunicado que vão ser convocadas eleições presidenciais e legislativas para os próximos dois meses sem, no entanto, precisar as datas exactas previstas para as referidas eleições.

O comunicado surge na sequência de uma reunião da direcção do MLSTP durante a semana passada, durante a qual foram analisadas as propostas do anteprojecto da nova Constituição, que prevê a instauração do multipartidarismo e a participação de candidatos independentes nas eleições aos cargos superiores do país. O Comité Central do MLSTP vai reunir-se proximamente em sessão conjunta com a Assembleia Popular para decidir sobre o texto final que definirá a nova Constituição.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

Itália: crise estudantil pode contagiar outros sectores

A luta dos estudantes pode vir a estender-se a outros sectores da população italiana - pelo menos se forem aprovadas as propostas nesse sentido surgidas na Convenção Nacional, reunida em Florença.

Segundo disse ao «DL» uma porta-voz dos estudantes, quatro comissões, formadas por representantes das várias Universidades, preparam neste momento resoluções sobre O Direito ao Ensino, Novas Universidades, Formas de luta e Abertura ao Social - prevendo esta última o estender das reivindicações ao campo extra-universitário e o contacto com sindicatos.

Enquanto se anuncia a convocação de uma manifestação de nível nacional para Roma, várias cidades italianas foram, este fim-de-semana, palco de actividades estudantis, ao estilo dos happenings de há 20 anos, para divulgação das questões que agitam as Universidades do país.

Em Florença, onde se encontra reunida a Convenção, grupos de jovens manifestaram-se como protesto contra o espancamento de negros por membros da Frente Nacional de Reconstrução de Itália, de carácter racista.

INTERNACIONAL

A libertação de reféns franceses a troco de dinheiro

Revelações de xequê libanês colocam Chirac "em xequê"

Do nosso correspondente em Paris

O xequê Abdul Monem Zein, chefe religioso xiita da comunidade libanesa do Senegal, confirmou que tinha servido em 1988 de intermediário entre o Governo francês do ex-primeiro-ministro Jacques Chirac, e os sequestradores de três franceses no Líbano. Jean-Paul Kauffman, Marcel Carton e Marcel Fontaine, viriam a ser libertados a 4 de Maio de 1988, em vésperas das eleições presidenciais francesas.

Segundo o xequê, alguns homens de negócios libaneses de Dacar teriam pago aos sequestradores dois milhões de francos (cerca de 50 mil contos) como adiantamento pela libertação dos reféns, comprometendo-se a pagar uma segunda parcela depois da libertação.

Por sua vez, o Governo francês ter-se-ia comprometido a pagar cinco milhões de francos ao xequê, pagamento que nunca se concretizou.

Segundo o jornal "Libération", que revelou a questão, essa dívida poderia ser uma das causas do atentado de 19 de Setembro de 1989 contra um avião da companhia aérea francesa UTA, que explodiu no voo entre N'Djamena, no Chade, e Paris, provocando a morte da totalidade dos 171 ocupantes. Mas a relação entre esses dois acontecimentos foi negada pelo xequê.

Xequê reclama pagamento

Interrogado pela Imprensa, Jacques Chirac negou conhecer o xequê Zein. Charles Pasqua, que na altura era ministro do Interior e que se encontrou diversas vezes com o xequê, nega ter tratado com ele de qualquer assunto relacionado com os reféns no Líbano.

Quanto ao actual ministro do Interior, Pierre Joxe, a sua posição é de desconhecimento do caso, visto que "o Governo nunca recebeu do executivo anterior um relatório pormenorizado e completo, nem sobre as transacções, nem sobre os compromissos assumidos em nome da França



Jacques Chirac, actual presidente da Câmara de Paris, desmente declarações do xequê Abdul Monem Zein

por Jacques Chirac, Charles Pasqua e os seus emissários".

Dizendo-se ameaçado pelos terroristas libaneses, o xequê Zein, que teria entregue pessoalmente os três reféns aos emissários de Chirac em Beirute, reclama o pagamento da dívida. E revela que o discurso autoritário do Governo de Chirac, que oficialmente negava qualquer contacto com

os sequestradores, não corresponde à realidade.

Na altura, a coincidência da libertação dos reféns com a eleição presidencial, em que Jacques Chirac era um dos candidatos, tinha sido motivo de polémica em França. Essa controvérsia é agora agravada com estas revelações.

Pedro de Souza

Estados Unidos oferecem tanques ao Egipto

Por apenas um milhco de dólares, representando os custos de transporte, o Egipto ira receber dos Estados Unidos cerca de 700 tanques M-60, que os norte-americanos tm que retirar da Europa ao abrigo de um acordo sobre desarmamento convencional, assinado nas conversações CFE de Viena.

Os norte-americanos, que irco substituir estes M-60 no seu arsenal pelos mais modernos Abramsm-1, conseguiram que os egipcios aceitassem destruir por cada um dos M-60 cedidos, um tanque T-54 ou T-55, mais antigos, que foram adquiridos ' Unico soviética. Os EUA explicam que desta maneira evitam uma corrida quantitativa aos armamentos no Médio Oriente, mesmo se, por outro lado, se arriscam a promover uma corrida qualitativa.

Os Estados Unidos dizem que os seus aliados da NATO foram avisados desta transacção com o Egipto, a qual deve ser concluída no próximo Verco.

Oficialmente, i a primeira vez que um acordo deste tipo, ligado indirectamente 's negociagões Leste - Oeste de Viena, i anunciado por um dos paises participantes. Mas ha razoes para acreditar que contratos deste gnero irco multiplicar-se e diversificar-se, criando um verdadeiro mercado de segunda mco com os produtos militares retirados progressivamente da Europa.

A troca americano-egmptia foi feita, desta vez, com tanques. Mas amanhc, ela pode incluir, nas mesmas condigões, aviões de combate retirados da Europa, como os F-16 norte-americanos.

Os acordos de Viena arriscam-se assim a destabilizar as regras de um mercado internacional de armamentos ja devidamente desequilibrado, relangando uma competigão feroz entre os paises fornecedores.

Jacques Isnard - exclusivo «Le Monde»/«DL»

Nicarágua

«Contras» querem força civil

Os rebeldes nicaraguenses asseguraram ontem terem já iniciado o processo de desmobilização e pediram à presidente eleita, Violeta Chamorro, que substitua o exército sandinista por uma força policial civil.

Em comunicado intitulado «Posição da resistência perante o triunfo da democracia na Nicarágua», os contras afirmam estarem conscientes do processo de «autêntica democratização» no país. «Por isso, adiantam, estamos dispostos a mudar o nosso papel de exército rebelde para uma posição política e cívica».

Uma comissão composta por todos os partidos integrados na União Nacional Opositora e por representantes da Igreja vai reunir-se esta semana com os líderes rebeldes em Tegucigalpa para discutir o regresso dos guerrilheiros refugiados nas Honduras à Nicarágua.

O comunicado sublinha ainda que a velocidade da desmobilização dependerá de «garantias e condições logísticas».

Lusa

Plano de negociações directas israelo-palestinianas

Telavive num impasse

«Não há forma de se saber para que lado vai pender a decisão» - disse Avi Pazner, porta-voz do primeiro-ministro de Israel, Yitzhak Shamir, depois da reunião de ontem, entre ministros israelitas para decidir da resposta a dar ao Plano Baker, que propõe conversações directas entre representantes de Telavive e dos palestinianos dos territórios ocupados.

Esperava-se que do encontro, entre Shamir e três dos principais ministros do Likud e do Partido Trabalhista, saísse alguma decisão. Assim não foi. Shamir marcou para depois de amanhã uma nova reunião a nível ministerial, entre apoiantes e opositores do Plano Baker. No final do encontro de ontem, entre os ministros do Likud e do Partido Trabalhista, Shimon Peres, líder dos trabalhistas, disse: «O Likud deve acabar com as suas evasivas e contradições e dar, enfim, uma resposta clara».

Shamir desmente televisão israelita

Shamir tem estado sob fortes pressões, internas e norte-americanas, para que aceite ou recuse as negociações directas com os representantes palestinianos escolhidos por eleições nos territórios ocupados. As pressões internas sobre o primeiro-ministro de Telavive dividem-se por dois campos: os Trabalhistas, seus parceiros de coligação, são naturalmente favoráveis ao plano norte-americano; os «falcões» do Likud opõem-se e têm movido grande guerra a Shamir. A televisão israelita chegou a noticiar, este fim de semana, que os ministros do Likud haviam concordado com as negociações directas mas isso foi ontem desmentido pelo próprio Shamir, que adiou a decisão para a próxima reunião ministerial.

O Secretário de Estado norte-americano reiterou o apoio dos EUA ao plano de negociações directas entre os israelitas e dirigentes palestinianos dos territórios ocupados. Em resposta, Moshe Katsav, ministro dos Transportes israelita e um dos «falcões» do Likud, logo disse: «Com todo o respeito devido aos Estados Unidos, nós não decidimos o destino do nosso país sob pressão; a oposição às negociações dentro do Likud é muito maior do que a inicialmente esperada».

Katsav acrescentou que aceitar a proposta de Baker significaria «obrigar Israel a negociar com emissários indirectos da OLP e a comprometer o futuro de Jerusalém como capital una e eterna de Israel».

Redacção «DL»/FP/Lusa
Ver págs. 14, 15 e 16

GALERIA MUNICIPAL DE ARTE

GRAVURA

TRINTA ANOS DE ENSINO NA ESBAL

PROFESSOR PINTOR

GIL TEIXEIRA LOPES

PROFESSORA AGREGADA PINTORA

MATILDE MARÇAL

E VINTE E NOVE ALUNOS

Av. Nuno Álvares Pereira, 74-A - 2800 Almada

Tel. 275 69 59 Patente ao público de 22 de Fevereiro

a 30 de Março de 1990 das 15 às 22 horas encerra à 2.ª feira

Câmara Municipal de Almada

INTERNACIONAL

Nesta página e nas duas seguintes, o «DL» procura dar uma visão globalizante da questão da emigração dos judeus soviéticos para Israel, quando a URSS liberaliza, os EUA insistem em conversações directas israelitas-palestinos e Shamir se vê «entalado» entre os seus «falcões» e as suas «pombas». E ainda a história de oito barcos

URSS vai liberalizar a emigração de judeus soviéticos para Israel

A URSS é contra a instalação dos milhares de judeus soviéticos que estão a abandonar o país nos territórios árabes ocupados por Telavive, mas nada de importante fará para pôr termo a esse fluxo. Esta é, em síntese, a posição de Moscovo face às queixas dos países árabes e dos representantes das populações palestinianas.

O vice-ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS, Iuli Vorontsov, declarou a 12 de Fevereiro último que a intenção do Governo de Telavive de instalar os judeus soviéticos nos territórios árabes ocupados representa uma violação da Convenção de Genebra de 1949 sobre a protecção de civis durante situações de guerra. Esta proíbe a instalação de pessoas estranhas aos territórios sob ocupação militar.

Em 1989, cerca de 12.900 judeus soviéticos chegaram a Israel, mas segundo fontes israelitas o seu número foi de 4.865 só durante Janeiro passado, devendo em Fevereiro ter atingido cerca de seis mil. Ao todo, Telavive espera este ano receber aproximadamente 100 mil judeus oriundos da URSS, o que coincide, grosso modo, com o número de autorizações de saída para este ano, dadas por Moscovo.

A situação poderá evoluir se o Soviète Supremo da URSS aprovar, na sua presente sessão, a nova lei sobre saídas e entradas na URSS, a qual



O ministro dos Negócios Estrangeiros de Telavive, Ariel Sharon, troca, com o seu homólogo polaco, Krzysztof Skubiszewski, os documentos que consagram o estabelecimento de relações diplomáticas entre Israel e a Polónia

deverá liberalizar consideravelmente o anterior regime e Vorontsov rejeitou que a lei à espera de aprovação possa ser revista num sentido restritivo.

Na URSS, há oficialmente 1 milhão e 370 mil pessoas de etnia judaica, mas Israel considera que esse número se aproxima dos dois milhões. Destes, Telavive pensa que até meio milhão poderão nos próximos anos abandonar a URSS, onde o crescimento do nacionalismo russo, de tonalidade anti-semita, foi evidente nos últimos meses.

Em meados de Janeiro, membros da organização de

extrema-direita e xenófoba Pamiat irromperam numa reunião da Associação de Escritores «Abril», de tendência democrática, acusando-os de serem «judeomachos». Boatos sobre a iminência de «pogroms» contra a população judaica têm sido desmentidos pelas autoridades, mas os conflitos inter-étnicos e as perseguições que atingiram os arménios contribuíram para a manutenção de um clima de insegurança.

Os judeus, para os nacionalistas russos, são suspeitos de terem estado por detrás da Revolução de Outubro de

1917, na pessoa de alguns dos seus dirigentes, como Zinoviev, Kamenev e Trotsky. Os judeus são, aos olhos dos russos, igualmente suspeitos de inspirar a Perestroika, de claro pendor ocidentalizante.

Os judeus estão bem representados entre a intelectualidade soviética e esta é um dos principais apoios de Gorbachev. Significativamente, uma das «bête-noire» dos nacionalistas é Aleksandr Yakovlev, membro do Bureau Político do CPUS, com posições firmemente reformistas e que foi «exilado» como embaixador da URSS no Canadá, durante a estag-

nação brejnevista, por se ter pronunciado na imprensa contra os sentimentos anti-semitas.

America, America...

O aumento da emigração judaica soviética para Israel é em larga medida resultado da resolução tomada pelos Estados Unidos no sentido de limitar a entrada de imigrantes. Os EUA foram, no passado, o destino da maioria dos judeus da Europa de Leste, que invocavam o estatuto de refugiados políticos. Com a democratização na URSS, essa justificação perdeu porém força e, actualmente, não mais de 50 mil judeus soviéticos são admitidos anualmente nos Estados Unidos.

Para acolher esta imigração judaica, Telavive, pela voz do Chefe do Governo, Shamir, disse que era necessário um «Grande Israel», o que suscitou os protestos de árabes e palestinianos.

Não contestando o direito de os judeus irem para Israel, os palestinianos temem que uma eventual canalização dos imigrantes soviéticos para os territórios árabes ocupados traga grandes alterações demográficas, à semelhança do que aconteceu nos anos 20 e 30 na Palestina.

Parte mínima

Os recém-chegados a Israel são, na sua esmagadora maioria, pessoas com formação académica. Nelas se destacam os músicos, os

matemáticos, os engenheiros, os professores e os médicos e que não escolhem, para se instalar, os territórios ocupados. Para isso contribui o facto de os comités de acolhimento serem influenciados pelo Partido Trabalhista que, embora parceiro de coligação do Likud, é contra a colonização dos territórios árabes ocupados. No ano passado, dos judeus chegados a Israel, idos da URSS, apenas uma parte mínima escolheu a Cisjordânia, enquanto 56 por cento foram para Telavive, 30 por cento para Haifa, 10 por cento para Jerusalém e 3 por cento para Bersheva, no sul do país. A posição soviética em relação ao problema judaico poderá prenunciar o aparecimento de dificuldades nas relações de Moscovo com os países árabes, pois ela é em tudo idêntica à da Comunidade Europeia, como aliás sublinhou, na semana passada, um porta-voz soviético. Acrescentem-se a isto o desenvolvimento das relações da URSS com Israel, traduzido na existência de missões consulares dos dois países em Telavive e Moscovo, e as informações de origem israelita segundo as quais estaria a ser reduzido o auxílio militar ao principal aliado da URSS na região, a Síria. E note-se, ainda, o restabelecimento de relações entre Telavive e diversas capitais do Leste europeu.

Carlos Lobato
Exclusivo «DL»/Novosti

EUA: mudaram as regras do jogo

Do nosso correspondente em Washington

Os Estados Unidos alteraram, no ano passado, a sua lei de imigração, reduzindo drasticamente a entrada dos judeus soviéticos no país e pondo, assim termo a uma política que esteve em vigor durante quarenta anos. A anterior legislação considerava implícito que qualquer cidadão proveniente de um país comunista procurava escapar a perseguições e, enquanto tal, qualificava-se automaticamente para obter o estatuto de refugiado político. Mas, o colapso do comunismo no Leste europeu, de uma forma geral, e, sobretudo, as alterações políticas operadas na União Soviética, em particular no que diz respeito à liberalização da emigração, vieram alterar as regras do jogo.

Ultimamente, os Serviços de Imigração e Naturalização têm negado o estatuto de refugiados a soviéticos, incluindo judeus. A quota atribuída este ano para a entrada legal de imigrantes oriundos da URSS é de 50 mil, a maior de sempre na história dos Estados Unidos concedida a cidadãos daquele país e a maior também, no geral dos países de origem, se considerarmos o total de 125 mil admis-

sões programadas para os próximos doze meses. Ainda assim, a oferta é, à partida, largamente insuficiente para fazer face à procura. Basta dizer que, desde Outubro de 1990 - data do início do ano fiscal americano - cerca de 320 mil soviéticos já se inscreveram com o objectivo de obter o estatuto de refugiado.

Outra porta aberta

Em 1985, quando as leis soviéticas de emigração eram drasticamente restritivas, foram admitidos nos EUA apenas 640 refugiados provenientes da URSS. Mas quatro anos depois, em 1989, registaram-se 40 mil pedidos, na sua maioria apresentados por judeus. Apesar das restrições, foi, porém, aberta na lei uma excepção para cerca de 20 mil cidadãos soviéticos, que embora não podendo ser incluídos no estatuto de refugiados, serão, este ano, autorizados a entrar nos Estados Unidos mas a expensas próprias e aos quais, eventualmente, será concedida residência permanente, cabendo a preferência aos que tiverem família radicada nos EUA.

Outra porta foi deixada aberta aos judeus soviéticos, que - a par dos cristãos evangélicos e dos católicos e ortodoxos ucranianos -

têm prioridade sobre todos os outros requerentes, em virtude das alegadas perseguições religiosas de que são alvo. A título informativo, adiante-se que esta lei aprovada pelo Congresso se aplica igualmente a vietnamitas, cambojanos e laocianos.

Em declarações prestadas ao «Diário de Lisboa», Basi Gordon, porta-voz da B'nai B'rith International, a maior organização judaica mundial, manifestou a compreensão da comunidade que representa perante a posição das autoridades norte-americanas. No entanto, adiantou que, «dadas as dificuldades existentes, a comunidade judaica americana encoraja a emigração dos judeus soviéticos para Israel». De acordo com números referentes a Fevereiro, estão a regressar a Israel entre sete e oito mil judeus soviéticos por mês. Este fluxo, afirmou-nos o porta-voz da B'nai B'rith, corresponde a um agravamento dos sentimentos anti-semitas em Moscovo, muito embora o próprio ministério israelita dos Negócios Estrangeiros tenha procurado desdramatizar a situação, se bem que manifestando «preocupação».

Em termos dos da Comunicação Social americanos, o enfoque desta questão colocase na forma como, alegadamente, os círculos

mais conservadores israelitas estão a utilizar os novos imigrantes. Em editorial, o «Washington Post» escrevia recentemente: «O primeiro-ministro Yitzhak Shamir afirma que a grande imigração requer que Israel seja igualmente grande». E adiantava ser esta a fórmula adoptada pelo dirigente israelita na intenção de explicar a utilização da imigração maciça de judeus soviéticos para reforçar a população dos colonatos da Margem Ocidental. Criticando aquilo que o «Post» afirma ser a tese do Grande Israel formulada por Shamir, Washington fez saber que a ajuda norte-americana a Telavive só pode ser aplicada no território israelita definido pelas fronteiras de 1967.

A-propósito, a B'nai B'rith afirmou ao «DL» «Não estar a ser utilizado o influxo (de judeus soviéticos) para reforçar a posição israelita na Margem Ocidental». Segundo nos referiu o seu porta-voz, «Não há qualquer campanha oficial para encorajar a fixação dos novos imigrantes na Margem Ocidental ou em qualquer outra região de Israel. Os imigrantes são livres de escolher onde querem viver e, na realidade, menos de um por cento decidiu radicar-se na Margem Ocidental».

Filipe Vieira

INTERNACIONAL



Shamir entre fogos cruzados

O primeiro-ministro israelita, Yitzhak Shamir, encontra-se entre fogos cruzados. De um lado do campo de batalha, os Trabalhistas, que pertencem à coligação governamental, querem aceitar a proposta norte-americana para conversações directas entre representantes de Telavive e os palestinos. Do outro lado da guerra, os elementos mais conservadores do Likud receiam que Shamir, hesitante no meio do combate, ao aceitar a sugestão dos EUA e pôr face a face, nessas conversações directas palestinos e israelitas coloque em perigo a própria sobrevivência de Israel. E Benjamin Netanyahu, vice-ministro dos Negócios Estrangeiros e uma das estrelas em ascensão no Likud, disse sentir-se preocupado com as possíveis consequências das opiniões, ouvidas do lado de Washington, e segundo as quais poderiam ser eventualmente explorados, para pressionar Israel, os efeitos de uma emigração em massa de judeus soviéticos para Israel.

A cautela, o Governo de Telavive decidiu, na passada sexta-feira, impôr um censura rigorosa sobre a divulgação de toda a informação que diga respeito a essa imigração.

«A fortaleza cercada»

O principal receio dos «falcões» do Likud é o de que Shamir, se aceitar a proposta norte-americana, faça surgir por arrastamento a criação de um Estado palestino, com base nos territórios ocupados e cujo nascimento poria em causa a sobrevivência de Israel como tal. Insistindo nas imagens da guerra, uma fonte governamental, de Telavive disse que Shamir é «uma fortaleza cercada, que já dentro do seu próprio partido não dispõe



James Baker quer ter garantias sobre o fim da instalação de judeus soviéticos nos territórios ocupados

de todos os canhões».

A proposta norte-americana que aprofundou a crise política em Israel escolheu o Cairo como o ponto do encontro directo entre palestinos e israelitas, devendo a agenda ser centrada no futuro dos territórios da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, ocupados pelos israelitas e cuja população palestina se encontra em revolta - é a Intifada - há mais de dois anos. A ideia de Washington veio tirar força ao que foi, anteriormente, um grande problema, ou seja quem deverá representar os palestinos. Uma tese diz que essa representação caberá aos palestinos que forem escolhidos por eleições nos territórios ocupados e controladas por Israel. Outra tese, obriga a ter em conta os dirigentes de topo da OLP,

organização que está no centro, embora não detenha o controlo exclusivo, da Intifada.

O recado de Baker

Na reunião havida, este fim de semana, entre Shamir e os seus três mais importantes ministros do Likud não se chegou a acordo sobre a aceitação da proposta dos EUA. Se esta concordância vier a ser conseguida, em nova reunião, marcada para depois de amanhã, as conversações do Cairo poderiam ocorrer nos fins deste mês. De acordo com uma fonte governamental de Telavive, o acordo que não se conseguiu no fim de semana esteve relacionado com as pressões exercidas pelos norte-americanos, como é o caso das recentes declarações do Secretário de Estado James

Baker, que na passada quinta-feira disse esperar uma decisão de Telavive e que desejava obter garantias de que o Estado judaico suspenderia a instalação de judeus soviéticos imigrados nos territórios ocupados.

Yossi Olmert, que Shamir nomeou porta-voz do seu Governo para a Comunicação Social, declarou, a propósito, na ocasião: «O recado que Baker nos mandou é extremamente contraproducente e só podemos rejeitá-lo».

Do lado dos Trabalhistas israelitas não foi menor, como se esperaria, a pressão exercida sobre Shamir. O ministro da Defesa de Telavive e homem forte dos Trabalhistas, Yitzhak Rabin, declarou: «Nós não devemos ser um obstáculo no caminho para o futuro».

Fontes diplomáticas em Jerusalém disseram esperar que Yasser Arafat perfilhe a ideia norte-americana de pressionar Shamir para que leve por diante o seu plano de realizar eleições nos territórios ocupados por Israel e onde vivem um milhão e 700 mil palestinos. Por outro lado, os «falcões» do Likud, entre os quais Ariel Sharon, que se demitiu do Governo recentemente, e o actual ministro da Economia Yitzhak Modai, outro «falcão», ameaçaram criar uma cisão no partido de que poderia resultar, se eles e outros saíssem do Likud, uma desastrosa diminuição da força do grupo face ao Partido Trabalhista.

Todas estas pressões levaram a que Shamir hesite muito. Mas os seus partidários esperam que ele venha a conseguir, apesar de tudo, mais uma vitória, por muito relutante que se sinta sobre este avanço de Israel pela estrada do Cairo.

Howard Goller
Serviço «DL»/Reuter

COMENTÁRIO

Os judeus que vêm do frio

«É o maior êxodo do povo judeu desde a expulsão de Espanha, em 1492». Estas declarações de Nathan Chitcharanski, um antigo refuznik, dão a dimensão regional do problema. Calcula-se que cerca de 750 mil judeus vão chegar nos próximos seis anos a Israel, dos quais 100 mil já durante este ano. Yitzhak Shamir, primeiro-ministro israelita, vai mesmo ao ponto de anunciar, no tom excessivo que se lhe reconhece, que nos próximos três anos a imigração dos judeus soviéticos para Israel atingirá um milhão de pessoas.

Inicialmente, Shamir pretendia, com este facto, matar dois coelhos de uma cajadada. Se, por um lado, o êxodo de judeus soviéticos vai permitir compensar o desequilíbrio populacional entre as comunidades israelita e árabe - uma das grandes preocupações a médio e longo prazo dos governos de Telavive - por outro, Shamir viu também nessa questão um bom pretexto para reforçar a política de colonização dos territórios ocupados, tentando levantar mais alguns entraves para o problema palestino. Enganou-se, porém. Não só o sonho dos judeus soviéticos não se resume ao de Sião, como ainda Israel não é propriamente «a terra prometida». A tal ponto que os Estados Unidos, face às aberturas soviéticas nesta questão, resolveram restringir a entrada de judeus, tendo estabelecido uma quota máxima de 50 mil entradas, durante o ano de 1990, respeitantes aos casos políticos e de perseguição religiosa. Os restantes, serão considerados como meros emigrantes económicos, agora sem o acesso ao cobiçado passaporte verde que lhes concedia o estatuto de residentes privilegiados nos Estados Unidos.

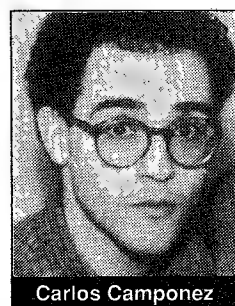
Resta-lhes pois, Israel. E só muito excepcionalmente os territórios ocupados. Para além disso, os sonhos dos bezerros de ouro nova iorquinos mantêm-se. Israel poderá ser, portanto, a curto e médio prazo, apenas um ponto de passagem.

Qualquer das formas, a imigração poderá complicar ainda mais a difícil situação interna no país. Os imigrantes da África do Norte fizeram já alguns protestos contra as regalias com que os judeus soviéticos estão a beneficiar, em contraste com as suas próprias condições de acolhimento. Estes protestos poderão ser o prenúncio de uma clivagem entre os judeus de rito askenazi (da Europa Central) e de rito sefardita (da África do Norte).

Como agravante, o Governo de Telavive decidiu aumentar, na semana passada, em um por cento as taxas sobre o Valor Acrescentado, de modo a conseguir fundos para apoiar a instalação dos judeus soviéticos. Enquanto isto, um novo fluxo poderá estar para surgir com as manifestações anti-semitas noutros países de Leste, nomeadamente na Hungria, onde a comunidade judaica (calculada em 800 mil residentes) mostrou já alguns sinais de inquietação.

Externamente, a coincidência de pontos de vista entre Washington e Moscovo sobre a necessidade de travar a imigração de judeus soviéticos para os territórios ocupados por Israel é mais um sinal do entendimento entre as duas superpotências para a questão palestina. É de prever que, proximamente, Shamir que começa a dar alguns sinais de desgaste na vida política interna seja chamado a assumir uma posição mais responsável face à OLP e ao futuro dos territórios da Cisjordânia

e da faixa de Gaza, o derradeiro desafio que se opõe à coesão política e, sobretudo, social de Israel. A sociedade israelita passa agora por um período de alterações profundas: o espírito sionista dos pioneiros e dos refuznik, que esteve na origem da fundação do Estado hebraico, parece cada vez mais comprometido por uma nova geração mais dividida e, em alguns casos, mais radical.



Carlos Camponez

Em Fevereiro de 1988 estava no ar um plano de paz para o Médio Oriente, lançado por Reagan. A OLP deu, então, um golpe de imaginação e, aproveitando-se da mitificação judaica em torno do barco «Exodus», em 1947, quis repetir a «epopeia»... com refugiados palestinos

Os sete barcos que não partiram

Teve sete nomes, tamanhos e formatos; pelo menos quatro nacionalidades e três dias de partidas marcadas e adiadas, primeiro de Atenas, depois de Limassol; foi o centro das ansiedades de mais de cem jornalistas, de uma dezena de nacionalidades, durante onze conferências de imprensa dadas em nove dias; levou a uma frenética guerra de pressões entre a Organização de Libertação da Palestina e a Mossad (serviços secretos de Israel), com ameaças de morte a marinheiros e milhões de dólares jogados, em golpe e contra-golpe, por palestinos e israelitas sobre as mãos de armadores; três dirigentes da OLP morreram, por atentado à bomba, em Chipre, quando procuravam fretar um navio; e ele foi, por fim, encontrado: era um velho ferry-boat, que tinha pintado na popa o nome «Sol Phryne» e que nunca

chegou a largar do cais de Limassol a que acostara, pois poucas horas antes da partida uma estranha bomba dilacerou-lhe os flancos, deixando-o meio afundado e impotente, incapaz de cumprir missão, impossibilitado de levar de regresso à Palestina as quase duas centenas de refugiados palestinos que Israel expulsara e que, em 1988, reivindicaram o direito de voltar ao seu país, por mar e em barco, sob o signo da epopeia do «Exodus» original, que em 1947 levou 4.500 judeus para Israel.

A lei do outro regresso

Em princípios de Fevereiro de 1988, a OLP anunciou a operação «Barco do Regresso», que também se chamou «Barco da Paz». Estava no ar um novo plano de paz para o Médio Oriente, lançado

por Reagan, com uma conferência internacional de paz israelo-árabe, a realizar talvez nos começos de 1989...

A OLP dera, então, um golpe de asa, levava a imaginação ao poder, decidira pressionar Israel e fizera aquecer ao rubro da indignação a geração mais velha dos políticos de Telavive. Disse a organização que ia repetir, com refugiados palestinos, a epopeia judaica do «Exodus», pois também agora os palestinos expulsos da Palestina podiam invocar a famosa «Lei do Regresso», aprovada por Telavive em 1950 e que reconhecia a todos os judeus o direito de residir em Israel, a viver na «sua» terra.

«A comparação com o «Exodus» é um crime, é uma perfídia moral, até só pensar nessa comparação é já uma monstruosidade» - disse, na ocasião, Moshe Gilboa, em-

baixador de Israel em Atenas e, pelo apelido, ligado a Lisboa (Gilboa), onde residiram alguns dos seus antepassados longínquos.

Yitzhak Shamir, já então primeiro-ministro de Telavive, teve uma autêntica explosão emocional, no Knesset (parlamento israelita), acusando a OLP de estar a planear o envio de «...um navio cheio de assassinos» para portos de Israel.

Tutti quanti

Esquecido dos terrorismos da Hagana, nos anos que precederam a independência de Israel, Shamir qualificou de «assassinos» os refugiados palestinos. Esqueceu-se também de que com os refugiados estavam prontos, por solidariedade, a embarcar no «Barco do Regresso», com vista ao eventual e ilegal desembarque em Haifa, duas

centenas de respeitáveis cidadãos da Europa, das Américas e do Japão, bispos, arcebispos e pastores católicos e protestantes, um espadão e septuagenário lorde liberal, deputados, quadros superiores políticos - que por armas só levavam escovas de dentes e sabonetes - e uma centena de jornalistas de muitas nacionalidades, cujas pistolas não iam além de papel, gravadores, máquinas de escrever e fotográficas, câmaras de televisão e «perigosa» curiosidade.

Todos eles esperaram, em Atenas, os que teriam podido ser, mas não foram, o «Barco do Regresso».

Tapetinhos, televisão e flashes

O primeiro foi o ferry-boat «Paloma», que depois desapareceu de cena; o segundo chamava-se «Empress» e desistiu; o terceiro não pas-

sou de incógnita; o quarto exibia bandeira turca mas não largou; o quinto dava pelo nome de «Mariana», era grego mas não conseguiu companhia que lhe fizesse seguro para a viagem; procurou-se, e perdeu-se, o sexto na Tunísia e o sétimo, o «Sol Phryne», foi mutilado por explosão e sabotagem na manhã do dia em que iria largar de Limassol, Chipre, rumo a Haifa, carregado de refugiados, bispos e arcebispos, pastores protestantes e velhos palestinos que, nos átrios dos hotéis de Atenas, haviam regularmente, durante dias, estendido no chão os seus tapetinhos para as orações viradas a Meca e iluminados pelas luzes da televisão e dos flashes dos jornalistas...

Ninguém partiu.

Regresso havido foi só o dos palestinos às suas terras de exílio.

Paulo David

Um «Exodus» à deriva

Não é o filme de Otto Preminger nem o «best» de Léon Uris. Mas o «Exodus» de que se fala é igualmente o nome de um vapor do Mississippi arrancado à sucata que, em 1947, tentou levar 4 mil e 500 judeus para a Palestina. Trata-se de uma história realmente rocambolesca. Tudo por causa dos ingleses e do seu mandato sobre a Palestina.

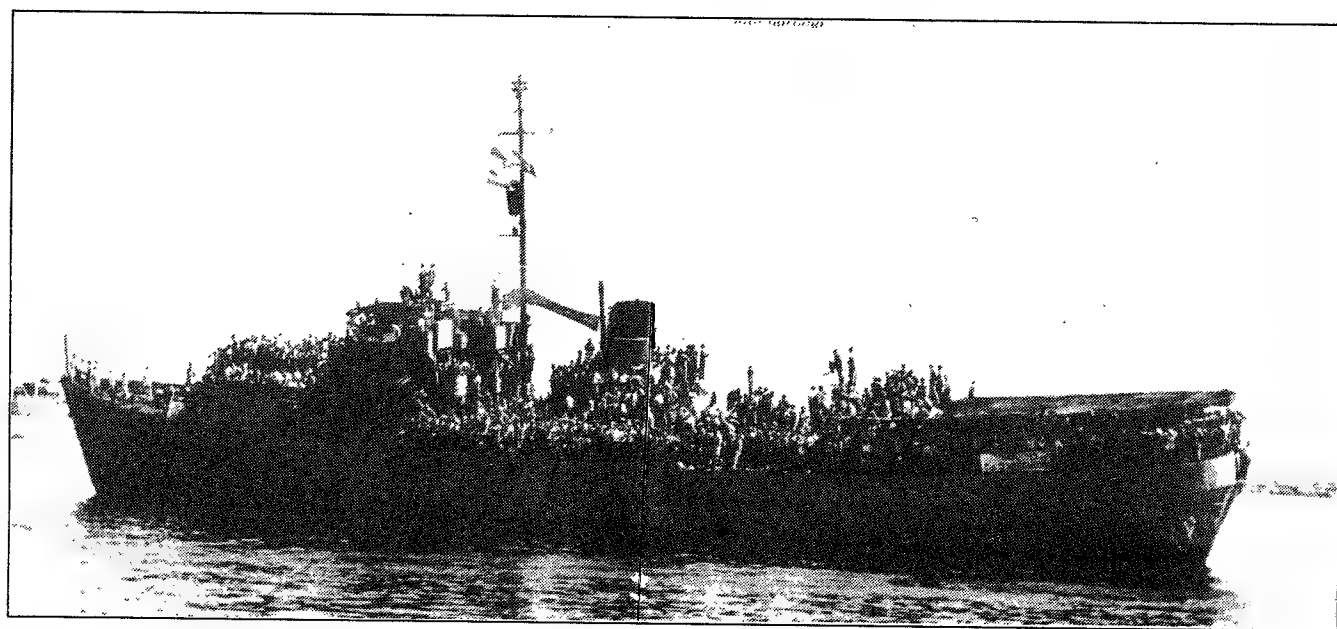
Estava-se no pós-guerra e vigorava ainda a lei de 1939, que restringia a entrada de judeus para o território palestino a mil e 500 pessoas por mês.

Mas os apelos da terra prometida eram a alternativa mais grata àqueles que escaparam ao delírio nazi. Assim começou o «aliyah beth», a emigração ilegal para a Palestina de milhares de judeus comprimidos em débeis embarcações. Em oito anos 47 barcos foram interceptados e mais de 65 mil judeus detidos em campos de concentração na ilha de Chipre, então uma colónia britânica.

No Outono de 1940 o «Patria» afundou-se a pique e com ele 250 vidas. Em Fevereiro de 1942 o «Struma», espécie de casca de noz carregada com 769 homens, mulheres e crianças, partiu de Istambul para explodir minutos depois. Dele restou um sobrevivente. E a saga prosseguiu: o «Smyrna», o «Palmach», o «San Dimitrio», o «Mered Haggetoat». Mesmo

assim, num ano, 30 barcos transbordantes de judeus alcançaram as águas da Palestina.

Em meados de Junho de 1947, o «Presidente Warfeld», um velho vapor do Mississippi salvado do ferro-velho e simbolicamente rebaptizado de «Exodus», conseguiu a proeza de navegar do porto mediterrânico francês de Sète até Haifa, ao norte do que hoje é Israel, com quatro mil e 500 sobreviventes dos campos de concentração, na altura refugiados em «campos de desalojados», na detestada Alemanha. Entretanto, sob as ordens de Ernest Bevin, o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, quatro navios da «Royal Navy» partiram a persegui-lo e, no dia 18, atacaram o barco. Nos confrontos, três passageiros morreram e 83 necessitavam de urgentes cuidados hospitalares. Os feridos foram arrastados para Haifa. Delegados das Nações Unidas na Palestina assistiram à chegada do «Exodus», com a sua escolta de «destroyers», e observaram as condições do barco e passageiros: «o casco tinha longos cortes abertos nos dois lados e o convés achava-se negro, devido ao óleo esguichado contra os atacantes. As balastradas rebentaram, as jangadas salvas encontravam-se completamente retorcidas e os cabos pendurados da ponte.



Foi neste velho vapor que quatro mil e 500 judeus protagonizaram uma das mais lancinantes histórias do pós-guerra

Ali havia crianças espreitando pelas vigias e marinheiros britânicos com roupas manchadas de sangue e as cabeças enfaixadas». O episódio desencadeou, em menos de uma semana, um comício de protesto com 20 mil manifestantes em Nova Iorque.

Do ponto de vista das atenções mundiais, o assunto acabaria ali, se o usual procedimento fosse aplicado e os passageiros levados para os campos de Chipre. Mas Bevin, ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, membro timorato do Partido Trabalhista, campeão dos est

das aspirações da classe trabalhadora e, sobretudo, anti-semita fidalgo, resolve dedicar «uma expressão de especial apreço» às tropas que fizeram «este feito extraordinário». Paralelamente, quase todos os jornais do planeta escreveram a incrível história do «Exodus».

A saga do impasse

Em 29 de Julho, os passageiros deste heróico barco, agora distribuídos por uma série de navios britânicos, regressaram ao porto de Pórt-de-Bouc. O Governo francês ofereceu asilo àqueles

que o desejassem e anunciou - através do seu ministro dos ex-militares, François Mitterrand, - que não seriam tomadas medidas para os forçar a permanecer em terra. A maioria dos passageiros decidiu permanecer a bordo. Por seu lado, o embaixador britânico em Paris, agastado com a indignação que insistentemente eclodia no mundo, pediu a Bevin para autorizar a partida dos navios. O ministro não cedeu. Começa então a receber sinais alarmantes das embaixadas de Washington e Paris. Entretanto, com os navios ainda em Pórt-de-Blanc, ocorreu o repentino

agravamento da situação da Palestina, com a descoberta dos sargentos assassinados e armadilhados, seguida pela desordem das tropas.

Entretanto os passageiros do «Exodus» foram levados, pelas ordens de Bevin, para um campo de desalojados em Poppendorf, perto de Luebeck, na abominada Alemanha, aonde chegaram em Setembro.

Meses depois terminava o mandato inglês e o Estado de Israel nasceu. Foi em 14 de Maio de 1948. Uma outra saga tinha início.

M.T.

QUOTIDIANO

O presidente da Câmara é sócio das empresas visadas pelas acções bombistas. A população da região teme a continuação do clima agitado que ali se vive

Série de atentados agita Albergaria-a-Velha

A Polícia Judiciária está a investigar a série de atentados à bomba registados nos últimos dias em Albergaria-a-Velha, disse hoje, ao DL, uma fonte da GNR.

O concelho, do distrito de Aveiro, tem vivido em verdadeiro «estado de alerta» desde quarta-feira, 28 de Fevereiro.

Um petardo de fraca potência explodiu cerca da meia noite desse dia, no Colégio de Albergaria, originando danos no exterior do edifício.

Sábado, à mesma hora, outra bomba destruiu o autocarro que estava ao serviço do mesmo estabelecimento de ensino.

A viatura, de 45 lugares, pertencia à firma Autoviação

da Murtosa e estava estacionada junto da residência do motorista.

Estes dois atentados parecem visar o presidente da Câmara de Albergaria, Luís Marques, reeleito pelo CDS nas últimas autárquicas. De acordo com informações veiculadas pela imprensa, o autarca é sócio da empresa de camionagem e do colégio, pelo que é suspeito ser o alvo das acções terroristas.

Entretanto, um outro petardo danificou um poste de alta-tensão que abastecia parte da sede do concelho, junto da estrada nacional número um.

A bomba explodiu praticamente à mesma hora da destruição do autocarro do colégio.

Embora a empresa de transporte e o colégio de Albergaria continuem a funcionar, os seus responsáveis solicitaram o reforço da segurança na região para prevenir futuras acções terroristas.

Não obstante, jornalistas que se deslocaram a Albergaria-A-Velha descrevem que a população vive um clima de grande agitação de contrasta com a pacatez do local em dias normais.

Rui Marques, em declarações publicadas na edição de «Comércio do Porto» de hoje, disse poder haver «um leque de hipóteses vastíssimo» para justificar o que se está a verificar.

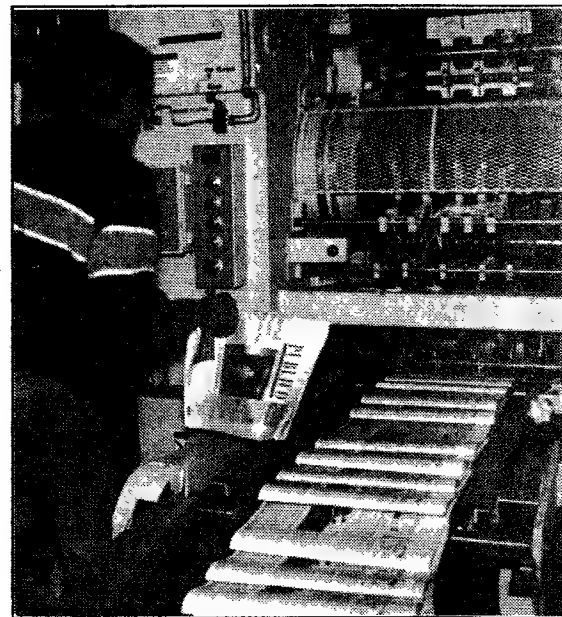
«Admito que quem colocou as bombas no colégio e no autocarro procurasse só

atingir os haveres da família do colégio e criar uma certa instabilidade», afirmou o presidente da Câmara. «No entanto - acrescentou - a situação já começa a alarmar e, por isso, vou socililar medidas ao Governo».

Rui Marques acrescentou ir solicitar ao ministro da Educação que interceda junto do ministro da Administração Interna para tomar medidas de protecção civil em Albergaria e junto do colégio.

Para já e enquanto a judiciária investiga o assunto, as gentes da região esperam que a onda de atentados termine.

Quem está por detrás destas acções e porque razões, só o tempo dirá.



«Público» nas bancas Desta vez e depois duma longa espera, as rotativas andaram mesmo. Uma edição de 120 mil exemplares do primeiro número do novo matutino «Público» estava esta manhã na rua, concretizando assim a promessa inicialmente prevista para 2 de Janeiro e que dificuldades de natureza técnica obrigaram a adiar. Um caderno principal, um destinado a temas locais de Lisboa e Porto, um suplemento de economia e outro especial sobre a Europa compõem a edição de estreia do «Público». Na primeira página, é conferido destaque à situação no PCP e ao desafio de futebol entre o F. C. do Porto e o Sporting. O DL saúda o novo quotidiano que pretende constituir uma opção de qualidade no jornalismo português, desejando as maiores felicidades a quantos nele trabalham.

B R E V E S

Incêndio deixa Proleite sem produção de iogurtes

Durante meio ano a Cooperativa Proleite, de Oliveira de Azeméis, estará impedida de produzir iogurtes devido à destruição da unidade de produção daquele produto, um dos prejuízos resultantes do incêndio que ontem deflagrou nas suas instalações. Os estragos causados pelo incêndio, que se iniciou ontem à tarde, estimam-se em cerca de um milhão de contos, segundo afirmou um dos seus directores, Casimiro de Almeida.

A mesma fonte acrescentou que os estragos no edifício ascendem a 850 mil contos e o valor dos produtos destruídos pelo fogo ronda os 150 mil. Só o edifício e parte dos produtos armazenados estão cobertos pelo seguro. As chamas inutilizaram a unidade de produção de iogurtes e a parte da zona de câmaras de frio e ainda cerca de 100 toneladas de manteiga e outros produtos, especificou o director-gerente da Cooperativa de produtores de Leite do Centro Litoral.

Estão a desenvolver contactos no sentido de outra empresa vir a fabricar os iogurtes para a cooperativa, de forma a minorizar os prejuízos resultantes de uma paragem total da produção.

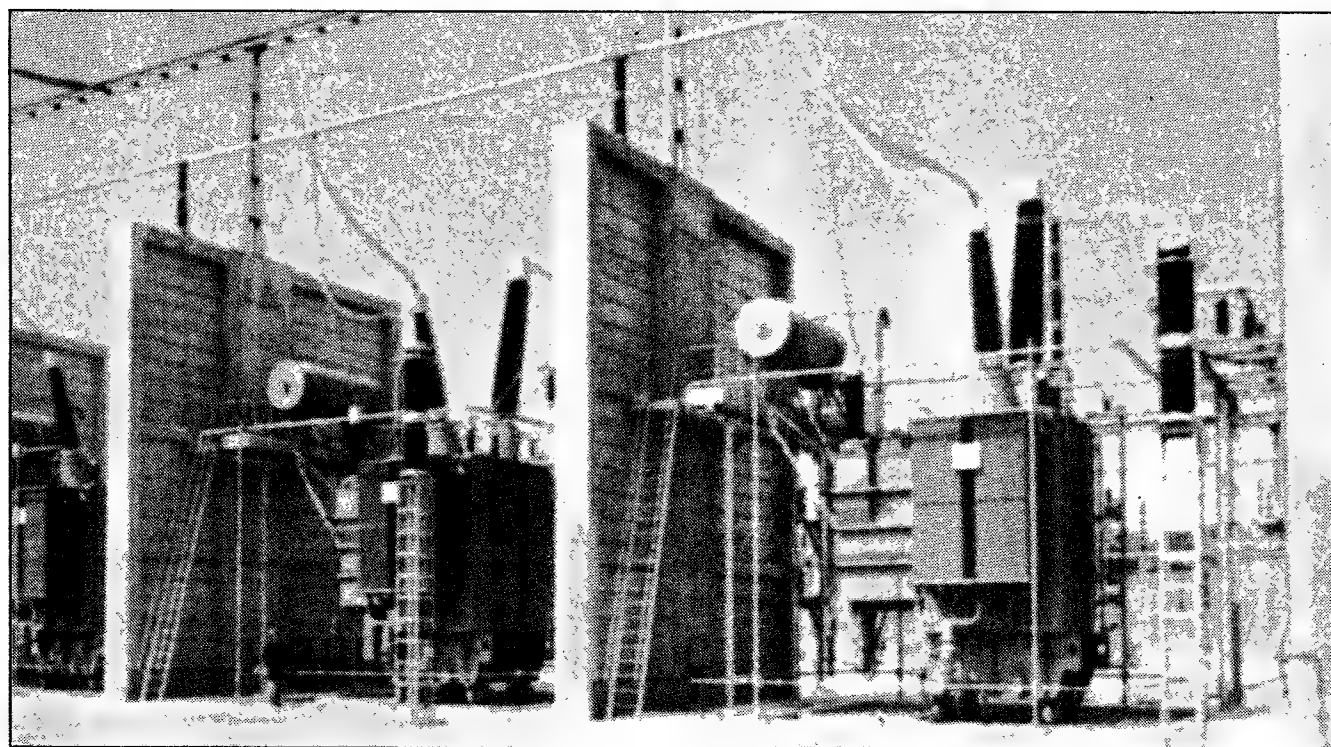
Funcionário camarário confessa estrangulamento de namorada

Ainda não foi encontrado, até ao fim da manhã de hoje, o corpo da jovem que o namorado terá atirado ao mar na Ilha da Madeira, depois de a ter estrangulado.

A Polícia Judiciária, que deteve o presumível homicida, solicitou a colaboração do navio patrulha «Rovuna» da Marinha de Guerra, da Polícia Marítima e dos Bombeiros Voluntários da Ribeira Brava, para localizarem o corpo da vítima, o que é dificultado pelo estado do mar.

Jorge Pestana, de 32 anos, funcionário da Câmara Municipal do Funchal, confessou ter morto Ivone Gouveia Dias, de 28 anos, empregada de um estabelecimento comercial no centro da capital madeirense, com quem namorava.

A detenção ocorreu há três dias, uma semana depois do desaparecimento da jovem, mas continuam a desconhecer-se as causas do crime, que se terá verificado no dia 23 de Fevereiro, data em que os dois se encontraram junto ao estabelecimento onde a jovem trabalhava.



Há uma relação difícil entre operadores de energia e o público

Utilização racional da electricidade pouparia 40 milhões de contos

A utilização racional de energia eléctrica em Portugal poderá contribuir para a poupança anual de 40 milhões de contos, considerou um quadro da EDP.

«É possível, através da utilização racional da energia doméstica e industrial atingir uma poupança global entre 10 e 20 por cento, que equivale a reduções nos gastos na ordem dos 20 a 40 milhões de contos», diria Matos Cunha.

O quadro técnico daquela empresa, falava a propósito de um colóquio, em Coimbra, sobre «energia e público» e defendeu o desenvolvimento de acções de divulgação junto do público e empresários, quanto a «metodologias de utilização racional de energia».

Há uma relação difícil entre operadores de energia e o público, motivada pela falta de clareza na explicitação das formas de poupança de energia, adiantou. A nível doméstico,

a poupança traduz-se na modificação das condições de isolamento térmico dos edifícios e na transferência do consumo de energia das horas de ponta para as horas de vazio, referiu.

Matos Cunha lembrou que no período nocturno a energia é substancialmente mais barata. Corresponde a cerca de metade do preço das horas de ponta.

No sector industrial está em curso uma experiência de sensibilização constituída por um prémio aos utilizadores que registem reduções de consumo. O prémio é de 300 contos para unidades fabris com menos de 100 empregados e de 500 contos para as outras.

O colóquio promovido pelo Sindicato Nacional de Energia (Sindiel), estrutura afecta à UGT, foi precedido por uma reunião de quadros, em que se debateu a contratação colectiva na EDP.

B R E V E S

Experiência no Sado contempla arroz

A Reserva Natural do Estuário do Sado está a desenvolver um projecto de experimentação-demonstração da cultura do arroz seguindo as normas da agricultura biológica, sem recurso a produtos químicos de síntese, disse o director da reserva, Antunes Dias. «O projecto começou em Dezembro e visa a introdução de princípios biológicos no cultivo de arroz nas explorações inseridas na área da reserva, podendo ser alargado a outras zonas» acrescentou.

Médicos do Estado querem vínculo à Função Pública

O Sindicato Independente dos Médicos propôs a vinculação à Função Pública de 17.000 médicos que trabalham para o Estado. A proposta faz parte de um caderno reivindicativo a ser entregue ao secretário de Estado da Saúde, Albino Aroso. O Sindicato afirma a inexistência de vínculo com a Função Pública o que impede cerca de 70 por cento dos médicos, a trabalhar para o Estado, de usufruírem qualquer benefício social.

Agricultores e pescadores têm tensão mais alta

Agricultores, caçadores e pescadores são os que mais sofrem de tensão alta, embora o problema também afecte gravemente mineiros, comerciantes e vendedores, revela o último inquérito nacional de saúde. Ainda de acordo com o inquérito, pelo menos um em cada dez portugueses tem níveis de pressão arterial elevados.

Ordens hospitalares comemoram centenário

As ordens hospitalares portuguesas vão comemorar o centenário do seu aparecimento, com a realização de um conjunto de iniciativas entre 1990 e 1995, a iniciar já em 16 de Outubro, data em que se celebra o terceiro centenário da canonização de S. João de Deus. Este santo é patrono de ordens hospitalares de Portugal, nomeadamente a que tem o seu nome e a das Irmãs Hospitalares do Sagrado Coração de Jesus.

Fim de semana de extremos

Portugal conseguiu ter, no mesmo dia, as temperaturas mais alta e mais baixa da Europa. O pior já passou e o tempo vai melhorar sensivelmente quarta-feira

As Penhas Douradas registaram, às nove horas de sábado, a temperatura mais baixa das redes das estações meteorológicas da Europa. Os seis graus negativos indicados nos termómetros estavam abaixo do frio sentido, por exemplo, em Moscovo ou em Estocolmo, que atingiu, respectivamente, um e dois graus abaixo de zero. No entanto, era também em Portugal que se verificava a temperatura mais elevada: quinze graus no Funchal.

O frio intenso, associado à chuva e ao vento forte que se fizeram sentir por todo o País durante o fim de semana têm, no entanto, os dias contados. O Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (INMG) prevê, para hoje, uma ligeira subida da temperatura, especialmente no Norte e Centro. Os aguaceiros continuarão e

o vento poderá soprar ainda com intensidade. As previsões de tempo normal para esta época do ano só estão previstas para quarta-feira, altura em que se espera uma acalmia geral da chuva e do vento, com acentuada subida de temperatura. Para já, segundo o INMG, Lisboa era hoje de manhã a capital mais «quente» da Europa, com dez graus centígrados.

Estradas cortadas e portos fechados

Como seria de esperar, todas as estradas que dão acesso à Serra da Estrela estão encerradas ao trânsito devido à acumulação de neve no piso.

Uma fonte do Centro de Limpeza de Neve das Penhas da Saúde, citada pela Lusa, precisou que a estrada da

Covilha-Manteigas-Gouveia encerrou às 15 horas de ontem, enquanto a da Nave-Torre Sabugueiro se encontra fechada desde as nove horas.

Na região de Lisboa, o frio e mau tempo perturbaram, sobretudo, as ligações fluviais com a margem sul. As embarcações da Transtejo, que fazem o percurso Terreiro do Paço/Cacilhas estiveram parados no sábado devido à agitação do mar. Os três barcos que normalmente operam no fim de semana ficaram parados porque a agitação das ondas dificultava o transbordo dos passageiros em Cacilhas. As ligações marítimas da CP entre Lisboa e o Barreiro não foram, no entanto, suspensas.

Paralelamente, o derrube de árvores derivado do vento forte, originou a interrupção

de várias vias rodoviárias em diferentes pontos do País. A mais significativa registou-se na estrada nacional número um, próximo da Mealhada. Várias viaturas foram destruídas em consequência da queda de 40 cedros e pinheiros. Segundo a Lusa, os bombeiros da Mealhada, chamados para desimpedir a via, foram surpreendidos, à chegada, pelo derrube de uma árvore que também lhes destruiu parcialmente uma ambulância, não causando, todavia, qualquer ferimento nos ocupantes da viatura.

No sul, o tempo não esteve melhor: uma fonte do Comando Naval do Continente disse hoje, à Lusa, que as barras dos Portos do Algarve, à excepção da de Portimão, se encontram fechadas devido ao levante que se faz sentir no litoral algarvio.



Os pescadores de Vila do Conde e de Viana do Castelo não aceitam os 40 milímetros impostos pelo Governo para a malhagem

Preservação dos recursos em causa

Pescadores contestam malhagem mais larga

A imposição agora decretada pelo Governo para o uso de uma malhagem mais larga pôs em pé de guerra armadores e pescadores de Vila do Conde e da Póvoa do Varzim, que se encontram em greve há cinco dias e até obterem uma resposta «satisfatória» às suas reivindicações. Os presidentes das Câmaras de Vila do Conde e da Póvoa do Varzim apoiaram já as reivindicações dos armadores e pescadores e comprometeram-se a integrar as delegações que pretendem ser recebidas, quarta-feira, pelo primeiro ministro e secretário de Estado das Pescas.

Por sua vez, os pescadores de Viana do Castelo, Vila Praia de Âncora, Caminha e Esposende não concordam com a greve dos seus colegas. Em conferência de Imprensa, o presidente da direcção da Vianapesca (Cooperativa dos Pescadores da Região de Viana), Graciano Fernandes afirmou mesmo que «estão indignados e não solidários» com a atitude

dos colegas de Vila do Conde e Póvoa do Varzim. A direcção da Vianapesca referiu ainda que «a comunidade piscatória da região de Viana está solidária com a legislação, visto que a mesma defende os interesses dos pescadores e não põe em causa a preservação dos recursos».

Recorde-se que os armadores de Vila do Conde e da Póvoa do Varzim, que constituem o maior centro pesqueiro artesanal do país, não aceitam a malhagem de 40 milímetros e a redução do comprimento das redes, conforme a potência dos motores das embarcações. Os pescadores artesanais destas duas praças utilizam uma malhagem de 32,5 milímetros para a pesca e 30 para a da faneca.

Para estes armadores, a nova legislação «desclassifica a pesca artesanal, acabando por favorecer a do arrasto, que captura peixe mais miúdo».

Sindicato apela a jornalistas

O Sindicato dos Jornalistas considerou, em comunicado divulgado, que o texto final da lei da Alta Autoridade para a Comunicação Social (AACS) não contempla as propostas por ele apresentadas à Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias e à Sub-Comissão de Comunicação Social.

O sindicato apelou, por isso, aos jornalistas para assumirem o compromisso de não aceitarem qualquer cargo na AACS, caso os convites do Governo marginalizem o seu órgão representativo da classe. Para o Sindicato, os jornalistas que aceitarem tais convites e quebrarem o compromisso apenas se representarão a si mesmos e à entidade que os contactou.

O texto do comunicado alega que «os quatro elementos não designados constitucionalmente para a AACS são-lhe, assim, por cooptação, o que permite ao Governo dispor de dez representantes entre os treze que constituem o novo órgão, onde não se assegura a presença de nenhum jornalista».

Em causa está, para além da eliminação do Conselho de Imprensa, a revogação da competência dos conselhos de redacção quanto a «dar voto favorável ao director, director-adjunto ou sub-director nomeados pela empresa proprietária do órgão, bem como ao chefe de redacção escolhido pelo director e ainda relativamente às admissões, sanções disciplinares e despedimento de jornalistas profissionais».

O Sindicato dos Jornalistas questiona se «não estará enquinada de má fé, logo à partida», a sua participação no processo: é o diálogo sobre a matéria tido em sede parlamentar, ou com representantes do Governo.

COTAÇÕES

Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	49625	55825
ALEMANHA FED. (marco)	96880	88880
AUSTRIA (xelim)	12530	12550
BÉLGICA (franco)	38969	48219
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	124840	126890
(notas de 5 a 1000)	124890	127840
DINAMARCA (coroa)	22860	23800
ESPAÑA (peseta)	18317	18437
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	148855	152805
(notas de 5 a 1000)	149805	152855
FINLÂNDIA (marka)	37800	37860
FRANÇA (franco)	25570	26840
HOLANDA (florim)	77810	78820
IRLÂNDIA (libra)	232825	236825
ITÁLIA (lira)	\$107	\$122
JAPÃO (iene)	\$951	\$1006
NORUEGA (coroa)	22855	23805
REINO UNIDO (libra)	247835	251885
SUÉCIA (coroa)	24810	24860
SUÍÇA (franco)	98890	100840
VENEZUELA (bolívar)	38157	38957

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

QUOTIDIANO

Relatório prévio sobre explosão de contentor

Transportador tentou ocultar natureza perigosa da carga

O relatório prévio à explosão accidental ocorrida quarta-feira, em Santa Apolónia, estabelece a existência de «fortes indícios» de que tenha havido «intenção deliberada de ocultar a natureza perigosa das mercadorias transportadas» no contentor do semi-reboque. Segundo o teor do texto divulgado pelo Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, «a explosão terá ocorrido em resultado da reacção química dos diferentes elementos de carga do contentor indevidamente carregados em comum». As investigações realizadas apontam para um conjunto numeroso de irregularidades que engloba

não apenas a documentação respeitante ao transporte realizado como ao próprio acondicionamento da mercadoria. A empresa Monas-Agentes Transitários, Lda. nem sequer se «encontra licenciada para o exercício da respectiva actividade», diz-se no relatório, o que constitui infracção à lei vigente.

O veículo não se fazia acompanhar do documento do transporte nem das fichas de segurança prescritas pela lei no caso do transporte de mercadorias perigosas. Não era portador, também, da sinalização de identificação de mercadorias perigosas. O tacógrafo não se encontrava a funcionar nos termos da

lei e o peso bruto do conjunto «era excedido em 1 800 Kg relativamente ao fixado no livrete».

Os autores do relatório prévio sustentam ainda que «as paragens e arranques sucessivos do veículo devidos à intensidade do tráfico na ocasião terão motivado deslocções da carga no interior dos contentores e, no caso concreto do que explodiu, o derrame do ácido sulfúrico que, em contacto com a pólvora dos artifícios pirotécnicos provocou a reacção iniciadora da explosão». Face às conclusões do relatório, o Ministério citado «ordenou de imediato às direcções-gerais de Transportes terrestres e de Viação que procedam à in-

strução dos respectivos processos de contra-ordenação às regras de transporte». As eventuais sanções «não prejudicam a aplicação de outras penas, designadamente criminais», refere ainda o texto. O relatório sublinha ainda «a situação ilegal da empresa dita transitária», a qual «surge associada à prática de sucessivas irregularidades nas operações de carregamento e transporte». Outra das conclusões refere a existência de «indícios» de que o motorista, Arménio Cardoso Paiva, «esteja a explorar directamente a licença afectada ao tractor envolvido no acidente não tendo para o efeito a correspondente habilitação».

Câmara do Porto ouve defensores do ambiente

«Nesta reunião tratou-se de definir uma filosofia de trabalho entre a Quercus e a autarquia. Ficou entendido que, em princípio, e a partir de agora, se passarão a realizar reuniões de dois em dois meses com a autarquia para se fazer o ponto da situação» — referiu ao DL Valter Gomes, presidente da Quercus, no Porto, a propósito da reunião que decorreu, na passada sexta-feira, com o vereador do pelouro do ambiente, Orlando Gaspar.

Segundo Valter Gomes, este encontro, que teve como objectivo promover a aproximação entre os vários grupos ecológicos e autarquia, foi muito positivo. «Consideramos que é já importante uma autarquia adoptar esta postura e as intenções manifestadas apontam para a resolução de alguns dos problemas da cidade do Porto» — disse-nos o presidente da Quercus. Este defendeu ainda que o ambiente terá de ser visto como fundamental referência da actividade

camarária. «A política do ambiente tem que estar presente em todos os actos de gestão autárquica» — disse.

A falta de zonas de decompressão, a situação caótica do trânsito, a ocupação desregrada dos solos, a limpeza urbana da cidade e as estações de tratamento de resíduos sólidos, foram algumas das questões abordadas durante este encontro. «O pelouro do ambiente não se vai limitar a dar respostas aos problemas ambientais, mas antes vai procurar desenvolver todo um programa socio-cultural e educativo que evite o aparecimento dos problemas» — afirmou o vereador do pelouro do ambiente, Orlando Gaspar. Contudo, este autarca sustentou que «presentemente a Câmara não tem os meios e as estruturas modernas e mais adequadas para dinamizar e construir as respostas aos graves problemas ambientais. Mas, há ideias, objectivos e estratégias de acção».



Rescaldo de incêndio dorme na rua

A noite de 17 de Fevereiro, que pôs de sobressalto todo o bairro do Beato devido às dimensões do incêndio deflagrado nos armazéns de papel da firma Anjos e Costa, na Rua do Açúcar, já vai longe. Os responsáveis da firma andam numa correria para amortizar os prejuízos do sinistro, avaliados em cerca de 35 mil contos.

Quem parece estar relaxada é a Câmara Municipal de Lisboa, cujos serviços de limpeza ainda não desobstruíram a transversal que liga a Avenida Infante D. Henrique à Rua do Açúcar, utilizada, sobretudo, por viaturas pesadas. Espera-se que a rua seja limpa antes do próximo acidente.

FORMAÇÃO EM

TELEVISÃO

O CENTRO DE FORMAÇÃO DA RÁDIO RENASCENÇA
vai promover acções de

FORMAÇÃO EM TELEVISÃO

com o objectivo de criar os quadros da

TELEVISÃO DA IGREJA

INFORMAÇÕES E IMPRESSOS PARA INSCRIÇÃO:

Na sede da RR em Lisboa e nos Estúdios Regionais

DATA DE INSCRIÇÃO:

8, 9, 12 e 13 de Março de 1990

LOCAL DA INSCRIÇÃO:

Sede da RR em Lisboa ou por carta registada

(com data limite 13.03.1990)

Para:

CENTRO DE FORMAÇÃO DA RÁDIO RENASCENÇA

R.IVENS, 14

1294 LISBOA CODEX

Analisar o funcionamento do sistema partidário, na sua fragilidade ou solidez, no seu relacionamento com a sociedade e com o Estado, e na sua evolução futura, nomeadamente no que se refere a uma possível bipolarização, foi o tema proposto aos elementos do Grupo de Trabalho DL sobre Política Nacional. Alberto Costa, advogado, Juan Mozzicafreddo, professor do ISCTE e especialista em sociologia política, Manuel de Lucena, investigador do Instituto de Ciências Sociais, Victor Cunha Rego, director do «Semanário» e António Mendonça, economista e professor auxiliar do Instituto Superior de Economia e Gestão, foram os participantes neste encontro, moderado pelo director do DL, Mário Mesquita e no qual participaram também os jornalistas Dina Soares e António José Teixeira

O sistema partidário português

A primeira questão lançada para a mesa dizia respeito à fragilidade do sistema partidário e à radicação dos partidos políticos, especialmente dos quatro mais importantes, na sociedade portuguesa. «Ao longo destes anos tem-se dito que o sistema partidário é frágil. No entanto, o que se verifica é que todas as tentativas feitas até agora para alterar esse equilíbrio, para criar novos partidos, acabaram por falhar. Afinal, deverá manter-se a ideia de que o sistema partidário é frágil ou terá que rever-se este ponto de vista?», perguntou Mário Mesquita.

Manuel de Lucena foi o primeiro a aceitar o desafio. «Os partidos portugueses no período transitório para o estabelecimento da democracia revelaram alguma força ao serem capazes de contribuir para que de uma ditadura não se transitasse para outra. A partir do momento em que foi aprovada a Constituição deixou de haver grandes perigos a que os partidos tivessem que resistir, perigos que só voltarão se entrarmos numa fase europeia conturbada».

Assim, no que se refere à defesa da democracia, considerou que os partidos não estão numa situação de fragilidade, acrescentando que, pelo contrário, eles até poderão revelar-se demasiado fortes na actual sociedade portuguesa.

No que se refere ao enraizamento das organizações partidárias, Manuel de Lucena foi de opinião que, como a nossa democracia não é essencialmente representativa, a questão do enraizamento não é decisiva.

Juan Mozzicafreddo considerou que os partidos são frágeis face ao Estado, mas fortes face à democracia. «Cumprindo a função de consolidar a democracia, revelaram uma força insuspeita para partidos novos. No entanto, são muito frágeis face ao Estado, cuja predominância na sociedade é muito grande. E os partidos em vez de funcionarem como intermediários entre a sociedade

e o Estado estão subordinados a ele. Aí o sistema partidário é muito frágil pois depende das clivagens dos grupos internos, das alianças conjunturais e instrumentais».

Por outro lado, o sociólogo afirmou que os partidos são fortes em relação aos eleitores pois mantêm uma fidelidade eleitoral, o que revela uma forte ligação à social. «Os partidos estão radicados na sociedade: do ponto de vista positivo, respondem a uma certa representatividade, do ponto de vista negativo funcionam um pouco como a sociedade portuguesa, ou seja, são muito clientelares, muito de grupo, ao sabor das clivagens pessoais».

«A ideia de fragilidade tanto pode ser aplicada em relação ao sistema partidário como em relação a cada uma das suas componentes», disse Alberto Costa. Em seu entender, a aplicação dessa ideia ao sistema serviu algumas vezes para criticar a sua incapacidade de produzir soluções governativas desejadas. Em relação a cada uma das componentes - acrescentou - os partidos revelaram uma força inesperada em vários momentos. Quanto ao enraizamento, Alberto Costa é de opinião de que é possível que os partidos revelem algum desenraizamento, o que pode ser positivo. «Não sei se o ideal dos partidos completamente mergulhados na sociedade será o melhor

do ponto de vista do funcionamento do sistema político».

Para António Mendonça, o sistema partidário tem-se revelado eficaz. Todavia, isso não significa, em seu entender, que ele tenha que se manter inalterável. «As transformações que estão a processar-se na sociedade portuguesa, designadamente devido à integração na Comunidade e a nível internacional, conduzem necessariamente a essas modificações», disse, acrescentando que se está a caminhar actualmente para novas formas de intervenção política dos cidadãos.

Victor Cunha Rego considerou que a maior fragilidade dos partidos é de ordem programática. «O PS aparece para defender as conquistas democráticas da revolução que já estavam feitas, enquanto o PSD tem o seu reformismo ultrapassado pela realidade».

Na sua óptica, está a caminhar-se para um sistema bipolar o que contribui para transformar os partidos portugueses em partidos de eleitores, de integração social. No entanto, o director do «Semanário» é de opinião de que as formações partidárias são fortes no seu enraizamento e na sua consonância com a ordem social do País.

Face às questões levantadas, Mário Mesquita interrogou os participantes sobre as hip-

óteses de alteração do sistema partidário. Para Manuel de Lucena esta não é provável. Até acha que o próprio PCP talvez não quebre muito nos próximos tempos. «Agora que o comunismo parece ter deixado de existir e não há perigo vermelho, muitos cidadãos insatisfeitos talvez continuem a votar no PCP como numa espécie de sindicato político» - acrescentou.

Para Juan Mozzicafreddo, qualquer melhoramento da participação só pode surgir da lógica interna do sistema de democracia representativa. Apesar disso, considera que os partidos são fracos face a si próprios e aponta duas razões: «Internamente, são pouco respeitadores dos mecanismos democráticos e são frágeis face às necessidades que a sociedade vai colocando a cada momento uma vez que não têm estratégias a longo prazo».

Essa desadequação das formações partidárias relativamente à sociedade pode, em sua opinião, fazer com que os partidos tenham cada vez menos votos, ficando gradualmente mais afastados das clivagens sociais.

Alberto Costa não espera demasiado da participação dos cidadãos fora dos partidos. «Não há grande suporte social para uma concepção participativa da democracia e os instrumentos que podem agenciar participações

ão eficazes apenas em sectores muito limitados», afirmou. Para este jurista, pode assistir-se, isso sim, a uma mudança das relações entre os partidos e o eleitorado, no sentido de estas se tornarem mais dinâmicas o que, na sua óptica, representa um progresso da vida política. «O eleitorado passará a exprimir-se e a deslocar-se consoante as políticas concretas, em oposição à relação baseada em pressupostos ideológicos».

Esta ideia de desideologização dos partidos foi apoiada por Mozzicafreddo, para qual estas organizações tendem, actualmente, a uma maior pragmatização. «O eleitor é cada vez mais pragmático, o que obriga os partidos a modernizarem-se».

Considerando que a democracia representativa é um dado adquirido, António Mendonça entende que ela não é estática. «Tem-se assistido a novas formas de participação - não necessariamente políticas - dos cidadãos na gestão da coisa pública», afirmou, dando como exemplo a autonomia universitária. Estas novas formas vão, em seu entender, influenciar os próprios partidos.

No que se refere às estruturas internas anti-democráticas dos partidos, Mendonça considera que elas são um facto mas que vão ter que mudar por exigência dos

próprios militantes. «O próprio sistema eleitoral português é em alguns aspectos anti-democrático, pois não contempla uma responsabilização directa do eleito perante o eleitor».

A questão da fraqueza ou força dos partidos foi novamente abordada por Manuel de Lucena, que considera que estes são fracos em relação ao governo - pois todos eles nasceram de uma grande necessidade de ser poder - e fortes relativamente ao Estado. Por exemplo, «os partidos têm um peso excessivo na designação dos membros de órgãos tão importantes como o Tribunal Constitucional, o que representa uma força excessiva em relação ao Estado, esse sim, fraco».

Quanto à questão da democracia representativa, Manuel de Lucena afirmou que «o que temos é uma democracia pluripartidária, pois numa democracia representativa pessoas representam directamente pessoas e é bem outra a relação entre os deputados e os eleitores».

«O sistema partidário está a gerar elites capazes de uma gestão eficaz, de implantarem políticas concretas», afirmou, por seu turno, Victor Cunha Rego, ao que Juan Mozzicafreddo ripostou, dizendo que os partidos usam o Estado para institucionalizar clientelas.

Voltando ao problema da autonomia das corporações

«O PS aparece para defender as conquistas democráticas da revolução que já estavam feitas, enquanto o PSD tem o seu reformismo ultrapassado pela realidade»

Victor Cunha Rego



«O sistema eleitoral português é em alguns aspectos anti-democrático, pois não contempla uma responsabilização directa do eleito perante o eleitor»

António Mendonça



«Para existir bipolarização têm que existir diferenças entre o PS e o PSD e o que acontece na realidade é que eles se estão a aproximar cada vez mais»

Juan Mozzicafreddo

TOITORRES



TOYOTA

Edifício Toitorres E.N. 8 — Km 43,9 — Telef. 25171/2/3/4 — 2560 TORRES VEDRAS

CONCESSIONÁRIOS

DL SOBRE POLÍTICA NACIONAL



O funcionamento do sistema partidário em Portugal foi o tema da segunda reunião do Grupo de Trabalho DL sobre Política Nacional

e da democracia representativa, o sociólogo exprimiu a opinião de que tal autonomia perverte a lógica daquele tipo de democracia, defendendo o desenvolvimento de mecanismos democráticos internos dos partidos em detrimento da aposta em mecanismos alternativos.

«Fracos são os partidos e é essa fraqueza que pode pôr em causa o sistema partidário, pois não conseguem fiscalizar-se a si próprios nem ter propostas inovadoras para a modernização da sociedade», afirmou. As razões apontadas por este sociólogo para tal situação prendem-se com o facto de a sociedade portuguesa ter vivido muito tempo sem democracia partidária, com um forte pendor para

clientelismos e clãs e com a ausência de desafios. «O único desafio foi o aparecimento do PRD que acabou por não desafiar ninguém».

Victor Cunha Rego levantou então uma questão: «Haverá possibilidades de aparecerem partidos que representem, claramente, grupos sociais determinados, neste caso liberais?» E Mário Mesquita acrescentou a esta questão o problema da bipolarização, perguntando se essa tendência poderia ser compatível com um sistema adjacente de forças multipolar.

Afirmando que novos partidos se podem formar a partir de novos desafios, ou por iniciativa dos próprios eleitores, Mozzicafreddo considerou, porém, que há

quinze anos que o sistema partidário português se mantém igual, só mudando os agentes.

Manuel de Lucena discordou parcialmente do interveniente anterior, embora tenha apontado algumas alterações importantes. «De quatro partidos equilibrados estamos a passar para dois dominantes. O actual Presidente da República em vez de chefe militar é agora oriundo do sistema partidário. O que não mudou foi o sistema eleitoral».

Na opinião de Alberto Costa, assistiu-se, em 1987, a uma tendência para a sobrevalorização do voto útil, de que foi beneficiário o PSD. «Tratou-se de um voto com uma grande carga utilitária,

mas com uma pequena carga expressiva em termos de valores, o que representa um défice de expressão política e reduz as possibilidades do sistema», afirmou. Contudo - acrescentou - em eleições como as presidenciais essa tendência pode inverter-se.

Este jurista referiu-se então à possibilidade do aparecimento de um partido de tipo liberal, considerando que existiria espaço para ele se houvesse homens interessados em formá-lo. «Um partido desse tipo poderia exprimir melhor que o PSD certos valores e prioridades políticas, como por exemplo no domínio da política externa ou da justiça, áreas a que este tipo de partidos geralmente atribui especial

relevância».

A questão da bipolarização foi a última a ser lançada para a mesa pelo moderador do debate. «Na hipótese de reforço dos dois partidos poder-se-ia construir algo como um sistema de bimpolartidarismo?», perguntou.

«Para existir bipolarização têm de existir diferenças entre o PS e o PSD e o que acontece na realidade é que eles se estão a aproximar cada vez mais», afirmou Juan Mozzicafreddo. «Por outro lado, ainda há uma grande resistência psicológica ao bipartidarismo, ainda existem núcleos radicais com um eleitorado fiel».

«Não vejo que se caminhe, ou que seja desejável que se caminhe, para uma bipolarização que, aliás, será apenas uma tendência conjuntural e não estrutural», disse, por seu turno, António Mendonça. Este economista referiu-se ainda ao problema da política externa, afirmando que, embora ela não tenha sido até agora uma prioridade, vai ter que passar a sê-lo.

«A integração económica vai conduzir a uma integração política e as forças políticas nacionais vão ter cada vez mais tendência a desenvolver-se em termos internacionais», explicou. Em total de acordo com António Mendonça, Victor Cunha Rego defendeu que se caminha para a bipolarização, o que não é, em seu entender, a mesma coisa que o bipartidarismo. A questão da bipolarização foi ainda complementada por Mário Mesquita ao levantar a interrogação: «será que, como conclusão lógica da bipolarização, a lei eleitoral acabará por mudar, abandonando-se o sistema proporcional?».

Victor Cunha Rego pensa que é possível. «É do interesse dos dois grandes partidos que se modifique a lei eleitoral e se acabe com o sistema proporcional». O mesmo não pensa Mozzicafreddo, pois ainda não aconteceu que um grupo político ache que com ela não pode chegar ao poder nem que o sistema se está a mostrar ineficaz.

Alberto Costa lembrou, a propósito, que não é fácil encontrar precedentes para a passagem de um sistema proporcional para um sistema maioritário, o que é significativo. Em seu entender, «o actual sistema eleitoral é fruto natural do sistema partidário, enquanto a escolha do método maioritário seria marcada por uma excessiva intencionalidade».

Este jurista acrescentou ainda que seria desejável que uma bipolarização se não estabelecesse por obra de uma modificação intencional do sistema eleitoral. António Mendonça afirmou não ver razões para que a lei eleitoral fosse mudada, uma vez que se tem mostrado eficaz, enquanto Mozzicafreddo considerou que tal alteração não seria reconhecida como legítima pela sociedade. O sistema bipartidário, continuou, pressupõe pouca participação política e uma maior autonomia da sociedade civil, o que não acontece na sociedade portuguesa. Revelando-se contrário a um estrito bipartidarismo, Manuel de Lucena acentuou que o equilíbrio político deverá contar mais com a componente presidencial, o que em parte a Constituição já prevê. Aliás, a questão presidencial viria a encerrar o debate, com António Mendonça a deixar a interrogação: «o consenso à volta do actual Presidente da República não significará um certo compasso de espera dos partidos?»



«Não há grande suporte social para uma concepção participativa da democracia e os instrumentos que podem agenciar participação são eficazes apenas em sectores muito limitados»

Alberto Costa



«Agora que o comunismo parece ter deixado de existir e não há perigo vermelho, muitos cidadãos insatisfeitos talvez continuem a votar no PCP como numa espécie de sindicato político»

Manuel de Lucena



«Agora que o comunismo parece ter deixado de existir e não há perigo vermelho, muitos cidadãos insatisfeitos talvez continuem a votar no PCP como numa espécie de sindicato político»

CONCESSIONÁRIOS

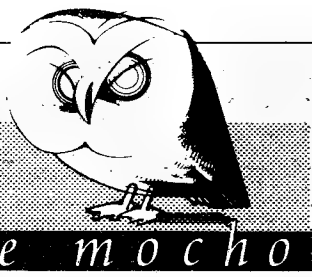


Auto Monumental do Alentejo S.A.



AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA



olhar de mocho

O imparcial

Em época de Carnaval ainda se toleraria um jornal de sábado disfarçado de imparcialidade ou que usasse a máscara do conhecido jornal do princípio do século que procurou ser independente. Mas em tempo de oficial não-folia, a pseudo máscara de imparcialidade não só não faz rir mas é perigosa para o sistema democrático.

Abrir um programa noticioso com as mudanças no Leste e na União Soviética, é no mínimo, enjoativo, no menos mínimo, brincar de telenovelas de seis meses de comprimento.

O director do Primeiro Canal ainda não compreendeu que a notícia de abertura de um serviço noticioso é uma coisa, a discussão de um tema, outra muito diferente. Se a minha memória não falha, a RTP ainda não noticiou, pelo menos em horário nobre e com destaque, a famosíssima Declaração de Colónia em que teólogos alemães católicos contestaram e contestam certos processos e métodos da Igreja Romana e do cardeal Ratzinger. A Declaração de Colónia teve impacto em Itália, em França e em Espanha, foi «notícia» e manchete em quase todos os órgãos de Comunicação Social dos países culturalmente europeus mas na RTP - se a memória não me atraiça -, não. A situação é, por isso, carnavalesca: Portugal com 99 por cento de católicos, não é informado pela empresa pública da 5 de Outubro de um problema que diz respeito aos católicos, o mesmo Portugal com dez a doze por cento de comunistas é inundado com as notícias do Kremlin. Uma coisa é imparcialidade, outra a máscara carnavalesca. Tanto mais que, ontem, domingo, o Canal 2 passou o «El» de Buñuel: ocasião excelente para reunir à mesa-redonda da discussão e do debate personalidades que falassem do profano e do sagrado nas instituições da sociedade.

Na mesma linha da manipulação provinciana, tivemos um brevíssimo pseudo-debate sobre a publicidade. A brevidade do tratamento do tema, o contexto em que ele foi inserido (em que país civilizado é que questões deste tipo são metidos à pressão num jornal noticioso?), e as imagens introdutórias autorizam a ilação de que se tratou, mais uma vez, de fazer publicidade à publicidade. A gente desconfia de possíveis conluios para encapotadamente publicitar o grande patrão da 5 de Outubro.

Tinha passado quase uma hora do Jornal de Sábado quando o director anunciou pomposamente, «já aqui se falou de muita coisa» e que, portanto iria passar propriamente às notícias do dia. Foi o sinal de código para fechar o televisor e conversar com os convidados do jantar. A brincadeira com a pseudo-imparcialidade de temas sérios tinha acabado, mas para termos Carnaval durante o ano todo, o Jornal de Sábado poderia, retomando tradições antigas da nossa Imprensa, passar a chamar-se, «O Imparcial».



José Sousa Monteiro

CULTURA

Na sexta-feira, em S. Carlos, público híbrido banalizou a data histórica

Amália e os hereges

Sexta-feira, princípio da noite. Lisboa acumula-se nos acessos suburbanos, na bicha para o Totoloto e despojava-se já no Chiado - à hora exacta em que o Chiado costumava fervilhar de gente nos tempos áureos de S. Carlos.

Dentro do teatro, as luzes acendem-se e apagam-se no teste habitual e uma guitarra por afinar experimenta o microfone do palco. Dentro de uma hora, pela primeira vez, vai cantar-se o fado em S. Carlos. Fim de uma era ou começo de uma era, apesar de os preparativos repetirem uma rotina sob a bênção bicentenária dos camaleões do tecto.

Dois de Março de 1990: o que poderiam ter feito de uma data assim olissipógrafos como Tinop ou Matos Sequeira? - O que diriam eles ao ouvirem a canção dos bairros pobres ecoar no mais cobiçado dos nossos teatros líricos? - O que diriam de Amália a conseguir essa proeza?

O fado-destino-fatum, a cumprir-se em S. Carlos, traz consigo ainda mais solenidade, agora que já ninguém se bate por pateadas às divas, que já ninguém trespassa um camarote por fortunas; agora que já não são solenes as suaves noites do Chiado. Por isso, o «sacrilégio» pode quase ser visto do avesso. Como o regresso do destino a uma casa por onde o mundo deixou de passar.

O que se espera, então, para esta noite? - Amália no melhor de si mesma, claro. Mas isso é inevitável, uma vez que o seu estatuto único de lenda lhe confere à partida a magia de um dom. O que se espera para esta noite é então, apenas, um público à altura da histórica ocasião.

As luzes apagam-se aos dois minutos para as dez. Victor Pavão dos Santos vem à boca da cena apresentar Amália: «Era estranho que, tendo cantado em teatros tão importantes, ela nunca tivesse vindo ao mais bonito teatro de Lisboa». Quando as cortinas se abrem, advinha-se um certo frio nos outrora preciosos camarotes. Mesmo depois das dez, há atrasos e espirros vindos do «foyer». A assistência é inteiramente constituída por convidados do Banco Comercial Português. O espírito que prevalece calcula-se num provérbio: «A cavalo dado...».

Quando Amália surge, a salva de palmas fica muito aquém da pior recepção dada aqui, noutros tempos, às prima-donas pelos seus «claqueurs». E quando ela termina a sua «Rosa de Fogo»,



Francisco Paralelo

Há qualquer coisa de muito solene na relação desta mulher com o destino

muitos têm ainda, por certo que este público de fraco entusiasmo é constituído pelos selectos «habitués» de ópera em S. Carlos, quase todos reticentes nesta histórica noite. Mas não. Este também não é, manifestamente, o público de S. Carlos. É uma outra coisa híbrida e que não está em casa.

Só dois fados depois, na «Maria Lisboa», dão mostras de reconhecer o refrão. Amália ergue os braços no pedido para trautearem. Lança a piada: «Aqui não se faz isso, pois não?». No fim, aplaudida com cortesia e sensatez, sorri: «Ainda bem que não vai haver outra vez para eu me meter numa destas». Anuncia «Estranha Forma de Vida» e aplaudem-lhe, então, a escolha.

«Ribeiro não corras mais que não hás-de ser eterno» - é letra dela, iluminadamente. Não parece vulnerável à solenidade de que também quis convencer-se. Se há alguém aqui que está quem da mitologia de S. Carlos não é ela: é este público. Vai «beber uma pinguinha de água» a um canto do palco, enquanto os quatro acompanhantes entrem a assistência. E como se tivesse já a chave desta noite. Há qualquer coisa

de muito solene na relação desta mulher com o destino. Qualquer coisa que tem, realmente, a ver com a origem do fado e que só pode perceber-se do outro lado do mito. Quando, no «Malhão Simão», pede palmas à assistência, parece lançar verdades àqueles tristes camarotes: vão longe os tempos da Alboni, mas haja alguma reciprocidade! «Madrango», de Frederico Valério, e ela não desarma: ergue mais os braços, pede mais alto o acompanhamento do público que lhe regateia entusiasmo. Consegue sempre aquilo que se propõe. O público híbrido, teme-lhe a voluntariedade, mesmo que lhe não venere de joelhos o símbolo.

No intervalo, o champanhe servido pelo BCP é tão louvado pelos neófitos como os estuques dourados o são pelos leigos. Há aqui uma percentagem de gente que, obviamente, não frequenta S. Carlos. Ouvem-se comentários à voz dela. Como se Amália fosse apenas um timbre, uma pose, um retrato retocado do Bruno of Hollywood. Como se o fado, a testa marcada de alguns, não nos fizesse saber da pobreza das palavras que não se descrevem nunca, de modo exacto

e simultâneo, o braço dela no ar, os olhos ao alto, a colcha amarela da cantiga, os camarotes dourados de S. Carlos e mais a gente a interrogar-se como conseguirá ela aquela postura para o vestido que não desconta nos impostos nem sustenta com crinolinas.

Finalmente, em «Povo que Lavas no Rio», o teatro rende-se, tarde de mais. Ela comenta ainda: «No fado também há árias mais aplaudidas do que outras». Após 26 temas, os aplausos finais são - finalmente - de pé. Regressa com «Fado Amália» e remata assim mesmo: «Foi Deus que me trouxe aqui. Mesmo que vossemecês não tenham gostado, eu gostei muito de ter cá vindo!».

Deram-lhe como prenda final um coro razoável no «Ai Mouraria». E assim se completa a noite em que a Mouraria subiu a S. Carlos para provar, mais uma vez, que já nem os «sacrilégios» fazem vibrar os hereges. O único sacrilégio, aqui, não foi o fado na casa da ópera. Foi o público desenraizado a pisar impunemente caminhos que não merece. Era uma vez uma noite histórica que foi muito educadinho, muito morna, muito pacífica...

Marina Tavares Dias

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Inaugurada, no sábado, a 9ª Jornada de Banda Desenhada da Sobreda

Do outro lado do rio

Na época do vídeo e dos jogos informáticos, há ainda professores que vêm na banda desenhada o inimigo número um do estudo. E, no entanto, os programas oficiais já reconheceram esta forma de expressão como um possível estímulo à criatividade do jovem. Seja como for, a 9ª Jornada de Banda Desenhada da Sobreda (cancelho de Almada), inaugurada no passado sábado, estará no Solar dos Zagallos até ao próximo dia 10, esperando, como aliás sempre acontece nestas ocasiões, pela pronta visita das escolas locais.

Organizado desde há oito anos, o certame tem-se imposto pelos seus méritos, tendo vindo a amealhar um leque invejável de apoios e patrocínios, a que não faltam evidentemente a Junta de Freguesia da Sobreda e Câmara Municipal de Almada. As atracções são as habituais nestas jornadas: os

«stands» de venda de álbuns com preços mais convidativos que os da livraria, o número antigo da revista de que se faz colecção, o contacto com a realidade diferente da banda desenhada que é o fanzine.

Mas não é tudo. Paralelamente à feira e, talvez mais interessante do que ela, decorre a exposição de pranchas BD de alguns dos autores mais representativos da Bélgica, do Brasil, da Espanha, Finlândia, França, Grécia, Itália, Jugoslávia, Suécia, e «last but not the least», antes pelo contrário, de Portugal.

Entre os cerca de trinta autores portugueses representados na «Sobreda BD/ 90», estão Artur Correia, José Garcês e José Ruy, homenageados em anteriores edições do certame.

Todos lhes reconhecemos o traço, de habituados que estamos a seguir-lhes as «tiras» quer na imprensa, que,

admitamos, cada vez mais se esquece da banda desenhada, quer nos diversos álbuns que assinaram.

Quem não se lembra das adaptações dos clássicos da literatura que José Ruy fez para a Editorial Notícias? Ou das suas colaborações no «Cavaleiro Andante»?

As mesmas palavras poderiam aplicar, sem dificuldades ou constrangimentos de maior, ao homenageado da «Sobreda BD» deste ano. Pintor, escultor, ilustrador e banda desenhista de mérito, Augusto Trigo já fora distinguido em 1988 no Salão de Banda Desenhada do Porto.

Na «Sobreda BD/ 90», a distinção será partilhada, todavia, com o francês Jacques Martin que, tal como os belgas François Craenhals, Martine Boutin e o jovem grego George Botsos, estará presente na sessão de encerramento.

Martin que é o progenitor

de populares heróis da vineta como Alix, Guy Lefranc e Xan, trabalhou durante mais de uma década nos estúdios de Hergé que, conforme é do conhecimento geral, foi o pai baboso de um «menino» já sexagenário chamado Tintin. Acontece, porém, que Martin terá servido algumas vezes de «ama seca» ao dito «menino», desenhando-lhe algumas das suas mais rocambolescas aventuras.

Mais ou menos apoiados e reconhecidos, melhor ou pior organizados, os salões de Banda Desenhada continuam a efectuar-se fora de Lisboa. Em Outubro, o Porto foi o palco escolhido, por obra e esforço de um Comicarte determinado em não trazer o seu certame à capital. Agora, o «Sobreda BD/ 90» fixa-se do outro lado do rio. Será que em Lisboa ninguém sabe que a «BD» já não é coisa de miúdos?

Maria João Martins



No Rock Rendez-Vous

Lobo Meigo uiva mais alto

Os Lobo Meigo, de Carcavelos, foram a banda vencedora do sexto e último concurso de música moderna do Rock Rendez-Vous, que fecha assim (definitivamente?) as suas portas. No meio, mais uma vez, de grande polémica (contaram-se pelos dedos as vitórias que não tiveram contestação), e seis anos depois de Nuno Rebelo ter conduzido os Mler lfe Dada ao lugar número um na primeira edição do certame, outro ex-Street Kids, Luís Ventura, mentor dos Lobo Meigo, vê desta forma coroada de êxito as suas incursões na pop portuguesa.

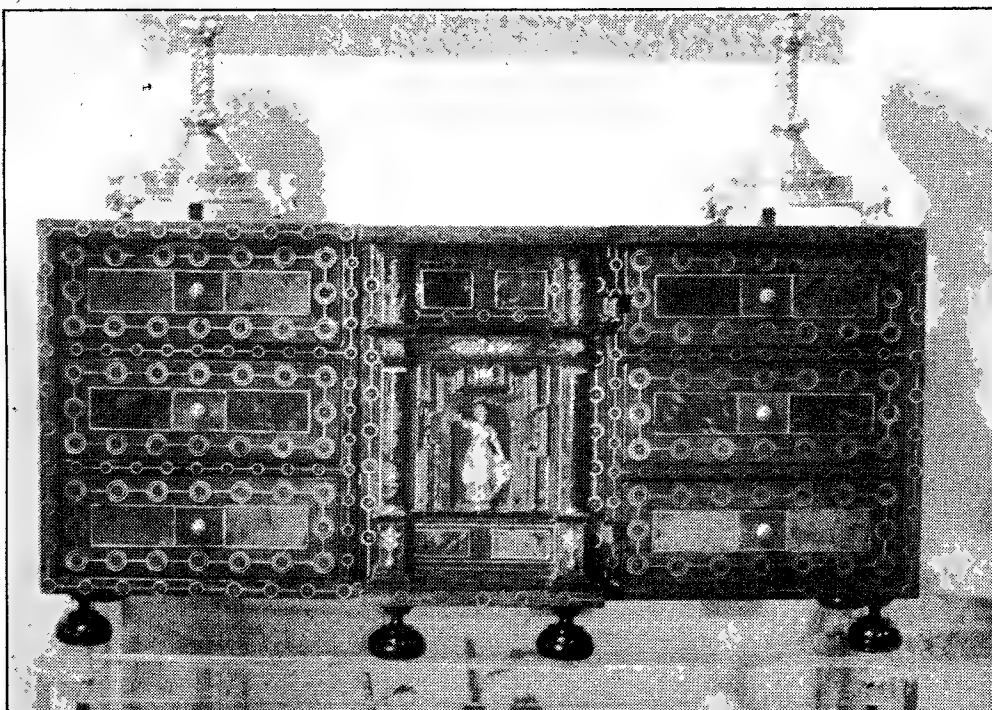
Completado por João Carvalhais nas guitarras e voz, Hélder Reis nas teclas e voz, e um punk convertido, José Carvalhosa, baixista, vocalista e programador de «caixa de ritmos», o projecto Lobo Meigo revelou-se o mais coeso em competição, reunindo a unanimidade do júri. Como aconteceu nos cinco concursos anteriores, os vencedores serão premiados com a gravação de um disco, no qual participará um baterista de suporte ainda sem nome fixado.

De seguida ficaram pontuados os Clandestinos, grupo que seduziu o público com o seu rock militante, mas não demoveu os membros do júri, ganhando desta forma 150 contos em instrumentos musicais (não dá para muito, diga-se de passagem). No terceiro lugar ficaram os Flávios com F de Folha (!!), que arrecadaram os restantes 100 contos e a concretização em pleno de um velho sonho: o de subirem ao palco da sala sita na Rua da Beneficência, razão exclusiva pela qual se formaram. Foram a tempo...

Paulo Santos

Antiguidades no Forum Picoas

Está desde ontem patente ao público, no Forum Picoas, a sexta edição do Grande Salão de Antiguidades e Coleccionismo, com termo no próximo dia 10. Certame com periodicidade bienal, participam nele as mais prestigiadas casas dedicadas ao antiquariato e ao coleccionismo, distribuídas por cerca de 80 pavilhões. Mobiliário, pintura, faianças, pratas, ouro e jóias, armas, brinquedos, estatuária, miniaturas, arte sacra em marfim e madeira, para todos os gostos e paixões...



Rui Vasco

BREVES

Homenagem a Ramos Rosa

No próximo dia 7 do corrente mês de Março, para surpresa de alguns frequentadores das livrarias lisboetas, estará à venda uma revista literária belga, de título Courier.

Trata-se de um número especial, integralmente dedicado a António Ramos Rosa.

O lançamento desta edição especial, homenageando o poeta português, ocorre naquele dia, às 21 e 30, na Galeria do Centro de Arte Sotip, no decurso de uma sessão de autógrafos. Poemas do homenageado serão recitados por Diogo Dória, actor e declamador, no pano de fundo constituído por uma exposição de Emerenciano, patente ao público até dia 27.

No dia seguinte, 8, e também no âmbito desta homenagem, efectua-se uma mesa-redonda na Fundação Gulbenkian, com início às 18 e 30, tendo como moderador Pedro Tamen.

António Ramos Rosa, Prémio Pessoa em 1988, afirmou já ao «DN» que se sente «extremamente honrado e emocionado por esta homenagem», dado o prestígio da revista belga acima mencionada (título completo: Le Courier du Centre International d'Études Poétiques) e pela presença de nomes que preza na sessão da Gulbenkian.

Centenário do Simbolismo em Portugal

O lançamento de um opúsculo sobre a vida e obra do poeta Eugénio de Castro assinala hoje em Coimbra a primeira manifestação nacional das comemorações do centenário do Simbolismo em Portugal. Esta iniciativa assinala a passagem dos 100 anos sobre a publicação do livro de poemas «Oaristos», de Eugénio de Castro, considerada a primeira obra simbolista editada em Portugal e na Península Ibérica - revelou à Lusa o organizador da publicação. António Apolinário Lourenço, crítico literário e docente na Escola Secundária Eugénio de Castro, em Coimbra, entidade editora, disse que a iniciativa pretende ainda constituir «a primeira iniciativa nacional das comemorações».

Encontros literários sobre Camilo

O Núcleo de Artes e Letras de Fafe promove, nos dias 30 e 31 de Março, os primeiros encontros literários «Fafe 90», que incluem uma homenagem a Camilo Castelo Branco.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMERICA

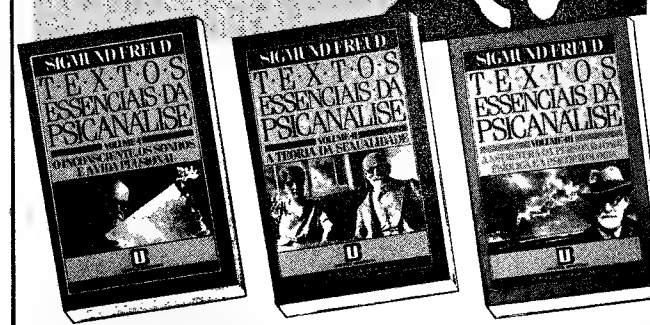


T·E·X·T·O·S ESSENCIAIS·DA PSICANÁLISE SIGMUND FREUD

«... a tradução portuguesa que vai servir, para o futuro, de referência...»

EXPRESSO

Em três volumes, um guia coerente, maneável e pleno de autoridade sobre os principais temas e conceitos da psicanálise.



Rev. técnica e introdução do Dr. José Gabriel Pereira Bastos, (Univ. Nova de Lisboa)

Kenneth Branagh: o «novo» Lawrence Olivier

Depois de subjugar a Inglaterra e os EUA, Branagh e a Renaissance Theater Company partem à conquista da Europa continental

O público de Lisboa, Porto e Coimbra, amante de Shakespeare, vai ter a rara oportunidade de assistir, entre 20 de Maio e 5 de Abril, à representação do «King Lear» e de «A Midsummer's Night Dream», pela Renaissance Theater Company de Kenneth Branagh, a mais importante e prestigiada companhia independente inglesa.

A iniciativa é levada a cabo, conjuntamente, pelo Teatro Nacional D. Maria II e pelo British Council. Estas entidades promoverão acções paralelas, tais como uma mostra de vídeos acerca das actividades da com-

panhia. Realizar-se-á, ainda, um painel de discussão sobre Shakespeare e as obras deste dramaturgo que vão ser levadas à cena entre nós. A própria estrutura e natureza da companhia (com especial incidência sobre a sua total independência financeira relativamente ao Estado) será objecto de debate. Todas estas iniciativas contarão com a presença de Kenneth Branagh.

Existe, ainda, a possibilidade de a Cinemateca Portuguesa organizar um ciclo de cinema com base na adaptação cinematográfica das obras de Shakespeare.

«King Ken», o «novo» Olivier ou «Branagh, O Conquistador», são alguns dos epítetos utilizados pela «Time» (da qual foi capa em 13 de Novembro de 1989) para qualificar este actor, autor, empresário, encenador e realizador cinematográfico. Com 29 anos, é já considerado um dos maiores actores ingleses, constituindo a espinha dorsal e a razão de ser da Renaissance Theater Company (que «aglomera mais talento do que a Royal Shakespeare Company e o National Theater juntos», como afirmou Bryan Appleyard, na revista «Gentleman's Quarterly»).

Branagh realizou, no ano passado, em tempo e condições financeiras mínimas, a versão cinematográfica de «Henry V», candidato aos «Óscares», deste ano, nas categorias de melhor actor principal e melhor realizador. É também autor de uma autobiografia, «Beginning», que escreveu aos 28 anos com o único fito de angariar fundos para a sua companhia. Escreveu, ainda, duas peças teatrais: «Public Enemy» e «Tell Me Honestly».

O cometa Branagh

É surpreendente o trajecto fulgurante de Branagh, uma pessoa que em sete anos conquistou a Inglaterra. Um actor-empresário, na boa tradição shakesperiana, cujo principal objectivo é levar o grande dramaturgo às pessoas.

O actor Richard E. Grant refere que «muitos actores falam em levar Shakespeare até ao povo, mas Branagh fá-lo. Ele podia ter sido uma (...) estrela da Royal Shakespeare Company (RSC). Ao invés, usou o seu próprio dinheiro para criar uma companhia para levar Shakespeare para longe das grandes instituições teatrais (...)».

Kenneth Branagh nasceu, em 1960, na Belfast protestante, filho de um carpinteiro. Aos nove anos de idade, e devido à violência no Ulster, emigrou com a família para Inglaterra.

A mudança marcou-o profundamente: «Na Irlanda fazia parte de uma grande família (...). Depois, subitamente, ficámos entregues a nós próprios. Os meus pais sentiam-se pouco à vontade e os problemas na Irlanda eram notícia todas as noites. Eu ia para a escola com aquela terrível pronúncia de Belfast».

Começou a falar inglês na escola para, depois, chegar a casa e falar com pronúncia irlandesa: «Passado aproximadamente um ano, arranjei-me de forma a ser inglês na escola e permanecer irlandês em casa», diz Branagh na sua autobiografia.

Uma infância difícil que se parece um pouco com uma peça de teatro, na qual ele desempenha um primeiro e complicado papel. Terá sido nesta altura que se desencadeou a decisão de vir a ser actor.

Por isso, e apesar da contrariedade dos pais que consideravam os actores como homossexuais desempregados, quando chegou a altura entrou para a Royal Academy of Dramatic Art. Aí, ainda estudante, revelaria todas as qualidades necessárias para representar, gerir e dirigir.

Cuidadoso na preparação dos seus personagens, escreveu a Lawrence Olivier (com quem as comparações serão sempre inevitáveis: especialmente pelo trajecto semelhante) para obter conselho para o papel de Chebutykin em «As Três Irmãs». As notas para representar «Hamlet» foi buscá-las a John Gielgud.

Mais tarde, preparando «Henry V» para a RSC, conseguiu uma audiência com o príncipe Carlos para obter um melhor conhecimento da realeza e do isolamento que lhe está ligado (saliente-se, aliás, que o herdeiro da Coroa britânica se tornou patrono da Renaissance Theater Company).

Antes de terminar os estudos a RSC convidou Branagh que preferiu, no entanto, a televisão e o West End (onde representou o papel de Judd, o jovem cínico comunista na peça «Another Country»). Participou, ainda, em duas outras peças que o prepararam para o seu primeiro grande papel. Quando a RSC o convidou outra vez, aos 23 anos, Branagh aceitou com uma condição: fazer o papel principal

na peça «Henry V». Foi considerado o grande desempenho da sua juventude e chamou a atenção da crítica.

Com a RSC, actuou ainda nas peças «Golden Girls», «Hamlet» e «Love Labour's Lost».

Numa espécie de despedida, Branagh, escreveu uma sátira em um acto sobre a RSC, «Tell Me Honestly», representada em Newcastle, Londres e Oslo.

Mais tarde, gastou dois meses na rodagem da sua primeira experiência cinematográfica como actor. Nesse filme, denominado «High Season», onde contracenou com Jacqueline Bisset, os momentos de paragem eram frequentes e Branagh aborrecia-se; por isso, agarrou na sua cópia do «Romeu e Julieta» e imaginou como é que mais de duas dúzias de papéis podiam ser representados por 11 pessoas. Preparou uma produção, ensaiada e apresentada ao público durante sete semanas, que ele próprio dirigiu e protagonizou.

O filme «A Month in the Country» ocupou-o durante duas semanas e fê-lo apenas por dinheiro, para suportar financeiramente a sua trupe.

A série televisiva «Fortunes of War» (apresentada em Portugal sob a designação de «Acasos de Guerra»), trouxe-lhe fama e o dinheiro que utilizou para pôr de pé a sua própria companhia.

Mário Rocha

«Henry V»

Olivier ou Branagh eis a questão

A versão cinematográfica da peça de Shakespeare, «Henry V», realizada, adaptada e protagonizada por Kenneth Branagh, estreará, nos cinemas portugueses, na altura da vinda ao nosso país da Renaissance Theatre Company.

O filme foi produzido com o reduzido orçamento de 4,5 milhões de libras (um milhão e 125 mil contos) e realizado em apenas sete semanas. Por outro lado, conta com a participação de quase todo o elenco que fizera a produção teatral de «Henry V» para a Royal Shakespeare Company em 1984. A título de exemplo, refiram-se os nomes dos actores Ian Holm, Paul Scofield, Richard Briers, Judi Dench, Derk Jacobi, Brian Blessed, Alec McCowen, Geraldine McEwan e Richard Stephens.

Branagh, com este filme, é candidato aos «Óscares» deste ano como melhor realizador. Muitas vezes, os críticos chamam a atenção para os pontos comuns e para a semelhança das carreiras de Lawrence Olivier e de Kenneth Branagh. Um dos factos que desencadeou as comparações, foi o filme «Henry V», que ambos protagonizaram

e realizaram: Olivier em 1944, Branagh em 1989.

Em quase tudo o que se tem escrito (e tem sido bastante), surgem as questões de saber qual o melhor filme e o melhor actor. A resposta é difícil e o mais usual tem sido afirmar que a comparação é impossível, pois as versões cinematográficas e as suas características como actores são muito diferentes.

Eis, no entanto, alguns pontos de contacto e alguns contrastes frequentemente referidos. Ambos se inserem na tradição dos actores - empresários tentando modificar o teatro inglês. Tanto Branagh como Olivier escreveram autobiografias, o primeiro com apenas 28 anos e o segundo aos 75. Olivier casou com três das estrelas de cinema que contracenaram consigo e Branagh desposou Emma Thompson, actriz com quem trabalhou várias vezes.

Os contrastes são grandes e o próprio Branagh afirmou, quando confrontado com as semelhanças, que não era alto, moreno e bem parecido, nem tinha estado em Hollywood como Olivier, acrescentando que vivia num mundo

teatral diferente. Na altura da produção de «Henry V», Olivier, com 36 anos, já tinha trabalhado em perto de 20 filmes e Branagh, com 28 anos, fizera apenas dois. Outro dado curioso é que Olivier dispôs do triplo do tempo e de um orçamento bastante mais elevado para realizar o seu filme. Lawrence Olivier combinava, como actor, uma aparência de espontaneidade e intensidade emocional próprias da escola naturalista com o domínio técnico da voz e do corpo próprios da tradição teatral inglesa. Arriscava bastante, tanto na concepção como na execução, em termos físicos, dos seus personagens, por forma a atingir uma certa grandeza.

Branagh, ao invés, tem tendência, como afirmou Richard Corliss na revista «Time», para trabalhar com uma rede, sendo esta o texto da peça ao qual se mantém fiel. Apesar de ser difícil e de caber aos críticos a decisão de julgar as versões do filme, vale a pena registar a opinião de Bryan Appleyard: «Branagh consegue o que Olivier, apesar do seu génio, poucas vezes conseguiu: comover-nos».

M. R.



Kenneth Branagh

Portugal: duas peças, um cenário

A Renaissance Theatre Company vai apresentar, em Portugal, as peças «King Lear» e «A Midsummer's Night Dream», ambas dirigidas por Kenneth Branagh.

No Porto a estreia será no dia 20 de Abril com «A Midsummer's Night Dream», sendo o «King Lear» apresentado no dia seguinte. Em Coimbra a ordem de apresentação será a mesma, mas nos dias 27 e 28 de Abril.

Em Lisboa haverá quatro representações. Nos dias 2 e 4 de Maio será levado à cena «A Midsummer's Night Dream», nos dias 3 e 5 os lisboetas poderão ver «King Lear». Como curiosidade, refira-se que a RTC utilizará o mesmo cenário nas duas peças possibilitando, assim, a realização dos espectáculos em dias seguidos.

O elenco do «King Lear»: K. Branagh (Edgar), Richard Briers (King Lear), Ann Davies (Court Lady), Max Gold (France, Curan), Gerard Horan (Cornwall, Doctor), Karl James (Albany), Edward Jewesbury (Gloucester), Bryan Kennedy (Burgundy, Messenger), James Larkin (Oswald), Sue Long (Maid to Goneril), Francine Morgan (Regan), Siobhan Redmond (Goneril), Simon Roberts (Edmund), Ethna Roddy (Cordelia), Emma Thompson (Fool), Jimmy Yuill (Kent), Chris Armstrong (Soldier, Gentleman, Servant, Messenger, Officer); Elenco de «A Midsummer's Night Dream»: K. Branagh (Peter Quince), Chris Armstrong (Moth), Richard Briers (Bottom), Ann Davies (first Fairy), Max Gold (Demetrius), Gerard Horan (Francis, Flute), Karl James (Snug), Edward Jewesbury (Starvling), Bryan Kennedy (Snout), James Larkin (Lysander), Sue Long (Cobweb), Francine Morgan (Hermia), Siobhan Redmond (Hippolyta, Titania), Simon Roberts (Oberon, Thesus), Ethna Roddy (Puck), Emma Thompson (Helena), Jimmy Yuill (Egeus, Mustardseed, Philostente).

M.R.

Uma companhia sem subsídios

A Renaissance Theatre Company (RTC) foi criada em Abril de 1987, por Kenneth Branagh que, para isso, utilizou o seu próprio dinheiro. A companhia estreou-se a 28 de Abril de 1987 com uma peça escrita por Branagh, denominada «Public Enemy». A RTC não recebe qualquer financiamento por parte do Estado. Este não é um facto voluntário, «é um facto duro da vida e deve-se à política filistina promovida pelo Governo», escreve Branagh. Uma companhia que vive de investimentos privados e, nas suas digressões, é apoiada por grandes empresas britânicas. O «milagre» financeiro que tem permitido a solvência é realizado pelo consultor Stephan Evans. A companhia não dispõe nem de instalações nem de um elenco permanente e centra-se no actor-director-empresário, Kenneth Branagh.

Ela é a prova de que Shakespeare pode deixar de ser como que um exclusivo da Royal Shakespeare Company e entrar nos circuitos

comerciais com um certo sucesso. A companhia, cujo elenco é, quase sempre, constituído pelas grandes estrelas da RSC, foi a vanguarda deste renascimento do interesse por Shakespeare. Branagh foi saudado na dupla condição de sucessor dos ilustres actores-empresários da tradição de Shakespeare e de ter sido o homem que provou que o teatro clássico não necessita de subsídios estatais. Do elenco da RTC fazem habitualmente parte actores como Judi Dench, Richard Briers, Derek Jacobi e Brian Blessed que Branagh costuma, também, convidar para dirigir determinadas peças. O repertório da companhia estende-se também a autores contemporâneos, não se limitando a Shakespeare. Refira-se, por fim, que a autobiografia de Branagh, realizada aos 28 anos, se destinou somente a angariar fundos - a editora adiantou-lhe 50 mil libras - para a sua companhia, como, aliás, refere no prefácio do livro.

M.R.

Crítica de teatro

Extraordinariamente simples

FELIZ ANIVERSÁRIO. Texto/Encenação: Fernando Gomes. Música: Quim Tó/Zé Carrapa. Direcção plástica: Joaquim Franco. Interpretação: Agostinho Macedo, Henrique Macedo, Maria João Vieira, Carlos Macedo, Rita Mira, Kim Cachopo. Teatro Infantil de Lisboa (21-02-1990).

«Feliz Aniversário» tem a marca do melhor Fernando Gomes: imaginação e simplicidade. Com ele, até os actores do TIL parecem outros.

É tudo extraordinariamente simples, como diz a Alice, (do Lewis Carroll, claro), o espectáculo alicerça-se à volta desta pergunta: quem enviou os convites para uma festa de aniversário que as personagens em cena receberam? Não chega a haver respostas porque o espectáculo é isso mesmo: a proposta para um encontro de personagens que podem ser amigas e entre elas e os espectadores que se espera venham a ser mais jovens do que os da estreia (quase só coroas!). O projecto joga um pouco esse jogo do absurdo de um aniversário

que não há (embora talvez haja na sala um espectador que goze dessa condição e não é verdade que o próprio TIL completou mais um ano, já vai nos 20?).

Fernando Gomes juntou algumas personagens conhecidas: além da Alice, o Coelho que está sempre com pressa, do «País das Maravilhas», e aventureiros do Peter Pan, a Sininho e o Capitão Ganchito, e ainda o Gato das Botas de Sete Léguas. Juntas, as personagens procuram descobrir quem mandou os convites que todos receberam. Há ainda o apresentador que apoia a acção com gestos e palavras. O palco é dominado por uma enorme caixa, dessas bonitas, onde se metem os presentes, às vezes pequenos bonitos, há outras de tamanhos variados que às vezes andam sozinhas. O

jogo gira à volta das caixas, das canções, das histórias que as personagens contam, das relações que vão estabelecendo. Há aquelas rupturas de ritmo, de registos, em que o Fernando Gomes é especialista, há a composição das personagens bem apoiada pelos fatos, e há sobretudo a graça, a boa disposição, a comunicabilidade dos intérpretes, a mexer-se bem, criando um clima de empatia irresistível (também para as crianças, imagina-se!).

Nem tudo funciona, é certo, é até normal. Nos poemas das canções, há versos pouco estimulantes, e não vale ensinar às crianças que para haver sombra é indispensável que haja Sol (basta que haja luz, não é?). Assim como não convém usar frases do género «faz Sol». Estes reparos, contudo, não são importantes em comparação com o resto.

Também as canções com bonitas melodias de Quim Tó e Zé Carrapata, são prejudicadas — é o costume — pela ausência de técnica do canto em especial por parte das duas jovens actrizes. É pena porque elas e os seus colegas actores constituem um quinteto cheio de corda, com bastante criatividade: uma Al-

ice, de Maria João Vieira, bem comunicativa, uma Sininho, de Rita Mira, que não conhecia, bem intencional, e Kim Cachopo, excelente no Coelho, com os tempos, os gestos, os movimentos certos, e ainda Henrique Macedo, além de Ajudante, um óptimo Capitão Ganchito, bem como Carlos Macedo, no Gato das Botas, a melhor voz. Agostinho Macedo é um apresentador que ajuda à festa da melhor maneira.

Espectáculo divertido, este «Feliz Aniversário», com registos revisteiros onde não há cenas de mau gosto; espectáculo francamente recomendável. O teatro para crianças passa também por aqui, com tudo o que tem de reconhecível, de convencional, mesmo que outras experiências possam parecer, e são, mais interessantes.



Carlos Porto



«Feliz Aniversário» pelo TIL

Continuando com o propósito de averiguar quais os «factores de mudança» trazidos pelos anos 60, o ciclo organizado em parceria pelo Centro Nacional de Cultura e pela Sedes tem para a sua sessão de hoje, como habitualmente a realizar na Fundação Gulbenkian às 18 e 30, um debate em torno do tema «A Igreja e os movimentos de inspiração cristã». Intervêm Maria de Lourdes Pintasilgo, João Salgueiro, Frei Bento e D. Manuel Martins. O «DL» antecipa-se e publica alguns extractos do que logo ao fim da tarde estará em questão

Não é rica a seara

(...) Que haveria na fé deste catolicismo que não «dava que pensar», interrogar, disputar, discurrir, que tinha a prática teológica e as suas condições como a coisa mais dispensável do «vasto mundo português», mundo sem uma Faculdade de Teologia nesses últimos sessenta anos? Não se poderia atribuir essa situação a qualquer arrobo místico onde toda a linguagem confessa a sua impotência; sempre a mística provocou abundante teologia que, por sua vez, empregou muitos dos seus profissionais. Com tantas peregrinações a Fátima, este catolicismo deveria provocar profundas «peregrinações interiores». No entanto, mesmo quando parte, é para voltar ao mesmo sítio. É será destino fatal a verificação de Eduardo Lourenço: «Embora pareça estranho, tratando-se de povo tão «católico» como o nosso, não é rica de seara mística relevante a já bem longa navegação da nossa espiritualidade. Isso se deve, sem dúvida, à candura um pouco rústica do nosso catolicismo, ao reinado em distraído aproblematismo com que é pensado e vivido.»

Por outro lado, em que sentido essa rusticidade e aproblematismo são interpretados e sublinhados pela pastoril aparição de Fátima, vista, em ópticas opostas por crentes e descrentes, como apoio da pretensão política de salvação da Igreja e da Pátria pelo rural de Santa Comba Dão, dr. Oliveira Salazar, caldeada no CADC dos «Vinte Anos de Coimbra» do depois cardeal Manuel Gonçalves Cerejeira, ponto de chegada e de partida de uma forma de conceber um país resistindo à modernização e de uma pastoral de Igreja incapaz de se confrontar, de modo criativo, com a cultura laica, agnóstica, ateia, marxista, em suma, com qualquer aspecto da modernidade? Não teria havido outro catolicismo diferente desse e das suas ampliações sonoras: na entronização do Sagrado Coração de Jesus do P. Matteo; na veneração do P. Cruz; nos gritos do P. Lombardi pelo «Mundo Melhor»; nas equipas de «Notre Dame» para quem sabia Francês; nos «Cursos de Cristandade» para quem fosse capaz de um viril De cores? E que pensar de tantos esforços para criar uma «Acção Católica» compatível com o esquema do nacional-catolicismo e que acabou por se tornar em permanente fonte de crispções com o Estado e com a Hierarquia, da Hierarquia com o Estado e formando novos militantes, de futuro tão promotor, que acabavam por deixar a Igreja sem se despedir? (...)

Frei Bento Domingues

D. António, precursor de Abril

(...) A Igreja teve parte importante nos acontecimentos de Abril. Não vou fazer história. Mas era bom que se fizesse, por respeito à verdade. É que a Igreja «actuou» um pouco por todo o País. Não eram Igreja os cristãos que se reuniam na Capela do Rato? Não eram Igreja os cristãos que se reuniam na base da Torre da Marca do Porto? Não eram Igreja tantos jornais, tantos escritos, tantas mensagens que corriam clandestinamente nas mãos dos mais desportos e inconformados?

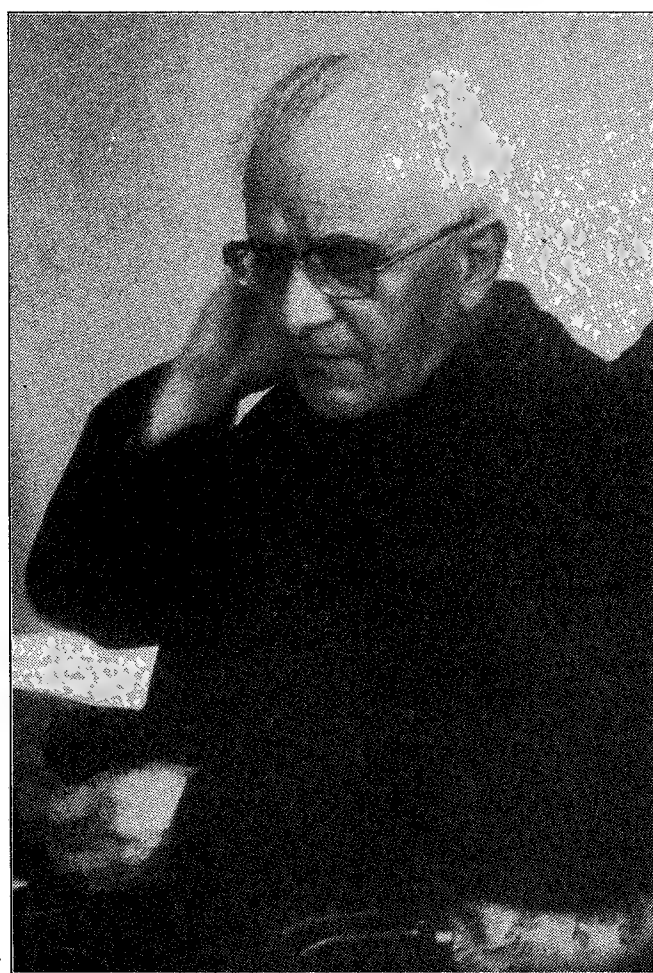
Não eram Igreja tantos sacerdotes que sofreram na carne (alguns com o Tribunal, a Polícia, o exílio mesmo disfarçado) a sua coragem em denunciar o «pecado» que se vivia? Não era Igreja essa figura ímpar do bispo que foi D. Sebastião Resende, o qual deixou testemunhos indimentáveis do seu serviço corajoso pela dignidade do Homem? Não era Igreja o bispo do Porto, que passou à História como uma espécie de ex-libris da denúncia evangélica da iniquidade do Poder constituído?

Na Igreja, e porque em missão de Igreja, D. António também preparou o 25 de Abril, como se diz de João Paulo II que preparou os inesperados e impensáveis (para tão cedo) acontecimentos do Leste. Razões? Primeiro, porque sim. Foi um homem de Igreja, que entendeu, viveu e proclamou a força libertadora do Evangelho. Depois, porque, com o seu exemplo deu força e coragem a outros e foi ocasião e pretexto, a

partir do seu exílio e da perseguição que lhe moveram, para que se formassem por todo o País, no Porto e fora do Porto, grupos de reflexão e acção que em muito funcionaram como fermento do mundo novo.

É à volta deste homem que vou passar ao papel algumas lembranças. Julgo que terão algum interesse. Os outros que as leiam e contestem. Corria a propaganda eleitoral para a eleição do Presidente da República. Estávamos em 1958. D. António resolveu sair do País, para não colaborar na farsa das eleições. Foi então que a mulher de Nosolini, grande amigo de Salazar e antigo embaixador de Portugal junto da Santa Sé, foi enviada a Espanha com o fim de pedir a D. António que regressasse a Portugal e votasse, para evitar o escândalo e as divisões, e prometeu que Salazar o receberia e atenderia, quanto possível, as suas razões. Aqui nasceu a «Pro-Memória», espécie de agenda da conversa, que D. António enviou ao Presidente do Conselho e que passou à História como a «Carta do bispo do Porto a Salazar». (...)

Criou-se propositadamente à volta do bispo do Porto um grande clima de discussão que justificasse o seu afastamento por algum tempo. Foi neste contexto que apareceu o cardeal Costa Nunes a aconselhar D. António que saísse de Portugal, para que se recuperasse a calma. Alguém, da Presidência do Conselho, e confidencialmente, preveniu D.



D. António Ferreira Gomes, o bispo que fez frente ao nacional-catolicismo

António da cilada que lhe armavam, mas ele, aceitando embora a verdade da prevenção, preferiu «obedecer». Foi o que se viu. Quando a diocese já estava com um administrador apostólico, o bispo do Porto julgou que podia voltar à sua terra. Enganou-se. Na fronteira, não o deixaram entrar. Era um pide, antigo seminarista. «Eles

estão por toda a parte», desabafava D. António, «desde as fronteiras a S. Bento».

Ainda se dispôs a ser preso, mas aceitou o conselho superior de não provocar escândalo. Já no Concílio, o cardeal Costa Nunes pediu desculpa a D. António, alegando que ignorava por completo o que estava por trás de toda esta tramóia. D.

António ficaria, no exílio, numa situação de desamparo: civilmente morto. Não se podia falar nele em nenhum meio de comunicação. As entidades oficiais tratavam o administrador apostólico como bispo do Porto e outros, nos púlpitos da catedral, chegaram intencionalmente a considerá-lo na linha dos «ínclitos bispos do Porto». Eclesiasticamente, também prescrito e sem qualquer auxílio material. Foram os seus padres (muitos, felizmente) que lhe ofereceram um carro e, periodicamente, somas em dinheiro, para que pudesse viver. Só mais tarde, mas em segredo, é que a diocese começou a dar-lhe alguma coisa (...) por mês.

D. António, durante o longo exílio, assentou arraiais em Espanha, Alemanha, Itália (durante o Concílio) e França. Diga-se que nunca lhe faltou nem a presença, nem o carinho, nem a solidariedade de uma grande parte da Igreja do Porto. Acrescente-se que isto não era nem pacífico, nem fácil... O bispo do Porto nunca consentiu na tentação do desânimo, porque sempre se considerou em serviço activo da Igreja e, especialmente, da Igreja do Porto. Muitas vezes lhe perguntei que fim adivinhava para tudo isto: «O futuro entreguei-o a Deus e creio que está bem entregue.» No exílio, nunca falou, mas falava o seu exemplo, que era um espinho na consciência da nação e na consciência da Igreja. (...)

Retomando o seu lugar no Porto, continuou a sua luta pela liberdade do Homem.

Só é livre aquele que compreende

Anos 60. Há muito tempo que não me recorde de pensar no que foram, para mim, os anos 60... E, no entanto, agora que sobre eles reflecto, sei que foram, simultaneamente, anos de aconchego e de raiva.

O aconchego veio-me de uma família que ia crescendo e que me trazia alegrias novas e inesperadas mas, também, dos amigos que, por essa altura, encontrei ou cujas amizades foram consolidadas: numa palavra, das solidariedades que então se criaram! A raiva, essa, provinha fundamentalmente daquilo em que acreditava e que julgava intrínseco a uma vida civicamente digna, rica e enriquecedora e a que todos os cidadãos tinham (têm) direito. Na realidade, a sociedade em que vivíamos estava partida em duas: de um lado aqueles que ao sistema se acomodavam ou dele colhiam o «doce fruto» e do outro aqueles que não podiam sofrer sem dor a visão e a vivência

diárias da injustiça feita regra.

Para os católicos, ditos progressistas, era a obrigação de tentar abrir portas, pequenas brechas numa muralha que parecia muito sólida. Eram as associações como a Codes, a Pragma, a SPES, mais tarde e mais pluralista a Sedes. Era a Acção Católica, ou, mais rigorosamente, alguns dos seus ramos e, até, as equipas de casais de Nossa Senhora. (...) A prática de uma espiritualidade que virava as costas ao mundo concreto, procurávamos juntar uma prática de intervenção: escrevemos sobre política, sobre arte, sobre cinema, sobre tudo aquilo que pensávamos, ajudaria a libertar as pessoas: é mais livre aquele que compreende. Fazíamos de uma contestação serena e perseverante a nossa bandeira: alguns acreditaram mesmo na possibilidade de mudar o regime por dentro, não como novos assaltantes em cavalos de Tróia, mas cheios de boa-fé. Como foram cruelmente

desenganados!

Eramos generosos: o nosso problema era como nos tornarmos activamente consequentes, como passar do pensamento às obras. Tínhamos referências: o padre Abel Varzim, para quem a caridade não era palavra de retórica, e o bispo do Porto, que pagou com o exílio o exercício da liberdade de escrever o que pensava. A estes juntarei o padre Honorato Rosa, mais tarde o padre Felicidade Alves e um pouco depois uma pleiade de jovens padres da qual destaco Alberto Neto: tudo pessoas para quem o amor da justiça não era só um princípio, mas algo que era forçoso praticar. No fim desses tempos, esquisitamente contraditórios, teve a minha equipa de casais um encontro que marcou, de um modo ou de outro, indelevelmente todos nós: aceitámos como assistente um angolano de seu nome Alexandre do Nascimento, exilado da sua terra-

mãe, como nós nos sentíamos, de algum modo, prisioneiros na nossa própria terra. Foi um encontro incrivelmente fecundo com um homem cuja adjectivação, para quem o conhece, é supérflua.

Eram tempos em que se lutava por uma sociedade tolerante e fraterna, em que a dignidade de cada homem não fosse palavra vã.

Queríamos pouco, à face do que nos ensinavam: somente o direito ao que hoje designaríamos por uma qualidade de vida digna de criaturas de Deus. Exigíamos pouco, julgávamos nós, ou talvez, no fundo, exigíssemos tudo! Exigíamos o direito à cultura, o direito a que cada um se pudesse exprimir de acordo com a sua própria consciência sem por isso sofrer perseguição. Exigíamos o direito a não ser olhados de soslaio, quase como heréticos! (...)

Duarte Nuno Simões



O cardeal Cerejeira com Salazar, personagens de um capítulo triste da História da Igreja portuguesa

Continuou a arrostar muitas dificuldades antes - lembre-se a homilia da paz em que tocou nas virtudes militares - e depois do 25 de Abril - lembre-se a denúncia corajosa e muitas vezes repetida contra as arbitrariedades que se cometeram em nome da liberdade. Antes da Revolução,

continuava vigiado. Isso era evidente, mas a extensão estúpida desta vigilância só se conheceu em toda a verdade quando lhe entregaram os dois volumes que sobre ele foram encontrados na PIDE. (...)

Julgo e repito que não se pode explicar o 25 de Abril

sem a existência e o testemunho deste homem. Sem tanta coisa que este testemunho suscitou. Eu e muitos cristãos do Porto e de Portugal fomos preparados para a aventura do 25 de Abril (que não só a dos militares) por este bispo que viveu e sofreu pela dignidade do

Homem. O povo simples não compreendia bem o que este bispo dizia, mas intuiu que era um bispo que estava do seu lado e que por ele sofreu o sacrifício do seu bom nome e do afastamento da sua Igreja que tanto amava.

D. Manuel da Silva Martins, bispo de Setúbal

O direito à informação

Começou tudo pelo cerco que a Pide fazia à JOC quando fui assistente diocesano de Lisboa na altura das eleições de Humberto Delgado. O cardeal Cerejeira enviara-me «de castigo» para o Seminário de Almada, mas como eu tinha de ensinar Francês e Inglês ele foi obrigado a deixar-me frequentar o Instituto Britânico... E já nessa altura encontrei como bibliotecário o dr. Carlos Estorninho, que me ia fornecendo um bom resumo da imprensa britânica sobre o Ultramar português.

Nos inícios dos anos 60, perante o véu de silêncio que cobria os acontecimentos na África portuguesa, um pequeno grupo de cristãos, mais ou menos os mesmos que viviam no Concílio Vaticano II com uma esperança imensa, começaram a interrogar-se sobre o futuro de Angola e do Império.

Sabíamos que a evolução era inevitável. Pilotos da TAP contavam que com a chave do quarto, no hotel de Luanda, lhes davam também uma pistola... para o que desse e viesse. E o capelão dos paraquedistas - que tinham ido fazer uma demonstração para «meter medo» na capital de Angola, contava excitadíssimo que de noite a guarda aos aviões era severa, pois receavam-se acções de sabotagem. Obstinadamente, nós íamos recolhendo todos os pormenores e boatos, confrontando-os com outras informações, queríamos reconstituir a verdade.

Numa altura em que as Igrejas doutros países europeus tinham evoluído e reagiam em nome do Evangelho e dos Direitos do Homem, o silêncio da Igreja portuguesa (...) era algo que nos humilhava. De uma coisa estávamos certos, as crónicas dos jesuítas capelães militares na revista «Magnificat» deviam-nos vergonha de ser cristãos. Balelas como a

da Virgem de Fátima a estender o seu «manto protector» sobre os nossos soldados e que assim as balas dos terroristas, inimigos de Portugal e de Deus, de Portugal e da Igreja (era tudo a mesma coisa...) passavam de lado sem os tocar. Custavam a engolir, mas era folclore.

Muito mais grave nos parecia o silêncio da Igreja, a traição do «Novidades», o grande diário católico, a inconsciência da grande maioria dos cristãos. E assim nasceu o «Direito à Informação». Sem grande material de apoio, mesmo sem ideias claras sobre a descolonização. Não tínhamos contactos com as esquerdas; ideias como a velada do 31 de Dezembro pela paz, e que conduziu já nos anos 70 à Capela do Rato, não passavam na altura de hipóteses de trabalho para sacudir o mundo católico.

Tínhamos alguns documentos sobre a sorte reservada aos padres angolanos, a prisão de Joaquim Pinto de Andrade e o «exílio» no Norte, em seminários que davam todas as garantias à PIDE. Aproveitei uma ida a França para saber mais, contactei a Redacção da revista «Tam Tam», porta-voz dos estudantes católicos africanos, assim como a «Informations Catholiques Internationales» (...).

Com o material recolhido lançámos o primeiro número de «Direito à Informação». (...) Se o vemos com os olhos de hoje, a «Direito à Informação» era bem pouca coisa, realmente. Mas respondia a uma necessidade, como depressa se viu pela rede de difusão que era necessário criar. Comecei no mundo da Igreja a contactar todos quantos haviam recebido um pacote. Se estavam de acordo e tinham difundido, eu passava ao pedido de auxílio financeiro. Se protestavam e esbracejavam, tivemos muitas surpresas, porque às vezes, como se diz, num

lado estava o ramo e noutro se vendia o vinho... - mudava de assunto e falava do Benfica. (...)

Nestas andanças de caixeiro viajante pela boa causa tive um dia a sorte de cair sobre... M. Lefebvre, o líder dos integristas. Como morava em Almada e ainda não havia ponte, tomava o caminho da espera um missionário alaciano, o padre Husser, que a PIDE tinha expulsado de Angola por «estar do lado dos pretos». Vinha num dos pacotes da guerra colonial, já não sei qual. Como nunca tinha visto tal homem, levava debaixo do braço um número da «Informations Catholiques Internationales», que era a senha.

Ora, nesse mesmo dia dou de caras no caciheiro com o meu antigo professor de Francês, também espiritano e como não podia deixar de ser perguntei-lhe por um bispo que a Congregação tinha em Dakar e que começava já a fazer das suas, um integrista dos quatro costados, um certo monsenhor Lefebvre. O meu antigo professor reagiu em pânico, pois o M. Lefebvre em pessoa ia ali mesmo, a seu lado. Fui apresentado, ele viu a revista que eu levava e partiu numa diatribe contra os «católicos progressistas». Que a revista não era de «Informations» pois não dava senão deformações. Que não era «Catholiques» mas heréticas, pois o progressismo havia sido condenado. E confirmou que tinha ido ao Cristo-Rei agradecer a Deus o nosso Primeiro-Ministro, guardião da fé e do império colonial.

Um obrigado ao Cristo-Rei pelo Salazar que tínhamos era duro de roer mas não insistiu, começava a aprender um mínimo de diplomacia, indispensável para certos contactos.

António Jorge Martins

Nesses anos

(...) Nesses anos, multiplicavam-se as experiências de eremitismo na Europa e na América, assim como os ensaios do que então se chamava o «monaquismo simples», não só em meios afastados do «mundo» mas também nas cidades, e estudava-se com interesse crescente o monaquismo oriental, sobretudo o budista e o Zen. Recebendo uma inegável influência do exemplo e dos escritos do padre Charles de Doufaut, assim como da prática dos Irmãosinhos de Jesus, os monges punham em causa uma fórmula de vida religiosa concretizada em grandes mosteiros, com uma liturgia solene, trabalhos de erudição histórica e patristica, grandes domínios fundiários e comunidades numerosas, segundo um modelo medieval interpretado à maneira romântica, para lhe opor a simplificação evangélica da vida, a comunhão com os pobres e as grandes massas de homens, os marginalizados e os povos de cultura não europeia.

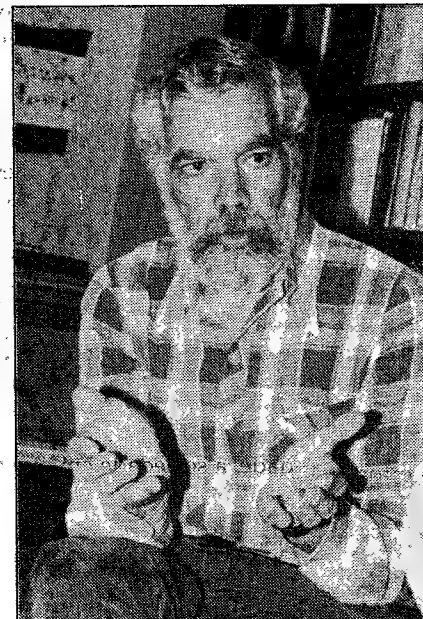
O meu papel, nestas circunstâncias, como monge do mosteiro beneditino de Singeverga, foi o de tentar persuadir os meus superiores da legitimidade de experiências deste tipo e de propor a sua realização prática no Centro ou no Sul do País, com um pequeno grupo de confrades nisso interessados. (...) Ao mesmo tempo, contactava então com os vários membros do clero que por essa altura estavam profundamente empenhados na renovação da Igreja, nomeadamente o grupo dos Dominicanos, Fr. Bento Domingues, Fr. Mateus Peres, Fr. Luís de França, Fr. Raimundo de Oliveira, vários padres do Patriarcado de Lisboa, como Felicidade Alves, Alberto Neto, Alberto Teixeira Dias, Luís Moita, Fernando Melro, Francisco Fanhais, Fernando Belo, Mário Teixeira, etc. (...)

Estas tentativas, em vez de persuadirem o abade de Singeverga, D. Gabriel de Sousa, a permitir a experiência, depararam com a sua oposição, mas vieram também a engrossar, algum tempo depois, o grupo dos insatisfeitos que nos anos seguintes foram abandonando o mosteiro e o sacerdócio, reduzindo drasticamente a comunidade, pela mesma época em que, noutras ordens religiosas e no clero diocesano, se davam também muitas secularizações. Tudo isto resultava, em parte, da incapacidade de a Igreja tradicional saber tirar partido do dinamismo dos movimentos de renovação que em todos os sectores se desencadeavam. (...)

Verificada a intransigente oposição dos superiores monásticos e o desinteresse dos diocesanos, e tendo de me resignar à impossibilidade de levar a experiência à prática, passei, desde 1967, a colaborar nos dois institutos de estudos eclesiais que então se fundaram para assegurarem a formação em Filosofia e Teologia com a colaboração de várias ordens religiosas, no Porto e em Lisboa, onde se procurou um ensino renovador da Teologia e da Pastoral. Colaborei também com outros centros de difusão doutrinal para leigos, como o do Porto, dirigido pelo padre Godinho de Lima, e de Coimbra, pelo então padre José Antunes. Por essa mesma altura associava-me a algumas iniciativas do Graal, nomeadamente uma das campanhas de alfabetização em Portalegre, conhecendo então Lourdes Pintasilgo, Manuel Silva e Teresa Santa Clara Gomes. Foi nesse âmbito que conheci também o prof. Lindley Cintra.

Foi talvez o contraste entre a transparência de relações e a eficiência de acção dos leigos, por oposição à tortuosidade e à inoperância do clero e da hierarquia, o que me levou a perder todo o interesse em participar nas iniciativas propriamente eclesiais e a considerar como preferível a militância dos

movimentos leigos, embora por temperamento não estivesse muito vocacionado para realizações activistas. Todavia, depois de ter obtido a minha redução ao estado laical, em 1969, não me inseri em nenhum movimento. (...) Só em 1974 passei a colaborar activamente, desde a sua fundação, no Centro de Reflexão Cristã, e em menor grau no Instituto de Teologia S. Tomás de Aquino, dirigido pelos Dominicanos.



José Mattoso: também se quiseram mudanças no monaquismo, mas...

José Mattoso

Falar de cinema

Que fez Pedro Almodóvar para merecer isto?

QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO? (Que he Hecho yo para Merecer Esto?) - R: Pedro Almodóvar (Espanha, 1984); A: Pedro Almodóvar; F (Cor): Angel Luiz Fernandez; M: Bernardo Bonezzi; Mont: José Salcedo; Dir. art: Pin Morales e Roman Arango; P: Tesouro S.A.; I: Carmen Maura, Angel de Andrés López, Chus Lampreave, Veronica Forqué, Kiti Manver, Gonzalo Suarez, Amparo Soler Leal, Emilio Gutiérrez Caba, Luis Hostalot, etc. D: 102 m; Dist: Filmes Castello Lopes; Est: Quarteto; Cl: ** (M/12 anos).

Pedro Almodóvar

Nasceu em 1949, em Calzada de Calatrava, Ciudad Real, em Espanha. Trabalhou na companhia de telefones e iniciou a sua carreira no cinema em 1974, dirigindo curtas metragens. Foi actor num grupo de teatro bastante conhecido em Espanha, Los Gollardos. Publicou vários contos e artigos e um livro, Fuego en las Entranas (1982). É considerado um dos símbolos da «Movida» madrilenha e há quem veja nele um «Fassbinder à espanhola», dada a proximidade de temas, obsessões e no estilo provocatório.

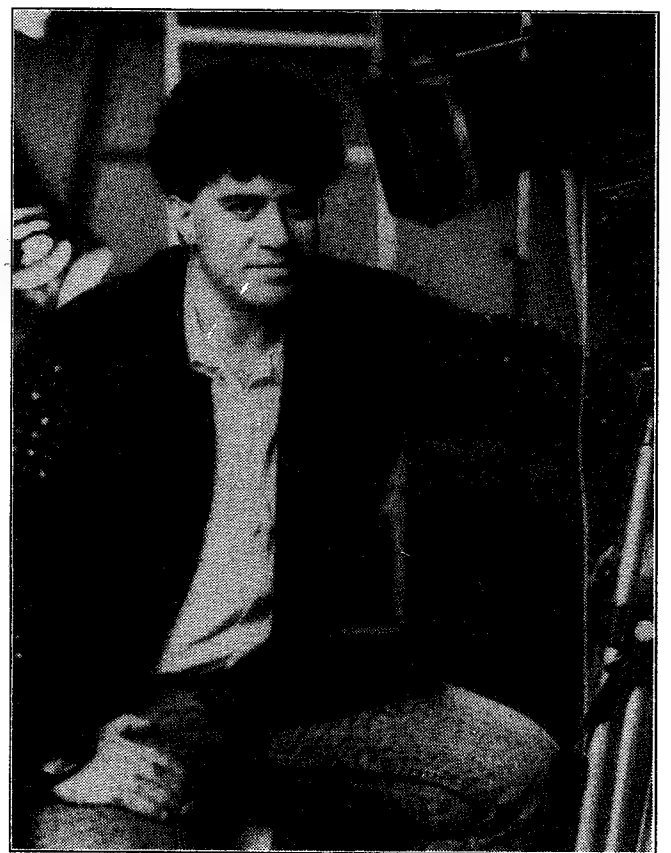
Filmografia:

(Curtas e médias metragens): 1974: *Dos Putas, a História de Amor que termina em Boda*; *Filme Político*; 1975: *La Caída de Sodoma*; *Homenaje*; *El Sueno, o la Estrella*; *Blancor*; 1976: *Trailer de Who's Afraid of Virginia Woolf*; *Sea Caritativo*; 1977: *La Trés Ventajas de Ponte*; *Sexo va, Sexo Viene*; *Complementos*; 1978: *Folle... Folle... Folle... Tim! Salomé*; (longas metragens): 1980: *Pepi, Luci, Bom y Otras Chicas del Montón*; 1982: *Laberinto de Pasiones*; 1983: *Entre Tinieblas* (Negros Hábitos); 1984: *Que He Hecho yo para Merecer Esto?* (Que Fiz eu para Merecer Isto?); 1986: *Matador* (Matador); 1987: *La Ley del Deseo* (A Lei do Desejo); 1988: *Mujeres al Borde de Un Ataque de Nervios* (Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos); 1989: *Atame*.

Não se percebe muito bem o êxito internacional de Pedro Almodóvar, pois, só para falar de Espanha, há naquele país mais de uma dezena de cineastas bem mais interessantes do que ele e que, todavia, permanecem quase desconhecidos fora de portas, ou então só são conhecidos de grupos muito restritos de cinéfilos. Mas Almodóvar chegou e venceu. Em toda a linha. Aqui e na sua terra, em França ou nos EUA. Sobre tudo nos EUA, que em matéria de cinema dita leis para o resto do planeta. Se nos «States» gostam de Almodóvar, há que gostar! E toda a gente segue o ditame, bem comportada. Realmente só há uma razão para o êxito de Almodóvar. Os seus filmes são bem feitos, tecnicamente correctos, inteligentes quanto basta, muito bem interpretados por uma equipa que vai rodando de obra em obra, e muito superficiais, muito postmodernistas, para «yupis» que se querem divertir sem pensar muito. Almodóvar, com uma ou outra excepção (e o filme dele que mais gostamos é *Matador*, que foi

também o que teve pior recepção de público em Portugal), faz comédias leves parecendo que são profundas, brinca e dá a entender que agride, que provoca, que põe tudo em causa, sem pôr em causa o que quer que seja. Por isso agrada a todos, gregos e troianos.

Que Fiz Eu para Merecer Isto? É de 1984 e chegou agora às nossas telas. Obedece ao esquema de quase todo o Almodóvar: Muitas personagens, muitas histórias cruzadas, um novelo aparentemente caótico de situações, onde é difícil descobrir uma ponta por onde começar. Mas Almodóvar neste aspecto é impecável: tudo roda sobre esferas, até à conclusão. Glória (uma admirável Carmen Maura) é mulher a dias, casada com um taxista, mãe de dois filhos adolescentes, um que trafica com droga, o outro homossexual que aceita viver com dentistas apaixonados e afins. Glória trabalha que se desunha, nas casas dos outros, depois em sua casa, atura o marido violento, nostálgico de um amor alemão com uma cantora de ópera fanática de Hitler, suporta as crianças e a sogra ciosa das suas «maldenas» e das suas águas minerais, abre as pernas quando o marido acha que chegou a altura, aceita os convites de um polícia impotente, vive num bairro dos arredores de Madrid, construído pelo franquismo para instalar a pequena burguesia, tem como vizinhas uma prostituta e uma criança com poderes de telequinésia, e, à noite, para suportar o dia,



Pedro Almodóvar, realizador do filme «Que fiz eu para merecer isto?»

droga-se com o cheiro da cola e com pastilhas que as farmácias se recusam a vender-lhe. Uma vez, igual a tantas outras, agarra num osso de presunto e dá com ele na cabeça do marido, depois de uma troca de palavras mais azeda.

Mas ninguém acredita que seja ela a criminosa, e continuará o seu percurso cinzento, mesmo depois do filho da droga e da sogra das águas gaseificadas terem ido para a província habitar a aldeia dos seus sonhos. Há talvez a sedução do abismo, quando se abeira da janela do seu quinto andar, mas lá em baixo aparece o outro filho, que «deixou o dentista», e vem para ocupar o lugar «do homem que falta naquela casa»...

Enfim, está

tudo dito sobre Almodóvar neste episódio que antecede as suas *Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos* e as prenuncia e prepara. É óbvio que se trata de uma comédia divertida num estilo «bête et méchant», num universo de «feios, porcos e maus», que nos diz que «a vida é um longo rio tranquilo», mas só para alguns. Mas o que sobressai é o talento a dirigir actrizes, aspecto onde Almodóvar é realmente invulgar. Nestas galerias de figuras, cada uma mais pitoresca que a anterior, as actrizes são

notáveis e os miúdos também. Os homens são menos convincentes, porque quase inexistentes. Para o bem e para o mal, quem comanda a dança são as mulheres.



Lauro António

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
DEPARTAMENTO DE INSTRUÇÃO
ESCOLA DE SARGENTOS DO EXÉRCITO



CURSO DE FORMAÇÃO DE SARGENTOS
CONCURSO DE ADMISSÃO

JOVEM

Se tens menos de 26 anos de idade e estás a cumprir ou já cumpriste o serviço militar.

Se tens o 9.º ano de escolaridade ou equivalente.

Se queres pertencer aos Quadros Permanentes do Exército Português.

CONCORRE DE 19 DE FEVEREIRO
A 26 DE MARÇO

Nota: O curso inicia-se em fins de Setembro próximo na Escola de Sargentos do Exército (Caldas da Rainha)

INFO: PREENCHE EM QUALQUER UNIDADE MILITAR

TRIBUNAL
JUDICIAL
DA COMARCA
DE TORRES
VEDRAS

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que no dia 24 de Janeiro de 1990, foram julgados neste Tribunal Judicial, nos autos de Processo Correccional, registados sob o n.º 119/89 — 1.º Juízo — 2.ª Secção, os Réus Francisco Matias — Sociedade Comercial e Industrial, Ld.ª, com sede nesta cidade de Torres Vedras, e Francisco Mário Veloso Matias, na qualidade de Sócio Gerente da 1.ª Ré, por haverem cometido, cada um dos Réus um crime de fabricação de géneros alimentícios, destinados ao consumo público, anormal, não susceptível de criar perigo para a vida, saúde ou integridade física alheias, falsificado, praticado por negligência, prevista a punição pelo art.º 24.º n.º 2 a) do Dec.-Lei 28/84 de 20 de Janeiro e condenados respectivamente na multa de quarenta dias à taxa de 250\$00 por dia, ou seja na multa única de 10 000\$00 e o segundo réu na pena de três meses de prisão e quarenta e dois dias de multa substituindo a prisão por multa à taxa diária de 400\$00, ou seja na multa única de 52 800\$00, e, em alternativa 88 dias de prisão.

Torres Vedras, 13 de Fevereiro de 1990.

O Secretário Judicial,
Agostinho Fernando Abreu
O Escrivão Adjunto,
Joaquim Manuel Quintino P.L.
Correia

«A ementa do dia»

O CLUBE DOS POETAS MORTOS, de Peter Weir
VALMONI, de Milos Forman
UM MUNDO À PARTE, de Chris Menges

O PROCESSO DO REI, de João Mário Grilo
REGRESSO AO FUTURO, II, de Robert Zemeckis
CORRUPÇÃO NA CIDADE, de Karel Reisz
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA, de Euzhan Palcy
VEREDICTO FINAL, de Joseph Reuben
CHUVA NEGRA, de Ridley Scott
CORAÇÕES DE AÇO, de Brian de Palma

**

QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO?, de Pedro Almodóvar
LÁR, DOCE LÁR... ÀS VEZES, de Ron Howard
O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA, de Blake Edwards
ENTRE PRIMOS, de Joel Schumacher

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS, II, de James Uys
OS REIS DA NOITE, de Eddie Murphy

DESPORTO

Nacional da I Divisão Sporting de fora

Decididamente, o Sporting continua com a ambição dentro de casca. Ao sofrer, nas Antas, mais uma derrota (as duas anteriores tiveram como «carrascos» o Benfica e o Chaves) somada aos sete empates registados, o Sporting surge praticamente arredado da corrida para o trono futebolístico, deixando que essa «douça corrida» seja levada a cabo pelo FC Porto, que transporta o facho com o avanço de três pontos sobre o Benfica, por estes velhos rivais e vizinhos e também pelo Vitória de Guimarães que no caso de, no próximo domingo, se verificar o triunfo benfiquista e desde que os vimaranenses façam boa cobrança dos dois pontos em Santo Tirso, bem se poderá considerar um legítimo candidato ao título.

É certo que a procissão acaba de sair do adro (faltam ainda discutir 12 das 34 rondas da prova) mas a turma sportinguista já terá sido afastada do andar. Agora sim, Raul Águas já não correrá qualquer risco, se voltar a afirmar que a sua equipa não é candidata a outra ambição que não seja integrar o grupo lusitano na próxima edição da Taça UEFA. Mais uma época de frustração para a legião de associados e demais adeptos do grande clube que no próximo dia 1 de Junho completará 84 anos de uma existência marcada por êxitos retumbantes que cobriram de glória o grande baluarte que é orgulho de milhares de portugueses. Depois do afastamento da Taça UEFA e da Taça de Portugal, o Clube de Stomp também deixa de pensar na eventualidade de somar o título da presente temporada aos 16 averbados em tempo ido.

Naturalmente que era previsível o colapso do Sporting nas Antas, considerando a craveira das forças em presença e não se diga que a marca tangencial registada quando Rosa Santos fez ecoar o derradeiro silvo contraria esse antecipado vaticínio, uma vez que a goleada poderia ter sido conseguida se Semedo, Águas e

Couto tivessem a alça afinada e que os golos da turma de Lisboa surgiram quando os «dragões» retiraram o forte dique brasileiro formada pelas graníticas colunas denominadas Geraldão e Branco que, bem se sabe, constituem, com João Pinto e o belga Demol, muralha de difícil penetração.

Bem, mas tudo o que ocorreu no palco das Antas será muito bem contadinho pelo companheiro Neves de Sousa noutra página desta edição. Vamos ao que restou de uma ronda que teve surpresa em Portimão (ou talvez não), que mostrou o reaparecimento das goleadas rubras, que evidenciou existir na zona do Sado uma equipa que não se arreda da rota europeia, de um Beira Mar a tentar a escalada para zona da tranquilidade, de Vitória sediado no Minho a desmentir os que prognosticavam a sua entrada em declive, de um Estrela da Amadora que tanto é capaz de travar a marcha ao poderoso Porto como tropeça perante um União colocado um ponto acima da linha de água. Enfim uma ronda que começou às 21 e 30 sábado no gelado «25 de Abril» e terminou ontem cerca das 21 horas no glacial Restelo.

Benfica entrou no «marçagão»

O «mulo» consentido na ronda anterior perante o Nacional (o «tal» que ainda não averbou qualquer triunfo nas 22 jornadas já disputadas), apresentou-se como mau preságio para os campeões nacionais, uma vez que a seguir vinha o terrível mês de Março com a visita a Penafiel, recepção ao Dniepre, Porto e Sporting, visitas ainda a Portimão e à Ucrânia. Na verdade, um mês decisivo para manter aspirações quanto à conquista dos dois mais cobiçados títulos ou o ruir da esperança anunciada e da ambição sonhada. Para já, o primeiro obstáculo está transposto e o pensamento dos benfiquistas é atraído pelos soviéticos que, na quarta-feira, se apresenta-

ção na Luz. Depois há que pensar na força dos «dragões» e deixar para a próxima semana as preocupações que os esperam em Portimão sem esquecer a viagem à URSS e a fúria «leonina» bem natural em função das feridas que ontem sofreram nas Antas.

Poucas surpresas

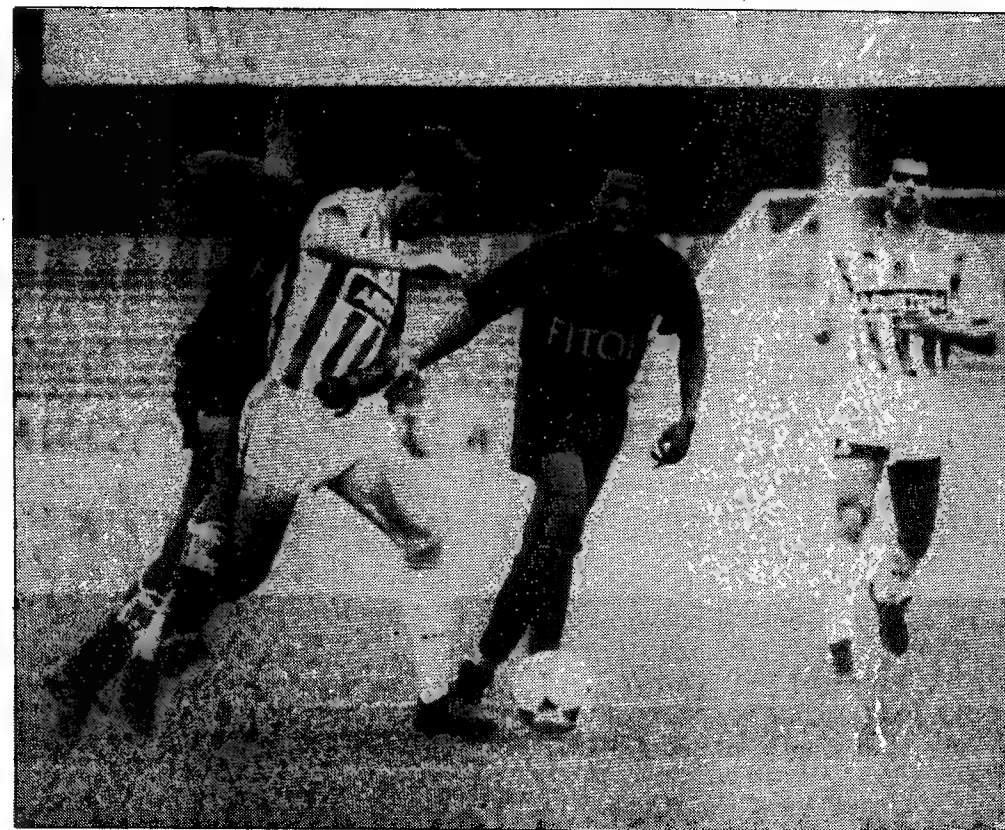
Naturalmente que o triunfo dos flavienses em Portimão apenas confirma que a «chicotada» ensaiada pelos algarvios despedindo José Torres para admitir Quinho não resultou positiva. Em todo o caso, poderá — porque foi a única vitória de um visitante (Benfica à parte) — considerar-se como uma das poucas surpresas da ronda. Outra poderá ser atribuída ao «mulo» registado no campo «José Gomes», onde o Estrela consentiu que o União arrecadasse um ponto. Quanto aos demais desfechos, funcionou a lógica.

Lourenço Pinto alterou os métodos

Parece que o dr. Lourenço Pinto, presidente do Conselho de Arbitragem o exclusivo responsável pelas nomeações dos árbitros para as provas principais do calendário federativo, arpegiou caminho. Na verdade, os métodos anteriormente seguidos, ao situar os 32 juizes do quadro de 1.ª categoria nacional «em linha», não atendendo à craveira técnica, reputação, experiência e «mais valia», antes nomeando à revelia da competência reconhecida a uns e à inexperiência de outros. Os resultados de tal «sistema» foram catastróficos e originaram os mais variados protestos e muitas convulsões. Na jornada deste fim-de-semana, resolveu copiar o estilo de Pinto de Sousa e dos anteriores responsáveis do sector, desde Acácio Rosa e Coelho da Fonseca, Fernando Pimenta a Sousa Loureiro passando por Rafael Rodrigues e outros que deixaram saudades na liderança do sector, ao escolher os melhores árbitros para os encontros



Magnusson feliz com mais um golo do Benfica



Setúbal bateu Tirsense e ficou firme no 5.º lugar, a quatro pontos do Sporting

mais difíceis. Como consequência, excelentes actuações e dignificações da causa, numa jornada com confrontos de

«alto risco».

Vamos a ver se o bom senso retornou ao Conselho de Arbitragem e se não se repetem ex-

periências fantasiosas. Para bem do futebol.

Alves Henriques



Famílias nas Antas: os primos Águas e os irmãos Silas

Campeonatos nacionais de futebol

I Divisão: Benfica volta a golear

Nomes e números

Penafiel, 0 - Benfica, 4

Árbitro: Fortunato Azevedo (Braga).
Penafiel: Cerqueira; Carlos Alberto, Martins, Vasco e Artur (Djão, aos 46m); China, Secretário, Amâncio e Germano; Rebelo e Coelho.

Benfica: Silvino; José Carlos, Samuel, Ricardo e Veloso; Hernâni (Diamantino, aos 70m); Vítor Paneira, Valdo e Pacheco; Vata (César Brito, aos 63m) e Magnusson.

Marcadores: Vata (5m), Magnusson (45), Valdo (65) e César Brito (81).

Ação disciplinar: amarelo para Coelho, Hernâni, Cerqueira e Samuel.

Belenenses, 1 - Boavista, 0

Árbitro: Carlos Valente (Setúbal).

Belenenses: Mihaylov; Galo, José António, Edmundo, Oliveira (Carlos Ribeiro, aos 85m) e José Mário; Jaime, Juanico e Gonçalves; Chiquinho e Saavedra (Jorge Silva, 81m).

Boavista: Alfredo; Marcos António, Valério, Garrido e Barreto; Agatão, Forbs (Casaca, 66m), Jorge Silva e Phil Walker; Jorge Andrade (Jaime, 83m) e Isafas.

Marcador: Chiquinho, aos 84 minutos.

Ação disciplinar: amarelo mostrado a Edmundo, Forbs e Agatão.

Guimarães, 4 - Feirense, 0

Árbitro: Ezequiel Feijão (Setúbal).

Guimarães: Sérgio; Nando (Caio Júnior, 46m), Germano, William (Carvalho, 46m), René, Roldão, João Baptista, N'Dinga, Silvinho, Soeiro e Chiquinho.

Feirense: Ricardo; Valdo (Manuel António, 62m), Pina, Miguel, Marcelino, Couto, Rendeiro (Ribeiro, 62m), Artur, Pedro Martins, João Luís e Quitó.

Golos: Roldão (7m), João Baptista (60m), Caio Júnior (70 e 88m).

Ação disciplinar: cartão amarelo para João Baptista (2m) e Valido (20m).

Vitória de Setúbal, 4 - Tirsense, 2

Árbitro: António Marçal (Lisboa).

Vitória de Setúbal: Jorge Martins; Crisendo, Quim, Jorge Ferreira e Figueiredo; Quimto, Serra, Jaime Pacheco e Aparício; Mladenov e Lufemba (Carlos Freitas ao intervalo).

Tirsense: José; Brio, Mladencir, Louro e Sérgio; Lúcio, Maria, Eusebio, Lai e Borges (Dreifuss, 64m); Tueba e Vitiha (César, 74m).

Marcadores: Lufemba (13m), Eusebio (40m); Jaime Pacheco (50), Aparício (55m), Mladenov (70m) e Tueba (89m).

Ação disciplinar: cartão amarelo para o médico do Tirsense (18m), Lai (30m), Tueba (51m) e Quimto (86m).

Beira Mar, 3 - Braga, 1

Árbitro: Vítor Correia (Lisboa).

Beira Mar: Quim; Redondo, Petrov, Carvalho, Ivan, Sousa, Paquito, Bozlanovsky, Alain (Penteado, 65m), Abdel Ghany e Mário Jorge (Jarbas, 65m).

Braga: Hélder; Francisco Silva, Vítor Duarte, Quim I, Laureta, Santos (João Mário, 75m), Rado, Quim II, Rui Manuel, Eskiilsson e Vermelhinho (Maside, 72m).

RESULTADOS

PANAFIEL	0-4	BENFICA
PORTIMONENSE	0-1	CHAVES
PORTO	3-2	SPORTING
V. SETÚBAL	4-2	TIRSENSE
ESTRELA	1-1	UNIÃO
BEIRA MAR	3-1	BRAGA
GUIMARÃES	4-0	TIRSENSE
NACIONAL	0-0	MARÍTIMO
BELENENSES	1-0	BOAVISTA

Próxima jornada (23.ª): Benfica-Porto, Chaves-Estrela da Amadora, União-Belenenses, Boavista-V. Setúbal, Tirsense-Guimarães, Feirense-Beira Mar, Braga-Nacional, Marítimo-Penafiel e Sporting-Portimonense.



RENAULT

FERNANDO DE OLIVEIRA & FILHOS, LDA
Vendas: Rua Miguel Bombarda, 26
Sete Portais - Telha
Assistência - Peças - Sete Portais - Telha
2830 BARREIRO

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	G	P
1.º F.C. PORTO	22	18	3	1	49-8	39
2.º Benfica	22	15	6	1	57-9	36
3.º V. Guimarães	22	14	6	2	35-14	34
4.º Sporting	22	12	7	3	27-14	31
5.º V. Setúbal	22	11	5	6	30-22	27
6.º Belenenses	22	10	4	8	22-22	24
7.º Chaves	22	8	8	6	25-29	24
8.º Boavista	22	7	7	8	31-21	21
9.º E. Amadora	22	7	7	8	26-20	21
10.º Braga	22	6	8	8	20-25	20
11.º Tirsense	22	5	10	7	14-21	20
12.º Marítimo	22	3	11	8	14-25	17
13.º Beira Mar	22	5	6	11	11-26	16
13.º Penafiel	22	5	5	12	16-37	15
15.º União	22	3	8	11	16-32	14
16.º Nacional	22	0	13	9	14-35	13
17.º Portimonense	22	4	4	14	15-38	12
18.º Feirense	22	3	6	13	14-38	12

Golos: Mário Jorge (23m), Vítor Duarte (31m), Redondo (67m) e Penteado (90m).

Ação disciplinar: amarelos para Quim I (67m), Carvalhal (73m) e Maside (73).

Nacional, 0 - Marítimo, 0

Árbitro: Jorge Coroado (Lisboa).

Nacional: Gilmar; Edu, Paulito, Leiz, Ladeira, Toninho, Robertinho, Sylvanus (Vieira, 76m), Dinis, Paulo Sérgio e Dino (Edmilsonm 63m).

Marítimo: Everton; Rui Vieira, Teixeira, Carlos Jorge, Nunes, Wawa, Artur Semedo, Esquerdinha, José Luís, Vando (Tozé, 86m) e Maki (João Paulo, 60m).

Ação disciplinar: cartões amarelos para Nunes (20m), Sylvanus (20m) e Paulito (81m).

Portimonense, 0 - Chaves, 1

Árbitro: Miranda de Sousa (Porto).

Portimonense: Figueiredo; Chico-Zé

Demol foi carrasco



O belga Demol é, inquestionavelmente, um especialista na marcação de grandes penalidades, não tendo, ainda, falhado a cobrança de qualquer «pena de capital» e, no domingo, a vítima foi o sportinguista Ivo-kovic que, por duas vezes, foi forçado à dura experiência de olhar o «abominável carrasco» sentindo-se impotente para resistir. Demol já soma 10 remates certos. Quanto ao líder (Magnusson), apontou o 24.º gol e prossegue, sem grande incómodo, na liderança dos melhores artilheiros do futebol português e europeu. Além do belga Demol o brasileiro Caio Júnior também bisou.

(Palecas, 55m), Floris, Aurélio e Justiniano; Bezinski; José Pedro, Major (Vado, na 2.ª parte), Guetov e Voinov; Kachmerov.

Chaves: Jesus; Vicente, Filgueira, Jorginho e Rogério; Manuel Correia; Miranda (Jorge Silvério, 73m), Diamantino, Slakov e Rudez (David, 60m); Tanev.

Marcador: David (74m).

Ação disciplinar: cartão amarelo para Jorginho (83m).

Estrela, 1 - União, 1

Árbitro: Xavier Oliveira (Porto).

Estrela da Amadora: Melo, Rui Neves, Duílio (Xico Oliveira, 50m), Barny e Caetano; Bobó, Paulo Bento (Basatila, 32m), Elias e Baroti; Ricky e Pedro Xavier.

União do Funchal: Valente; Duarte, Ramos, Mota, Ricardo Jorge e Casimiro; Jairo, Markovic e Hajry; Edilson e Renato (Monteiro, 78m).

Golos: Pedro Xavier (33m) e Jairo (36m).

II Divisão: galo canta em Barcelos

Zona Norte

Rio Ave - Maia, 0-2; Freamunde - Vianense, 2-1; Joane - Vizela, 1-1; Infesta - Fafe, 1-3; Gil Vicente - Felgueiras, 0-0; Desportivo das Aves - Famalicão, 1-0; Marco - Paços de Ferreira, 0-1; Trofense - Varzim, 0-1; e Leixões - Bragança, 1-3.

	J	V	E	D	G	P
1.º GIL VICENTE	19	12	3	4	31-19	27
2.º Famalicão	20	10	7	3	32-15	27
3.º Freamunde	20	10	7	3	28-17	27
4.º Maia	19	9	7	3	27-16	25
5.º Desportivo das Aves	20	10	4	6	27-17	24
6.º Varzim	20	9	5	6	30-20	23
7.º Paços de Ferreira	20	10	3	7	32-23	23
8.º Leixões	20	9	4	7	30-26	22
9.º Rio Ave	20	7	7	6	25-25	21
10.º Bragança	19	8	3	8	26-29	19
11.º Infesta	20	6	7	7	27-28	19
12.º Fafe	20	6	6	8	21-17	18
13.º Joane	20	6	5	9	17-26	17
14.º Felgueiras	20	5	5	10	14-27	15
14.º Vianense	20	5	4	11	20-33	14
16.º Trofense	20	4	6	10	17-30	14
17.º Vizela	19	4	4	11	14-28	12
18.º Marco	20	2	5	13	13-35	9

Próxima jornada: Freamunde - Rio Ave (0-2, na primeira volta); Maia - Freamunde (0-0); Vianense - Joane (1-2); Vizela - Infesta (2-3); Fafe - Gil Vicente (0-1); Felgueiras - Aves (0-2); Famalicão - Marco (2-1); Paços de Ferreira - Trofense (4-2); e Varzim - Leixões (0-1).

Zona Centro

Caldas - Salgueiros, 0-3; Mirense - Covilhã, 2-0; Académica de Coimbra - Espinho, 2-1; Guarda - Mangualde, 0-0; Académico de Viseu - Marialvas, 1-0; União de Lamas - Lousanense, 2-0; Oliveira do Bairro - União de Leiria, 0-3; Benfica de Castelo Branco - Peniche, 0-0; e Oliveirense - Águeda, 2-0.

	J	V	E	D	G	P
1.º ESPINHO	20	15	1	4	40-13	31
2.º Salgueiros	20	13	4	3	48-15	30
3.º União de Leiria	20	11	6	3	38-11	28
4.º Académica	20	12	4	4	41-22	28
5.º Académico de Viseu	20	10	6	4	27-19	26
6.º Mirense	20	9	5	6	27-22	23
7.º Águeda	20	8	6	6	26-20	22
8.º Caldas	20	9	1	10	18-31	19
9.º Mangualde	20	9	1	10	28-30	19
10.º União de Lamas	19	9	0	10	27-28	18
11.º B. Castelo Branco	20	6	6	8	20-22	18
12.º Guarda	19	7	3	9	18-28	17
13.º Covilhã	20	8	1	11	22-29	17
14.º Marialvas	20	5	6	9	11-23	16
15.º Oliveirense	20	6	3	11	22-27	15
16.º Oliveira do Bairro	20	2	8	10	15-39	12
17.º Lousanense	19	3	3	13	15-38	9
18.º Peniche	19	2	4	13	9-35	8

Próxima jornada: Águeda - Caldas (0-1, na primeira volta); Salgueiros - Mirense (3-3); Covilhã - Académica de Coimbra (2-5); Espinho - Guarda (2-1); Mangualde - Académico de Viseu (4-2); Marialvas - União de Lamas (0-3); Lousanense - Oliveira do Bairro (0-0); União de Leiria - Benfica de Castelo Branco (0-0); e Peniche - Oliveirense.

Zona Sul

Silves - Olhanense, 0-0; Estoril - Louletano, 0-0; Olivais e Moscavide - Lusitano de Évora, 1-2; Sintrense - Samora Correia, 1-1; Portalegre - Barreirense, 0-1; Juventude - Atlético, 4-3; Torreense - Seixal, 2-0; Lusitano de Vila Real S.A. - Alverca, 2-2; e Farense - Elvas, 2-0.

	J	V	E	D	G	P
1.º FARENSE	20	16	4	0	48-10	36
2.º Louletano	20	11	6	3	28-12	28
3.º Barreirense	20	12	3	5	36-15	27
4.º Estoril	20	8	10	2	21-12	26
5.º Elvas	20	9	7	4	25-15	25
6.º Torreense	20	9	6	5	30-17	24
7.º Juventude	20	9	6	5	24-24	24
8.º Alverca	20	9	5	6	29-26	23
9.º Lusitano de Vila Real	20	6	10	4	21-13	22
10.º Olhanense	20	7	6	7	22-23	20
11.º Silves	20	6	8	6	22-18	20
12.º Lusitano de Évora	20	7	7	6	27-28	17
13.º Seixal	20	4	6	10	11-30	14
14.º Olivais e Moscavide	20	4	5	11	19-32	13
15.º Sintrense	20	4	3	13	14-37	11
16.º Atlético	20	4	3	13	25-33	11
17.º Portalegre	20	3	5	12	16-49	11
18.º Samora Correia	20	1	6	13	11-35	8

Próxima jornada: Elvas - Silves (0-0, na primeira volta); Olhanense - Estoril (0-1); Louletano - Olivais e Moscavide (1-0); Lusitano de Évora - Sintrense (0-0); Samora Correia - Portalegre (1-2); Barreirense - Juventude (1-1); Atlético - Torreense (0-2); Seixal - Lusitano de Vila Real S.A. (1-4); e Alverca - Farense.



DESPORTO

Campeonatos nacionais de futebol

III Divisão: equilíbrio generalizado

Série A

Ponte da Barca - Lanheses, 1-0; Ribeirão - Mirandela, 0-0; Maria da Fonte - Caminha, 1-0; Amares - Santa Maria, 0-3; Prado - Moreirense, 2-1; Vieira - Espoense, 1-3; Valpaços - Delães, 3-0; Macedo de Cavaleiros - Valdevez, 1-0; e Vila Pouca - Celoricense, 0-1.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º ESPODENSE	21	11	9	1	33-15	31
2.º Moreirense	21	10	8	3	27-17	28
3.º Caminha	22	10	6	6	28-16	26
4.º Delães	20	10	5	5	39-23	25
5.º Mirandela	22	9	7	6	42-25	25
6.º M. Cavaleiros	22	9	6	7	26-26	24
7.º Maria da Fonte	22	6	12	4	20-16	24
8.º Valpaços	22	9	5	8	27-23	23
9.º Santa Maria	22	9	5	8	26-29	23
10.º Amares	21	8	6	7	23-21	22
11.º Celoricense	22	8	6	8	27-22	22
12.º Vieira	22	7	6	9	22-25	20
13.º Ponte da Barca	22	6	7	9	17-21	19
14.º Prado	21	6	5	10	12-22	17
15.º Lanheses	22	6	5	11	20-27	17
16.º Valdevez	20	2	11	7	12-19	15
17.º Ribeirão	22	3	8	11	15-41	14
18.º Vila Pouca	22	4	5	13	14-32	13

Próxima jornada: Celoricense - Ponte da Barca (1-1, na primeira volta); Lanheses - Ribeirão (0-0); Mirandela - Maria da Fonte (1-1); Caminha - Amares (0-1); Santa Maria - Prado (1-0); Moreirense - Vieira (2-2); Espoense - Valpaços (0-0); Delães - Macedo de Cavaleiros (1-2); Valdevez - Vila Pouca.

Série B

Cinfães - Sandinense, 0-2; Amarante - Leça, 2-1; Lixa - Paredes, 1-0; Rio Tinto - Pedrouços, 1-0; Sanjoanense - Valonguense, 2-0; Vila Real - Lourosa, 1-2; Santa Marta - Lousada, 1-3; Ermesinde - Paivense, 3-0; e Valadares - Régua, 1-1.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º LOUSADA	22	14	4	4	41-23	32
2.º Amarante	22	10	9	3	32-15	29
3.º Paredes	21	10	7	4	35-19	27
4.º Valonguense	22	10	7	5	29-20	27
5.º Sanjoanense	22	10	5	7	31-23	25
6.º Lixa	22	9	7	6	26-18	25
7.º Lourosa	22	8	9	5	25-19	25
8.º Vila Real	22	9	6	7	34-22	24
9.º Sandinense	22	8	8	6	19-22	24
10.º Leça	22	7	9	6	32-26	23
11.º Régua	22	8	6	8	20-23	22
12.º Pedrouços	22	7	8	7	33-35	22
13.º Ermesinde	22	8	5	9	23-20	21
14.º Cinfães	21	5	6	10	23-43	16
15.º Rio Tinto	22	5	5	12	22-39	15
16.º Santa Marta	22	5	4	13	21-33	14
17.º Valadares	22	2	10	10	17-39	14
18.º Paivense	22	1	7	14	14-38	9

Próxima jornada: Régua - Cinfães (0-0, na primeira volta); Sandinense - Amarante (0-4); Leça - Lixa (1-1); Paredes - Rio Tinto (2-1); Pedrouços - Sanjoanense (2-2); Valonguense - Vila Real (1-3); Lusitânia - Santa Marta (1-1); Lousada - Ermesinde (1-1); e Paivense - Valadares (3-6).

Série C

Mealhada - Gouveia, 2-0; Anadia - Valecambrense, adiado; Tabuense - Alba, 0-3; Santacombadense - Oliveirinha, 1-1; Argus - Mortágua, 3-1; Valonguense - Sabugal, 3-2; Oli. Hospital - U. Coimbra, 1-0; Ovarense - Luso, 0-0 e Seia - Estarreja, 1-2.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º SANTACOMB.	22	16	2	4	23-8	34
2.º Anadia	21	14	3	4	36-16	31
3.º Ovarense	22	9	9	4	24-12	27
4.º Estarreja	22	10	6	6	30-15	26
5.º Gouveia	22	8	10	4	22-11	26
6.º Mealhada	22	9	7	6	24-23	25
7.º AD Valonguense	22	9	7	6	27-22	25
8.º U. Coimbra	22	9	6	7	39-22	24
9.º Luso	22	7	10	5	18-14	24
10.º O. de Hospital	22	8	7	7	23-23	23
11.º Oliveirinha	22	7	8	7	25-25	22
12.º Argus	22	7	8	7	29-28	22
13.º Alba	22	6	7	9	20-21	19
14.º Mortágua	22	4	8	10	15-30	16
15.º Tabuense	21	5	5	11	17-23	15
16.º Seia	22	4	5	13	27-33	13
17.º Sabugal	21	3	5	13	19-55	11
18.º Valecambrense	21	3	3	15	14-51	9

Próxima jornada: Estarreja - Mealhada (0-1 na primeira volta); Gouveia - Anadia (1-1); Valecambrense - Tabuense, (0-2); Alba - Santacombadense (0-1); Oliveirinha - Argus (1-1); Mortágua - Valonguense (1-2); Sabugal - O. Hospital (1-1); U. Coimbra - Ovarense (1-2); Luso - Seia (2-1).

Série D

Marrazes - Ferrel, 1-0; Mirandense - Marinhense, 1-0; Torres Novas - Alcains, 3-1; Castelo de Vide - Nazarenos, 2-1; Alcobaca - Est. Portalegre, 1-0; Naval - União de Tomar, 0-1; Sertanense - Alcanenense, 2-2; Bombarralense - D. Fátima, 1-1 e Alfeizerense - U. Santarém, 0-2.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º U. TOMAR	22	15	7	0	32-7	37
2.º Mirandense	22	14	5	3	36-7	33
3.º Naval	22	11	7	4	35-18	29
4.º CD Fátima	22	10	8	4	41-17	28
5.º U. de Santarém	22	12	4	6	32-14	28
6.º Alcobaca	22	8	9	5	22-17	25
7.º Torres Novas	22	9	6	7	31-28	24
8.º Sertanense	22	5	13	4	21-21	23
9.º Marinhense	22	5	11	6	23-26	21
10.º Alcanenense	22	5	11	6	24-19	21
11.º E. Portalegre	22	5	9	8	18-31	19
12.º Bombarralense	21	2	13	6	14-22	17
13.º Marrazes	22	5	7	10	15-27	17
14.º Alcains	22	5	7	10	24-29	17
15.º Nazarenos	22	5	6	11	21-31	16
16.º Castelo de Vide	22	6	3	13	16-36	15
17.º Alfeizerense	22	3	7	12	17-34	13
18.º Ferrel	21	5	1	15	14-52	11

Próxima jornada: U. Santarém - Marrazes (0-0 na primeira volta); Ferrel - Mirandense (0-2); Marinhense - Torres Novas (1-1); Alcains - Castelo de Vide (1-1); Nazarenos - Alcobaca (3-3); Est. Portalegre - Naval (0-3); União de Tomar - Sertanense (1-1); Alcanenense - Bombarralense (0-0); D. Fátima - Alfeizerense (3-2).

Série E

Fut. Benfica-Vilafranquense, 2-0; Odivelas-Sacavenense, 3-0; Cartaxo-Fanhões, 2-2; Lus. Açores-Portosantense, 3-2; Oriental-Praiense, 2-0; Borbense-Cacém, 0-0; Almeirim-Câmara de Lobos, 1-0; Campomaiorense-Santa Clara, 5-0 e Fronteirense-Santa Clara, 5-0; e Fronteirense Loures, adiado.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º F. BENFICA	22	10	7	5	29-23	27
2.º Oriental	21	10	6	5	28-16	26
3.º C. Maior	21	11	4	6	30-15	26
4.º U. Almeirim	21	10	4	7	37-20	24
5.º Santa Clara	21	9	6	6	33-31	24
6.º Sacavenense	21	7	9	5	18-17	23
7.º Odivelas	22	9	5	8	30-21	23
8.º Fanhões	22	7	8	7	18-21	22
9.º P. Santense	21	7	7	7	26-22	21
10.º Borbense	22	7	7	8	19-30	21
11.º Praiense	22	7	7	8	13-17	21
12.º Lusitânia	21	7	6	8	19-19	21
13.º Loures	21	6	8	7	23-27	20
14.º C. Lobos	22	5	10	7	15-18	20
15.º Vilafranquense	22	6	8	8	18-19	20
16.º Cartaxo	21	4	9	8	23-32	17
17.º Fronteirense	21	5	6	10	13-30	16
18.º Cacém	22	4	7	11	16-30	15

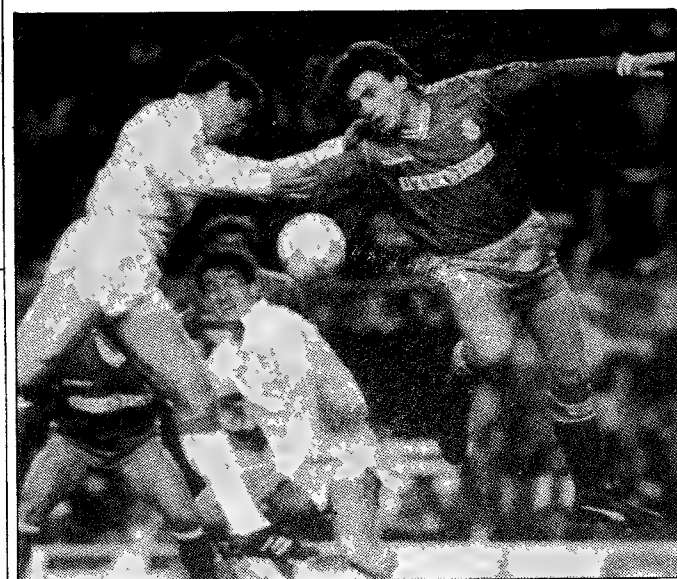
Próxima jornada (23.ª 11/3): Loures-Fut. Benfica (1-3 na primeira volta); Vilafranquense-Odivelas (2-1); Sacavenense-Cartaxo (0-0); Fanhões-Lus. Açores (0-1); Praiense-Borbense (0-2); Cacém-Almeirim (0-3); Câmara de Lobos-Campomaiorense (0-1); Santa Clara-Fronteirense (2-2).

Série F

Amora-Imortal, 2-1; Est. V. Novas-Esp. Lagos, 0-1; Quimigal-Leões de Távira, 0-0; Beja-U. Sant. Cacém, 1-1; Vasco da Gama-Moura, 2-0; Trafaria-Palmense, 0-0; Almansilense-U. Montemor, 1-0; Quarteirense-Montijo, 1-1; e Sesimbra-Caparica, 2-3.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º MONTIJO	22	14	6	2	46-17	34
2.º Amora	22	14	4	4	39-22	32
3.º Quarteirense	22	11	7	4	47-22	29
4.º Almancilense	22	11	6	5	26-19	28
5.º U. Santiago	22	10	7	5	43-25	27
6.º V. Gama	22	11	3	8	28-29	25
7.º Quimigal	22	7	10	5	22-20	24
8.º Moura	22	7	9	6	25-22	23
9.º U. Montemor	22	11	1	10	35-23	23
10.º Esp. Lagos	22	8	7	7	34-28	23
11.º Palmense	22	7	8	7	29-26	22
12.º Imortal	22	6	7	9	33-37	19
13.º Leões	22	5	8	9	14-19	18
14.º Caparica	22	7	4	11	25-39	18
15.º D. Beja	22	6	5	11	18-36	17
16.º E. Vendas Novas	22	4	6	12	21-35	14
17.º Sesimbra	22	3	4	15	16-39	10
18.º Trafaria	22	1	8	13	18-61	10

Próxima jornada (23.ª 11/3): Pescadores-Amora (0-1 na primeira volta); Imortal-Est. V. Novas (0-1); Esp. Lagos-Quimigal (1-1); Leões de Távira-Beja (0-1); U. Sant. Cacém-Vasco da Gama (2-0); Moura-Trafaria (6-2); Palmense-Almansilense (3-3); U. Montemor-Quarteirense (0-2); Montijo-Sesimbra (1-0).



Em Sevilha, o Real deu mais um passo para o título

Futebol lá fora

Real Madrid aumenta avanço

Resultados: Real Sociedad - Rayo Vallecano, 4-1; Celta - Real Mallorca, 2-2; Logrones - Castellon, 1-0; Atlético de Madrid - Real Oviedo, 1-1; Sporting Gijón - Osasuna, 0-0; Valência - Real Saragoça, 1-1; Malaga - Atlético de Bilbao, 0-1; Sevilha - Real Madrid, 1-2; Tenerife - Barcelona, 1-4.

No topo da tabela está o Real Madrid com 46 pontos, seguindo-se o Atlético de Madrid e o Valência (37), Barcelona (36), Real Sociedad (35), Sevilha (33), Osasuna (32), Logrones e Real Oviedo (30).

Itália

Resultados: Atalanta - Bolonha, 0-0; Cesena - Bari, 2-2; Fiorentina - Cremonese, 0-0; Lazio - Inter Milão, 2-1; Lecce - Roma, 0-2; Ac. Milão - Ascoli, 2-1; Nápoles - Génova, 2-1; Sampdoria - Juventus, 0-0; Verona - Udinese, 2-0.

Classificação: 1.º Ac. Milão, 42 pontos; 2.º Nápoles, 40; 3.º Sampdoria, 35; 4.º Inter Milão, 35; 5.º Juventus, 35.

Bélgica

Resultados: Lokewren - Beerschot, 0-2; Cercle Bruges - Charleroi, 3-3; Waregem - Malines, 0-2; FC Liege - Ghent, 2-2; Beveren - Ekeren, 0-3; Liers - FC Bruges, 1-5; Racing Malines - Standard Liège, 1-0; Anderlecht - St. Truiden, 3-0; Antuérpia - Kortrijk, 2-0.

Classificação: 1.º FC Bruges, 39 pontos; 2.º Anderlecht, 38.

Holanda

Resultados: PSV Eindhoven - FC Den Haag, 9-2; RKC Waalwijk - Ajax, 0-3; FC Utrecht - Roda, JC, 0-1; Volendam - Nec Nijmegen, 1-0; Feyenoord - BVV Den Bosch, 2-0; Vitesse - FC Twente, 1-2; Fortuna Sittard - Willem II, 3-0; MVV Maastricht - Sparta Rotterdam, 1-2; Haarlem - Groningen.

Classificação: 1.º PSV Eindhoven, 33 pontos; 2.º Ajax e Roda, 32.

França

Resultados da 28.ª jornada: Brest - Mulhouse, 2-0; Caen - Metz, 1-0; Cannes - Bordéus, 3-0; Lille-Lyopn, 0-0; Montpellier - Nice, 1-0; Sochaux - Nantes, 1-3; Toulon - Auxerre, 1-0; Mónaco - Paris Saint-Germain, 2-0; Saint-Étienne - Marselha (adiado).

Classificação: Bordéus, 41 pontos; Marselha, 37.

Juniões

SÉRIE A: Braga-Famalicão, 1-0; Merelinense-Chaves, 1-0; Gil Vicente-Guimarães, 0-1; Vianense-Taipas, 3-0; V. Real-P. da Barca, 0-3; Mãe de Água-Vizela, 0-3.

Guia: Guimarães e Braga, 29 pontos.

SÉRIE B: Maia-Varzim, 2-1; Agueda-Espinho, 0-0; Lamego-Rio Ave, 0-2; Salgueiros-Viseu e Benfica, 1-1; Beira-Mar-Leixões, 1-1; Boavista-FC Porto, 1-2.

Guia: FC Porto, 35 pontos.

SÉRIE C: Guarda-Mangualde, 3-0; U. Leiria-U. de Tomar, 1-3; Aca. de Viseu-Académica, 1-1; U. Coimbra-Estação, 2-1; Naval-Gouveia, 7-0; Nazarenos-Marrazes, 1-1.

Guia: Académica, 32 pontos.

SÉRIE D: Bombarralense-Sporting, 0-0; União de Santarém-Benfica, 0-5; Casa Pia-Almeirim, 3-0; C. Caparica-Belenenses, 0-2; Amadora-Caldas, 4-0; Estoril-Olivais e Moscavide, 2-2.

Guia: Benfica, 35 pontos.

SÉRIE E: Amora-Vendas Novas, 2-0; Farense-Lusitano de Évora, 1-0; Zona Azul-Elvas, 0-0; Olhanense-Seixal, 0-0; V. Setúbal-Barreirense, 2-1; Quimigal-Portimonense, 0-2.

Guia: Vitória de Setúbal, 29 pontos.

TOTOBOLA

A chave

Porto - Sporting	1
Penafiel - Benfica	2
Estrela - União	X
Belenenses - Boavista	1
Setúbal - Tirsense	1
Beira Mar - Braga	1
Nacional - Marítimo	X
Portimon. - Chaves	2
Aves - Famalicão	1
Caldas - Salgueiros	2
Académica - Espinho	1
Silves - Olhanense	X
Estoril - Louletano	X

O nosso palpite

Concurso n.º 10/90

11 de Março de 1990

Benfica - Porto	1
Tirsense - Guimarães	2
Sporting - Portimon.	1
Chaves - E. Amadora	1
U. Madeira - Belenenses	X
Boavista - Setúbal	2
Feirense - Beira Mar	2
Braga - Nacional	1
Marítimo - Penafiel	X
Fafe - Gil Vicente	2
Varzim - Leixões	X
Covilhã - Académica	X
Alverca - Farense	X

DESPORTO

Porto, 3-Sporting, 2

Entre a goleada e o susto
um grande arrepio de frio

O brusco galgar de ondas por parte da esquadra portista explica-se em menos tempo que demora a riscar um fósforo: Jaime Magalhães tinha o diabo no corpo, passava por Leal como muito bem lhe apetecia, o sportinguista nem sequer discutia as cristas. Era (perfeitamente) uma figura estática, perturbada, nervosa, sobre tais brasas que mais não era capaz de fazer que faltas, faltas, e mais faltas perante o directo opositor que, cimentando imediatamente a presença à custa dessa ponte que ficava plenamente ao dispor, se tornaria na figura-espectáculo de todo o «show».

Praticamente, o duelo principiou pela poupança de um cartão *ictericia* a Semedo, que perseguiu Silas até o atirar para cima da relva. No conclave, cheinho de bandeiras azuis que (muito gentilmente) uma empresa distribuiu gratuitamente e em profusão, apirou uma sombra de dúvida: Rosa Santos aliviou as consciências e restituiu a cor de céu à maioria dos olhares de todo o conclave.

E o jogo foi rodando: na dúzia de minutos, o primeiro tiro no cruzadorzinho lisboeta. Jaime Magalhães corre como um raio, passa pelo desnorteado (ou siderado Leal) e, quando se escapula, o *camisa três* de Alvalade pega-lhe pela camisola, sacode-o, mal contente ainda lhe puxa pelo braço direito, estava o portista bem dentro da área de alto rigor. Grande penalidade mais que evidente: Demol a acrescentar o seu pecúlio que, muito provavelmente, entrará para o Guinness como recorde de castigos máximos convertidos num só campeonato da velha Europa.

O Sporting (como se entenderá) abalou pelos alicerces. Todavia, no banco lateral parecia que ninguém pestanejava, podia ser que o empate viesse daí a pouco. Mas, qual quê? Novamente o frenético Jaime Magalhães desce pela esquerda, esperou a chegada de um transido *leão* (João

Luís estava já sem pernas para correr atrás de um caracol) e foi o que todos viram: carga em mais que falta, Branco afinando o pé-míssil, o 2-0 a erguer toda a plateia do «dragão».

Uma equipa de gatas

Raul Águas (finalmente!) fez a primeira mudança na defesa, compreendendo que com aqueles laterais estava oferecendo o calcanhar de Aquiles aos calcanhars deles, pois enquanto uns contavam os centímetros os portistas galgavam os metros. E foi isso, a mais confrangedora nota de falta de preparação física de há muito demonstrada pelo Sporting, que veio novamente ao de cima: todo o resto do período inicial a equipa andou de gatas, parecendo que aos *azuis-brancos* seria mais que fácil, carregando um nadinha no acelerador, somar mais um ou dois golos, que não escandalizariam nem donzela em dia de casório. Entrara no *team* de *verde* um avançado de raiz (Paulinho Cascavel), ia rapidamente para o banho Leal (inevitavelmente condenado ao repouso que vai permitir entrega de carta de alforria a Paulo Torres, já perante o Portimonense), viajava Oceano para a esquerda. Mas, quem é que segura Jaime Magalhães, um novo galgo de melhor raça?

Obviamente que ninguém (em todo o Sporting) se aventurava a ir tomar conta das rédeas do *camisa sete* portista, que continuava fora de qualquer espartilho, galopando, pontando, comandando, soberanamente colocado em degrau de onde mirava *al tendido* com a majestade de um *diestro* em tarde de gala. Silas bem tentou um «volte-face», Cadete (o melhor sportinguista em todo o exame) dava um permanente ar de graça, Venâncio ia fazendo os possíveis por se ocupar de Rui Águas mas escasseava-lhe o dom da ubiquidade que permitisse estar em mais lados ao mesmo tempo, alargando o tampão à impulsividade dos «dragões».

Chegou-se à pausa retemperadora quando Demol tornava a enfiar João Luís na algibeira do colete: certamente que, lá para os seus botões, Raul Águas estaria interrogando os céus sobre o que mais poderia acontecer ao seu novo patrão. E pior ficou, quando surgiu a jogada que seria decisiva para a escolha do triunfante emblema.

Eu conto. Preocupava-se a defensiva *verde* em avançar por ali fora, procurando deixar em fora de jogo os senhores das Antas. Na moldura, o magote de bandeirinhas azuis era um cacharolete. Subitamente, viram-se dois artistas portistas em fora de jogo posicional. O finto de linhaça de funcionava junto à bancada de honra ergue o seu pequeno estandarte. Porém, lá do meio do magote, do vértice da florista, emerge em louca corrida Bandeirinha, que entra pelo castelo adversário perfeitamente à vontade, barafustava metade das hostes *verdes*, outros tantos guerrilheiros de Alvalade preparavam-se para rodear Rosa Santos. Só que a jogada ia correndo: e viu-se aparecer, também disparado e com lume na ponta das botas, o bom do cidadão Oceano que, à sua muita força natural, não consegue aliar um lampejo de relativa valia técnica. Socorrendo-se da sua única arma atirou para o chão o seis da oposição: Rosa Santos não perdeu, outra grande penalidade para o historial de Demol, guarda-redes para um lado e esfera para outro canto. Protestaram os nada confortados leões: «*não tenho nada a ver com a bandeira erguida pelo fiscal-de-linha (Marcolino Batista). Quem manda aqui sou eu: e, como não apitei antes, não foi falta!*»

Rosa Santos explicou isto, muito rapidamente, ao dividido areópago que o cercava. De nada valeu apontar-lhe que dois portistas (Geraldão e Jorge Couto) estavam ilegalmente no lance. «Mas eu não apitei a parar o jogo, pois não? Então é 'penalty'». Foi. E go-

lo também, dir-se-ia que o Futebol Clube do Porto ficava com a goleada à plena disponibilidade, todo o Sporting estava nitidamente em farrapos, reduzido ao grau zero não fosse continuar Cadete a remar contra a maré.

Credô na boca

Que (perfeitamente, justificadamente) poderia ter acontecido, pois Jaime Magalhães contagiava toda a orquestra que o rodeava: João Pinto e Demol, Semedo e Geraldão, Jorge Couto e Branco com a vestimenta de veludo que se concede aos altos dignatários da corte. Só que, os dois «internacionais» brasileiros se lesionaram no tempo de um relâmpago. Branco saiu do palco aflito da perna direita, logo depois foi Geraldão que (queixando-se da coxa esquerda) foi sentar-se no banquinho azul. Entra em cena Paulo Pereira, o irmão de Silas. O edifício começa a tremer. Desemboca no relvado Nascimento criou-se o percurso para a picada, agigantou-se de tal modo o Sporting que o credo passou a viajar na boca de toda a arquibancada. Lance e Silas, bola para João Luís, centro atrasado para Marlon e golo mais facilitado que laboriosamente congeninado. E, ainda Artur Jorge estava a pensar na pequena ensaboadela que teria de dar aos seus dispendiosos e demasitados orgulhosos meninos quando surgiu o 3-2. Carlos Manuel (generosamente colocado em acção após uma imensa travessia do deserto...) cobra um pontapé livre, esfera endossada para Marlon, toque para Luisinho e balde de água gelada em Vítor Baía. Uma vez mais, venceu quem o mereceu mas, do mesmo modo, quem cedeu o passo saiu com toda a dignidade perante o obrigatório respeitinho a que forçou muitos milhares de «dragões» que, confiando em érica e história goleada, tiveram de contentar-se com um «placard» inédito nas Antas e, sobretudo, com a magra vantagem do tal golinho muito



Gomes esteve nas Antas, mas nem tirou a gabardina

discutido servir para amearhar os dois pontos que estavam no horizonte.

A saída de Branco e Geraldão foi (não restem dúvidas) razão base para os sportinguistas erguerem as cabeças e acreditarem que podiam ate-

mas igualmente concorrendo para o sucesso portista, estiveram Demol e Geraldão, Branco e Jorge Couto, João Pinto e Semedo, assim se juntando aos «leões» mais bem comportados no teste que os tirou da corrida para o título (Cadete,

Carlos Manuel voltou
na hora de fechar

Boa arbitragem do bejense Rosa Santos, que esteve auxiliado por Marcolino Baptista e Carlos Vidonho. As turmas:

FC DO PORTO: Vítor Baía; João Pinto, Geraldão (Nascimento aos 80 minutos), Demol e Branco (Paulo Pereira, 74); André; Jaime Magalhães, Bandeirinha e Semedo; Rui Águas e Jorge Couto.

SPORTING: Ivkovic; João Luís, Venâncio, Luisinho e Leal (Paulinho Cascavel, 25); Oceano, Ali Hassan e Carlos Xavier (Carlos Manuel, 76); Silas; Marlon Brandão e Cadete.

Golos: Demol (11 e 49 minutos, ambos de grande penalidade), Branco (23), Marlon Brandão (84 e Luisinho, 87). Cartão amarelo para João Luís, Bandeirinha, Vítor Baía e Semedo.

nuar o castigo. De tal modo que, fazendo dois golos num par de minutos, tiveram logo a possibilidade de chegar ao empate, mas o egoísmo de Cadete, querendo assinar uma difícil *chapelada* quando tinha dois parceiros à espera do passe para fuzilamento, impediu o empate. Que apenas seria escândalo para quem não viu as duas vertentes portistas, os períodos da sua laboração: em pleno, quando a equipa esteve completa; à deriva a partir do instante em que Branco e Geraldão marchavam para as mãos do dr. Domingos Gomes, o clínico sapiente que terá de os devolver íntegros a Artur Jorge, caso o Porto queira desembarcar na Luz em condições de esgrimir com a sua melhor companhia de baile no ninho da águia.

Já se escreveu: Jaime Magalhães foi a estrela que deslumbrou. Em degrau inferior,

Venâncio, Luisinho, Ivkovic). Pena que Carlos Manuel só tenha estado sob os olhares gerais durante os últimos 13 minutos. E que um dos homens mais ovacionados nas Antas nem sequer tenha ultrapassado a cercadura de arame ou despido a gabardina. Exacto: esteve fora do palco, tal como tínhamos garantido na passada 5.ª-feira, o *bibota de ouro* que poderia (mesmo ao ralenti) ter criado sustos entre os antigos parceiros. Mas, na vida de um jogador manda o treinador: e não os milhares de outros juizes que sempre pensaram que Fernando Gomes seria uma arma psicológica que nenhum comandante desdenharia colocar no centro de qualquer furacão aprazado para as Antas da boa/recente memória. Uma casa onde (pelo que se escutou) ainda vive a saudade.

Neves de Sousa



Venâncio assegura que não fez falta



Demol, o especialista dos 'penalties'



DESPORTO

Atletismo: bronze para Portugal numa disciplina «confidencial»

A nossa Federação ignorava a realização da prova do triplo salto e Ana Oliveira experimentou e pulou para o bronze

As originalidades continuam a fazer escola na Federação Portuguesa de Atletismo. Desta vez foi a ignorância de que a Federação Internacional, havia incluído nos «européus» de pista coberta (que se realizaram em Glasgow) a disciplina de triplo salto para atletas femininos e, curiosamente, Ana Oliveira que participou no salto em comprimento e que se deslocara sem a assistência do seu técnico mandado para casa quando se apresentara na Portela para viajar (como convidado federativo) para a Escócia, resolveu experimentar e fê-lo da melhor forma, pulando 13,44 (menos 60 centímetros do que a soviética Galina Chitiakova e menos 19 do que a alemã Helga Radtke). Desta forma veio bronze para Portugal numa prova «confidencial». Mais um caso para Henrique Melo e Fernando Mota explicarem. Se souberem.

Para além da medalha trazida, Ana Oliveira saltou 6,33 na prova de comprimento (ficando a cinco centímetros do apuramento para a final, mas estabelecendo novo recorde nacional).

Quanto aos demais participantes na competição, Mário Silva foi finalista nos 3000 metros obtendo o 5.º posto com o tempo de 7.54,82. Pedro Curvelo estabeleceu novo má-

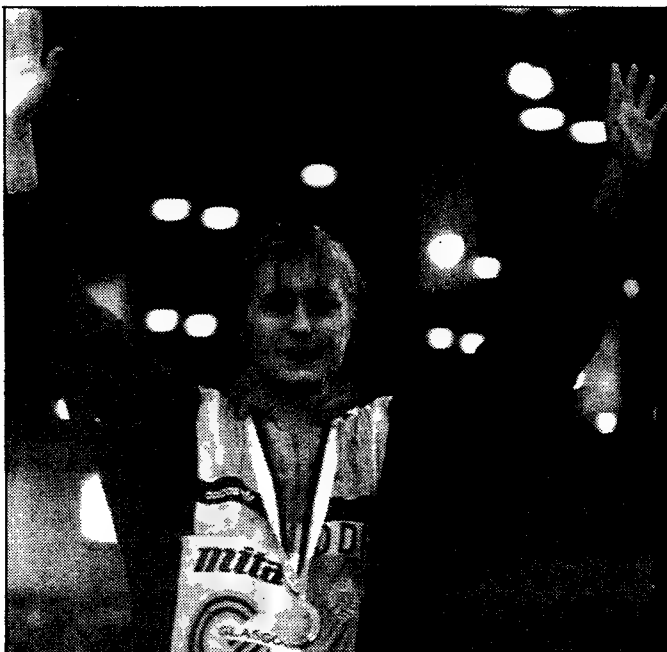
ximo nacional nos 400 metros com 47,97 no cronómetro e António Monteiro, que chegou à final dos 800 metros, não conseguiu melhor do que o 6.º posto.

António Abrantes chegou às meias-finais nos 800 metros acabando na 5.ª posição, Luís Cunha falhou o apuramento para a final dos 200 metros onde Luís Cunha e Pedro Curvelo também não passaram das eliminatórias. Fernando Alves, ao lançar o peso a 16,59 obteve a 18.ª posição entre 20 concorrentes.

No sector feminino além do excelente comportamento de Ana Oliveira, Emília Tavares foi 14.ª no salto em comprimento, Teresa Machado teve de se contentar com o último lugar no peso (15,26), Elsa Amaral (em más condições físicas) limitou-se a terminar os 800 metros com o tempo de 2.11,66 enquanto a benfiquista Lucrécia Jardim foi 4.ª nos 60 metros (7,48) tendo abandonado na competição dos 200 metros.

Corta-mato feminino

Como se previa, a brarense Conceição Ferreira renovou o título de campeã nacional de corta-mato, disputado no passado sábado, em Guimarães, tendo como principal opositora a boavisteira Albertina Dias, uma vez que Aurora



Beate Anders bateu o recorde mundial dos 3000 metros

Cunha e Albertina Machado não estiveram presentes por se encontrarem lesionadas.

A prova foi dominada pelas duas principais candidatas ao pódio até meio do percurso, uma vez que a «menina de Sammeiro» resolveu dar uma forte «sapatada» deixando a sua opositora nas «covas». A partir daí Conceição arrancou, irresistivelmente, para a meta, onde chegaria com 20 segundos de avanço sobre a «Tina do Bessa». Triunfo incontestável da nossa melhor atleta de

corta-mato que, depois da sua vitória na recente edição da Taça dos Campeões, voltou a demonstrar que, no momento presente, não tem concorrente que lhe complique as intenções, e a prosseguir neste ritmo, ela será a grande aposta para os mundiais da especialidade.

Em termos colectivos, o Benfica suplantou o SC Braga colocando Mónica Gama, Lucília Soares, Ana Moreira, Manuela Dias e Ana Correia entre as 10 melhores.

Basquetebol

Emoção em fase de crescimento

Após a realização de 18 jornadas da primeira fase do campeonato nacional de basquetebol, cinco equipas têm já, praticamente assegurada a sua entrada no «play-off» que decidirá atribuição do título. São elas: Benfica, FC Porto, Beira Mar, Estrelas da Avenida e Ovarense e outras duas (Guifões e Ginásio Figueirense) dificilmente escaparão à tarefa de discutir com outras duas (ainda por definir) a continuidade na divisão principal ou a despromoção ao sector secundário. Das restantes (Sporting, Esgueira, Imortal, Illiabum e Barreirense) vai começar luta feroz, visando a continuidade de três no «play-off». Muita emoção, portanto, para as rondas que se avizinham.

A jornada do passado sábado, foi caracterizada com o triunfo dos visitados (excepção feita ao Ginásio que foi superado pelo vizinho Illiabum) sendo de salientar a diferença pontual nos encontros Estrelas-Esgueira (91-69) e no Benfica-Guifões (82-63). Outros resultados: Beira Mar-83 - Sporting, 74; Ovarense, 84 - Imortal, 73; Porto, 95 - Barreirense, 87 e Ginásio Figueirense, 69 - Illiabum, 74.

Após esta jornada a classificação está assim ordenada:

	J	V	D	P
BENFICA	18	17	1	35
FC Porto	18	13	5	31
Beira-Mar	18	11	7	29
E. Avenida	18	11	7	29
Ovarense	18	10	8	28
Sporting	18	8	10	26
Esgueira	18	8	10	26
Imortal	18	8	10	26
Illiabum	18	8	10	26
Barreir.	18	7	11	25
G. Figueir.	18	4	14	22
Guifões	18	3	15	21

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE ACTIVIDADES SUBAQUÁTICAS

Membro e representante de Portugal na CMAS
(Confédération Mondiale des Activités Subaquatiques)
nos Comités Desportivo, Técnico e Científico

CONGRESSO ORDINÁRIO

Convocatória

Nos termos estatutários, convoco o Congresso Ordinário da Federação Portuguesa de Actividades Subaquáticas (F.P.A.S.), para o dia 17 de Março de 1990, às 14.30 horas nas instalações do Comité Olímpico Português sitas na Rua Braamcamp n.º 12 - r/c Dt.º em Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- 1 — Apreciação e Votação do Relatório e Contas da Gerência, referente ao ano de 1989.
- 2 — Eleição dos Corpos Gerentes para o biénio de 1990/1991.
- 3 — Ractificação de cargos desempenhados em representação de Portugal na C.M.A.S. — Confédération Mondiale des Activités Subaquatiques de acordo com o exigido na resolução tomada no Congresso Extraordinário da FPAS de 15 de Novembro de 1986.

O Congresso funcionará de acordo com os termos estatutários.

Lisboa, 1 de Março de 1990

O Presidente da Mesa do Congresso
Luís Filipe B. Monteiro

SEAT TERRA

MAIS CARGA POR MENOS

DESDE 1.077.000 ESC.



SEAT
Grupo Volkswagen

Importador exclusivo: SOCIEDADE HISPÂNICA DE AUTOMÓVEIS, S.A.
Encargos anuais globais de 156.448 a 177.083 Esc. Base: 15.000-Km/ano. Dezembro 1989

GARAGEM VICTORIA
Automóveis, Lda

Lisboa • Rua Nova de S. Mamede, 38-A • 1200 LISBOA
Telefs. 65 81 31/2/3/4/5/6 • Fax 60 34 12 • Telex 13371 GARVIT P
Cascais • Av. 25 de Abril, 901, R/C Esq. • 2750-CASCAIS
Telefs. 284 73 92 - 284 74 17 • Fax 284 74 42

DESPORTO

Fórmula Um: Balestre todo poderoso

O presidente da FISA, da FIA e da FFSA não perdoa a Ayrton Senna

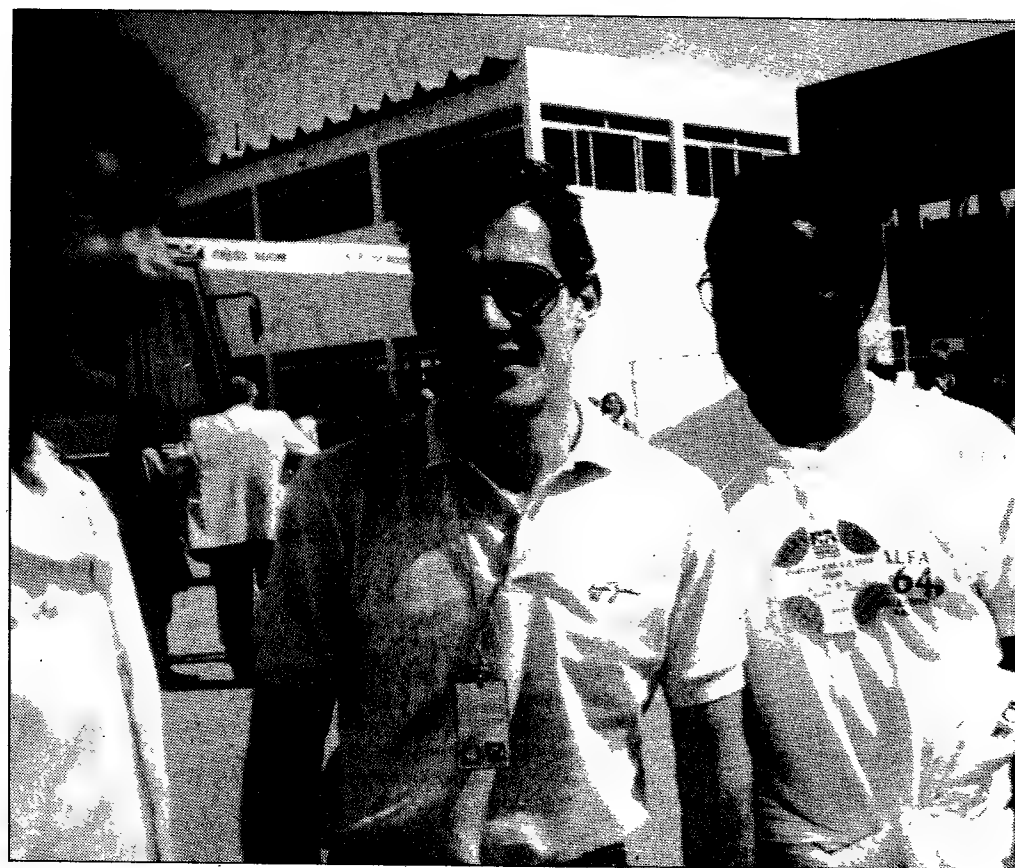
Uma carta manuscrita de 1500 palavras demonstra bem a forma como o autoritário Jean-Marie Balestre impõe a sua opinião e controla tudo e todos no mundo do desporto automóvel.

Balestre é o «todo poderoso» das corridas de automóvel, capaz de dominar um dos mais talentosos pilotos da Fórmula Um (Ayrton Senna), desafiar a escuderia vencedora dos últimos mundiais de construtores (McLaren) e subjugar a organização de uma das mais famosas provas de resistência (24 Horas de Le Mans). Na verdade, Jean Balestre é presidente da FISA (Federação Internacional de Desporto Automóvel), da FIA (Federação Internacional Automóvel) e da FFSA (Federação Francesa de Desporto Automóvel) e, como presidente destes três organismos, Balestre garante o domínio total das competições internacionais de automobilismo. Logo, qualquer pessoa ligada à modalidade pode ser um alvo para o exercício do seu despotismo.

Depois de a FISA ter divulgado a lista de pilotos de Fórmula Um para o próximo campeonato do mundo, Balestre considerou necessário responder (em 1500 palavras) a uma carta de Ayrton Senna, com quem se envolvia numa espécie de conflito feudal para imposição da sua suserania.

Balestre tinha tanta pressa de chegar à opinião pública que nem perdeu tempo a escrever a carta à máquina, enviando cópias do próprio manuscrito para os jornais. O texto referia «a confusão de vários jornalistas que fazem numerosas extrapolações, às vezes incorrectas, sobre o assunto».

«Pessoaliza demasiado as coisas ao prejuízo do desporto automóvel e o «caso Ayrton Senna» é o exemplo mais recente deste tipo de acção», comentou o antigo piloto suíço de Fórmula Um, Marc Super.



Ayrton Senna, numa recente passagem pelo Estoril, com Humberto Coelho e Eusébio

Os jornalistas, que se atrevem a criticar o patrão da Fórmula Um nos seus artigos arriscam-se a ser censurados publicamente: e as conferências de Imprensa são o local escolhido por Balestre para agressões verbais e tiradas mordazes.

A polémica com a McLaren levou Balestre e o seu império às primeiras páginas dos jornais, numa sucessão de referências nem sempre lisonjeiras. «Estamos fartos. Desgostados com tudo isto. Balestre perdeu mais uma vez a oportunidade para demonstrar senso comum», comentou o jornal desportivo italiano «Gazzetta Dell Sport» após a guerra da atribuição da superlicença a Ayrton Senna.

«O presidente de uma Federação que tenta boicotar um campeonato do mundo e usa todos os meios para derrotar um dos principais praticantes da modalidade, comporta-se como um terrorista do desporto», afirmou também aquele jornal. No mesmo dia, o «Corriere Della Sera», comentou: «Foi uma comédia de erros. Uma rixa espectacular entre o pueril e o patético. Balestre não agiu sem razões, mas excedeu todos os li-

mites do bom senso».

Um comentador desportivo suíço aproveitou a oportunidade para ironizar sobre a mais recente guerra do patrão da Fórmula Um, afirmando: «É muito importante conhecer a opinião do presidente Balestre». Depois, em forma de citação, o jornalista reproduz as palavras do presidente da FISA: «Bla-bla, bla-bla, bla-bla, bla-bla», repetindo a frase 39 vezes.

Hóquei em patins

Portugueses sobre rodas nas competições europeias

Quatro das cinco equipas portuguesas que participam nas competições europeias de hóquei em patins, entraram em acção, disputando os encontros correspondentes à primeira «mão» da eliminatória inicial. O resultado global foi positivo, uma vez que na Taça dos Campeões, o FC Porto regressou de Monza com uma derrota tangencial (3-4) o que lhe assegura a manutenção da esperança na continuidade; na Taça CERS, o Benfica «cilindrou» os germânicos do Cronenberg por 6-1 sendo imprevisível que possa sofrer goleada na deslocação à RFA e o Barcelos foi a Nantes superar o seu antagonista, daquela cidade galega, pela contundente marca de 7-3; no que se refere à Oliveirense, regressou de Itália vergada ao peso de uma derrota pela diferença de de quatro golos (4-8) estando dificultada a missão na segunda «mão», mas a decisão ainda não é definitiva. O outro participante luso é o Paço de Arcos que apenas em 7 de Abril entrará em acção defrontando os franceses do Gazinet.

Entretanto prosseguiu o campeonato nacional com a realização dos quatro jogos que completaram a ronda n.º 16 tendo-se registado os seguintes desfechos: Sporting, 6 - Valongo, 4; Paço de Arcos, 4 - Parede, 3; Académica de Coimbra, 1 - Grundig, 5 e Benfica, 12 - Sp. Tomar, 0.

Andebol

ABC: taça por um golo



O ABC de Braga conquistou a Taça de Portugal em Andebol ao derrotar na final o Benfica, por 21-20, em encontro disputado no pavilhão Francisco Holanda, em Guimarães

Campeonatos nacionais

VOLEIBOL: após interrupção devido à realização do torneio internacional da RTP disputado em Espinho, o campeonato nacional retomou o seu ritmo com a realização da 4.ª jornada (penúltima da primeira volta da segunda fase) tendo registado os seguintes resultados: Sporting de Espinho, 0-Benfica, 3; Leixões, 3-Sporting, 0 e Grundig, 0-Académica de Espinho, 3.

A liderança da classificação pertence ao Benfica, Leixões e Académica de Espinho com 21 pontos, seguindo-se o Sporting com 20, Grundig (18), e Sp. Espinho, 16.

No sector feminino, os resultados foram os seguintes: Estrelas da Avenida, 3-Fluvial, 1; Leixões, 0-Boavista, 3 e Benfica, 3-CDUL, 0. Lideram; Estrelas e Benfica (21 pontos), seguindo-se o Leixões (20), CDUL (16) e Fluvial (15).

RÂGUEBI: disputou-se a 7.ª ronda do «nacional», com o CDUL a derrotar a Académica de Coimbra por 11-9 (muito curiosa a réplica da turma de Coimbra: no encontro mais importante da jornada. Outros resultados: Cascais, 32-Direito, 0 (para quando um triunfo dos «homens das leis») e Benfica-Belenenses. Curiosamente, a classificação é comandada por Cascais, CDUL e Benfica todos com 19 pontos (correspondentes a seis triunfos e uma derrota). Académica e Belenenses contam 11 pontos enquanto a turma de Direito tem os pontos correspondentes às derrotas averbadas (7).



AOS CONDUTORES

«As crianças devem ir sempre no banco da retaguarda dos automóveis, e ao saírem devem fazê-lo sempre do lado do passageiro.»

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

UNICAR

Comércio de Automóveis, Lda.

VIATURAS NOVAS E USADAS

Peças de origem



VIATURAS USADAS

CONDIÇÕES ESPECIAIS DE PAGAMENTO

Triumph Acclaim	1983
Renault 5 TX	1984
Renault 5 GTL (3P)	1985
Renault 5 GTL (5P)	1986
Renault 9 GTS	1986
Renault 11 TSE	1986
Renault 21 GTS	1988
Renault 21 RS	1988

Para peças de origem consulte-nos na R. do Telhal

SEDE: R. dos Condes, 37. Tel.: 32 75 23 • 32 75 27 • 32 85 44
Stand Novos: Pr. dos Restauradores, 46 (ABERTO AOS SÁBADOS)
Stand Usados e Loja Peças: R. do Telhal, 4-A - Tel. 32 78 21
Loja de Peças 2 • Pr. S. João Bosco, 21-B • Tel.: 60 46 50 / 2
Oficinas: R. Possidónio da Silva, 104 • Tel.: 60 73 06

RENAULT

COMPRE A PREÇOS DE 1989 PNEUS DE OCASIÃO 1750\$00

O MELHOR CLIENTE

VAMOS SORTEAR EM SETEMBRO UMA VIAGEM AO MÉXICO COM ESTADIA PAGA

PNEUS NOVOS NACIONAIS	RECONSTRUÍDOS INTERNACIONAL
145x10	3 900\$00
155x12	4 600\$00
175x70x12	5 800\$00
135x13	3 900\$00
145x13	4 500\$00
155x13	5 000\$00
165x13	5 500\$00
145x70x13	5 000\$00
155x70x13	5 600\$00
165x70x13	5 900\$00
175x70x13	6 400\$00
185x70x13	6 700\$00
145x14	5 000\$00
165x14	6 000\$00
175x14	6 500\$00
185x14	7 300\$00
185x14c	8 500\$00
195x14c	8 500\$00
195x70x14	11 000\$00
205x70x14	12 000\$00
650x16 10PR	10 298\$00
700x16 10PR	11 594\$00
750x16 10PR	13 313\$00

MONTAGEM GRÁTIS

SOMOS **PNEU REMODELADO** Tel. 947 28 72

Rua Cidade S. Salvador, ALSE, Bairro de Angola - CAMARATE

FILIAL 1 - BARRO - LOURES - Tel. 983 60 87

Fica à saída de Loures na Estrada para MALVEIRA

FILIAL 2 - TRAJÓCE - S. DOMINGOS DE RANA - Tel. 244 22 21

AGENDA

I Série N.º 53
Dia 5 de Março

DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Ministério das Finanças e da Administração Interna

Despacho Normativo n.º 17/90:
Torna extensivo aos tenentes da Polícia de Segurança Pública o disposto no Despacho Normativo n.º 78/82, de 20 Maio, bem como nos despachos posteriores que actualizaram os quantitativos das diuturnidades.

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações para o ano de 1989 no montante de 902 148 contos.

N.º 52
Dia 3 de Março

SUMÁRIO

Ministério das Finanças

Portaria n.º 170/90:
Adopta o ágio e o câmbio médio na liquidação de contribuições, impostos e taxas, a efectuar posteriormente à publicação desta portaria e que tenham por base o ouro ou moeda estrangeira.

Ministério do Emprego e da Segurança Social

Decreto-Lei n.º 72/90:
Aprova o Código das Associações Mutualistas.

PESSOAS & FACTOS

RESOFLEX soma e segue

Com pouco mais de três anos de existência, a RESOFLEX - Mobiliário e Equipamento de Gestão SA, sediada em Vilar (Vila do Conde), deteve, em 1989, uma cota de mercado de cerca de 11 por cento (faixa média e média alta) e de cerca de cinco por cento do mercado total nacional de mobiliário de escritório.

Sendo o nosso país ainda pobre em «design» de mobiliário, a RESOFLEX elegeu a Itália, com grande experiência no ramo, para campo de escolha de um «partner» adequado à sua filosofia. Após numerosos contactos com empresas da especialidade, a preferida foi a COM - Arrendamento per l'Ufficio, unidade com aproximadamente 100 anos de experiência no sector, com sede em Bolonha. Em 1986 iniciaram-se as importações e deu-se andamento ao fabrico de uma linha própria. Em 1987 foi o capital social que subiu de 15 mil para 45 mil contos e a RESOFLEX alienou 20 por cento do seu capital à sociedade italiana, que lhe cedeu tecnologia, licenças de fabrico e assistência técnica para a produção em Portugal de mobiliário COM.

A demonstrar o êxito da sua gestão, a RESOFLEX, com um capital social actual de 100 mil contos, encerrou as contas de 1989 com um volume de vendas de cerca de 550 mil contos, um acréscimo de 200 mil contos (cerca de 57 por cento) relativamente ao volume facturado em 1988.

Um Meridien em Chicago

A Cadeia Meridien abriu uma nova unidade de luxo no centro dos Estados Unidos da América, na cidade de Chicago. Trata-se de um novo hotel, construído em 1988 e inicialmente explorado por uma cadeia hoteleira alemã, composto por 247 quartos e situado na zona residencial.

Com uma estrutura semelhante ao Meridien Porto, o Hotel possui restaurante, bar, coffee-shop e sete salas de conferência. É a décima unidade hoteleira da Cadeia Meridien no Continente Norte Americano.

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte: - Períodos de céu muito nublado e vento moderado de Leste.

Regiões do Centro e Sul: - Céu geralmente muito nublado e vento moderado de Leste, soprando por vezes forte e com rajadas. Aguaceiros que serão de neve na Serra da Estrela e possibilidade de trovoadas.

Mar cavado a grosso com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros na Costa Ocidental e ondulação Sueste de 4 metros na Costa Sul.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado e vento moderado de Noroeste, soprando por vezes com rajadas. Aguaceiros especialmente nas vertentes voltadas a Norte. Possibilidade de trovoadas.

Mar cavado a grosso com ondulação Nordeste de 3 metros na Costa Norte e de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal, Períodos de céu muito nublado. Vento fraco e aguaceiros pouco frequentes.

AÇORES

Em todos os grupos: - Céu geralmente muito nublado e vento moderado de Nordeste.

Mar cavado a grosso com ondulação Nordeste de 2 a 4 metros.

Amanhã

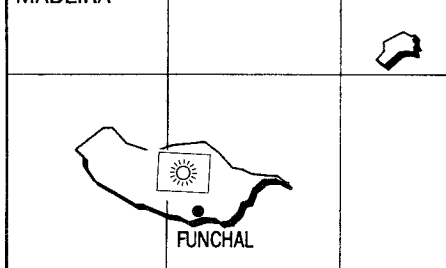
No Continente:
Períodos de céu muito nublado e vento fraco a moderado do quadrante Leste. Aguaceiros pouco frequentes nas regiões do Centro e Sul. Subida da temperatura.

Depois

No continente:
Períodos de céu muito nublado e vento geralmente fraco. Formação de geada.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

MADEIRA



	Céu limpo
	Céu pouco nublado
	Céu muito nublado
	Chuva
	Trovoada
	Neve
	Vento
	Mar calmo
	Mar encrespado

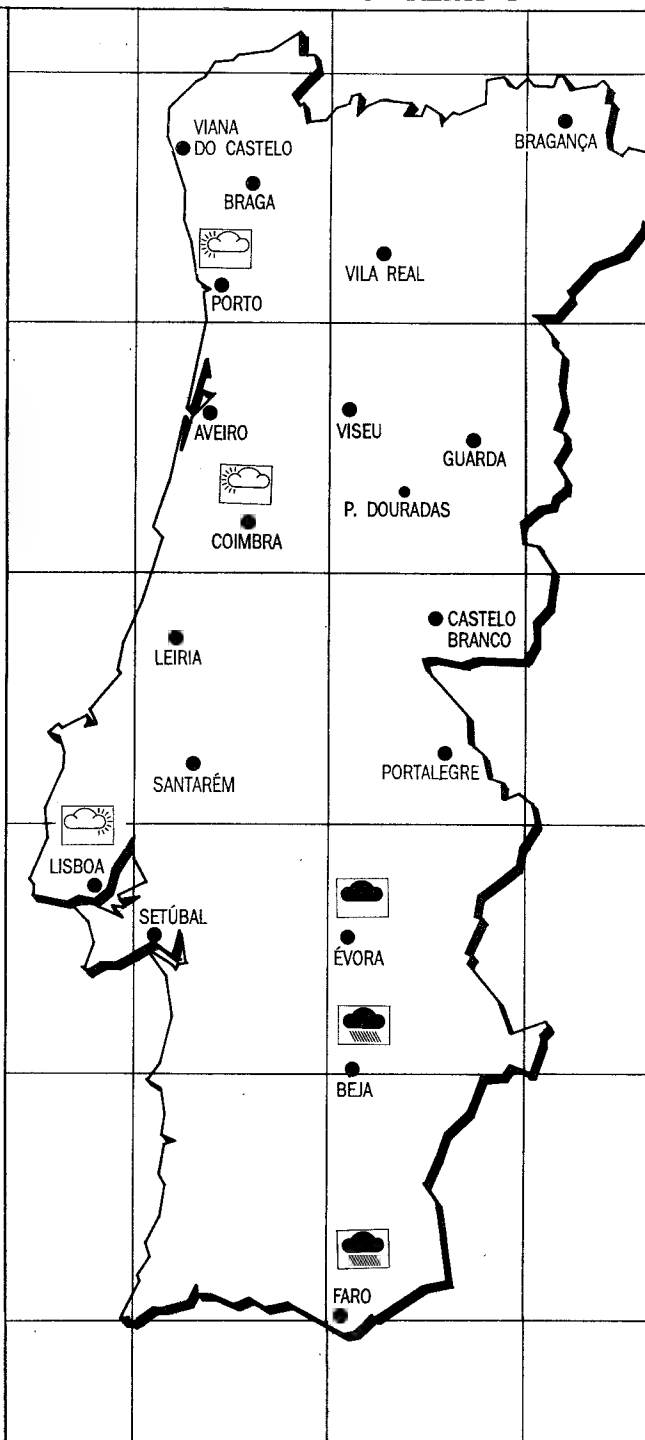
M A R É S

Hoje

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
09.55 2,9m	03.13 1,5m
22.36 3,1m	15.48 1,6m

Amanhã

11.30 2,9m	04.59 1,4m
23.58 3,2m	17.21 1,5m



PORTUGAL

Min. T. 6 h Às 18 h.

Bragança.....	3	3	P. nub.
V. Castelo.....	12	12	M. nub.
Vila Real.....	6	6	P. nub.
Porto.....	10	10	P. nub.
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	9	12	Encoberto
C. Carvoeiro.....	10	11	Encoberto
C. Branco.....	7	7	Encoberto
Portalegre.....	6	6	Chuva
Lisboa.....	10	10	Encoberto
Évora.....	7	7	M. nub.
Beja.....	8	8	Ag. Fortes
Sines.....	9	11	M. nub.
Faro.....	11	11	Chuva
Sagres.....	13	14	Chuva
P. Delgada.....	11	12	M. nub.
Horta.....	10	11	P. nub.
Funchal.....	12	13	Limpo

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 14; Porto, 16; Faro, 17; P. Delgada, 16; Funchal, 17.

EUROPA

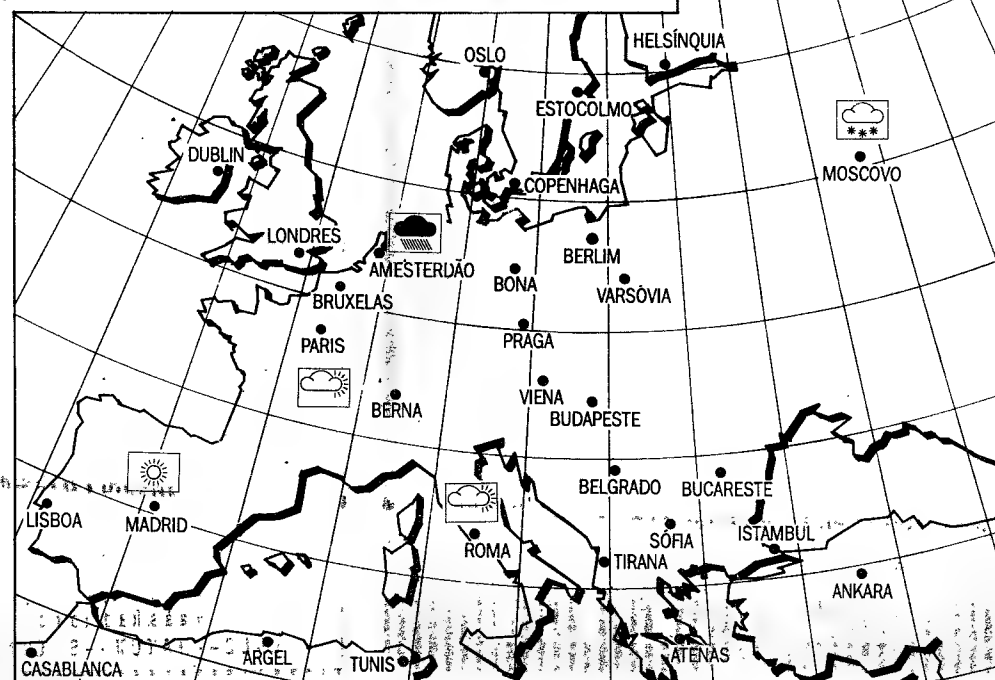
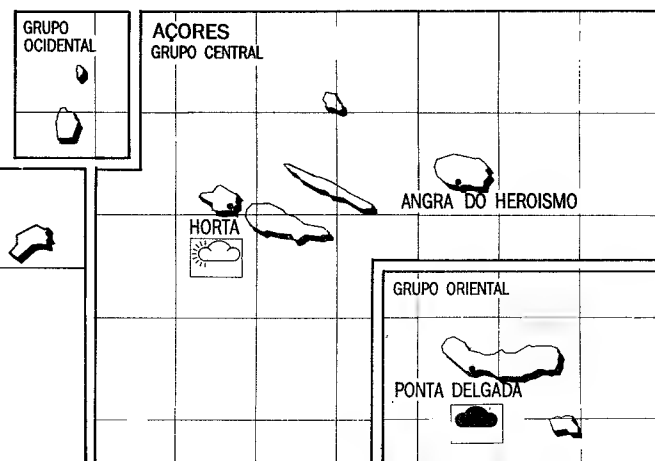
Min. T. 6 h Às 18 h

Madrid.....	2	2	Limpo
Londres.....	6	7	Encoberto
Paris.....	-1	0	P. nub.
Bruxelas.....	5	5	M. nub.
Amesterdão.....	7	8	M. nub.
Genebra.....	-3	-2	Limpo
Roma.....	0	0	P. nub.
Oslo.....	4	4	M. nub.
Copenhaga.....	3	6	M. nub.
Estocolmo.....	0	3	M. nub.
Berlim.....	5	6	Chuva
Viena.....	5	5	M. nub.
Varsóvia.....	4	4	M. nub.
Atenas.....	4	6	M. nub.
Moscovo.....	-5	-2	Neve

MUNDO

Min. Máx. Às 13 h

Chicago.....	-6	3	P. nub.
Houston.....	10	22	Nevoeiro
Los Angeles.....	12	16	Aguaceiros
Montreal.....	-18	-10	Limpo
Nova Iorque.....	-5	3	Limpo
S. Francisco.....	13	17	Aguaceiros
Toronto.....	-14	-7	Limpo
Vancouver.....	4	9	Aguaceiros
Washington.....	-5	5	Limpo
Hong Kong.....	14	17	Aguaceiros
Melbourne.....	15	26	Limpo
Pequim.....	-2	7	Nebulina
Perth.....	21	18	Aguaceiros
Singapura.....	24	32	Limpo
Sydney.....	20	28	Limpo
Tóquio.....	3	9	Aguaceiros
Wellington.....	13	23	Limpo



AGENDA

FARMÁCIAS
LISBOA
SERVIÇO
PERMANENTE

Alvalade: Zil, Av. da Igreja, 9-D, Tel. 891780; **Bairro Alto:** Azevedo Irmão & Veiga, Rua da Misericórdia, 24, Tel. 323540; **Sapadores:** Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21-A, Tel. 832580; **Benfica - Cemitério:** Simões, Calçada do Tojal, 102-A, Tel. 749649; **Calvário - Alcântara:** Calvário, Rua José Dias Coelho, 4, Tel. 3631635; **Campo Ourique - Prazeres:** Ourique, Rua Freitas Gazu, 32-B, Tel. 671667; **Campolide:** Central Campolide, Rua General Taborda, 17, Tel. 680304; **Estefânia:** Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90, Tel. 544438; **Lumiar:** Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B, Tel. 7590942; **Marquês Pombal - Picoas:** Correia Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21 B-C, Tel. 547385; **Olivais Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris, Lote 534, Tel. 333696; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Brandosa - Amadora:** Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 995338; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Varela, Av. Moscavide, 44-B, Tel. 2518520; **Odiveiras - Quinta do Mendes:** Almeida, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, Lote 110, Tel. 9324242; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912.

REFORÇO

Almirante Gago Coutinho:

Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **Prolongamento Rua M.ª Andrade:** Renascença, Rua Damasceno Monteiro, 104 A-B (Anjos), Tel. 831504; **Avenidas Novas:** Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20-22, Tel. 560223; **Encarnação:** Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; **Hospital Capuchos:** Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A, Tel. 572076; **Mercado do Chile:** Alalis, Rua Carvalho Araújo, 46-B, Tel. 8141708; **Penha de França:** Dimar, Rua Conde Monsarraz, 17-B, Tel. 8142533; **Rato:** Soares, Av. Álvares Cabral, 1, Tel. 684282; **Restelo - Av. Vasco Gama - Algés:** Ocidental, Rua D. Jerónimo Osório, 18-D, Tel. 610256; **Santos:** S.A.E. Silva Filhos, Rua São João da Mata, 72-74, Tel. 661010; **São Domingos Benfita:** Vitex, Estrada de Benfita, 373-B, Tel. 780548; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA
DE CASCAIS

Algés: Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64, Tel. 2112070. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duarte, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Al-**

cabideche: Carvalho, B.ª Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Central, R. Conde Ferreira, 29, Tel. 4430058. Permanente; **Parede:** Do Junqueiro, R. Luanda, Lote 5, Tel. 2477838. Permanente; **Murtal:** Primavera, R. das Parreiras, 2, Tel. 2472278. Até às 22 h; **Sas-soeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Ostende, R. Espinho, 1, Tel. 260391. Até às 22 h; **Cascais:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tel. 280214. Permanente.

LINHA
DE SINTRA

Amadora: Heleno, R. Lote C - Reboleira Sul, Tel. 964476. Permanente; **Carlos, R. Sebastião Gama, 28-B - Casal S. Brás.** Até às 22 h; **Clabel, R. Ant.ª Sardinha, 23-D, Tel.**

4938551. Até às 22 h; **Queluz:** Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51, Tel. 4350123. Permanente; **Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo,** Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Araújo e Sá, Est. Paço de Arcos, Lote 1-B, Tel. 9240781. Permanente; **Algueirão:** Vítor Manuel, Est. Algueirão, 123, Tel. 9217814. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 25, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Sintra:** Misericórdia, Vila Pendoa, Tel. 9231070. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Permanente.

OUTRA
BANDA

Almada: Pragal, R. Direita, 58, Tel. 2767126. Permanente; **Cova da Piedade:** J. Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62, Tel. 2750121. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Feijó:** Feijó, R. Borges Rego, 7, Tel. 2290911. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Mascarenhas Neto, R. D. Francisca Azambuja, Tel. 2074446. Permanente; **Baixa da Banheira:** Cardoso, R. Liberdade, 59, Tel. 2041044. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso, B.ª Cidade Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h; **Cruz de Pau:** Duarte Ramos, R. Bafatá, 11 - Loja 30 - Centro Belsul, Tel. 2243143.

HÁ 20 ANOS

O direito dos portugueses à habitação

«O problema da habitação não pode ser encarado se não como integrante de um vasto conjunto de questões. Ele está, por exemplo, intimamente ligado ao problema da distribuição dos rendimentos». Esta declaração resume a intervenção do eng. Bruto da Costa, num debate ontem realizado no Colégio do Sagrado Coração de Maria, por iniciativa da Paróquia de Arroios. O debate obedecia ao tema «Consciência Cristã e Direito à Habitação».

Tumultos em Porto Rico

Foi morta a tiro uma jovem de 19 anos e ficaram feridas, pelo menos, mais 55 pessoas ao registarem-se, durante a noite, desordens e casos de fogo posto na capital de Porto Rico (S. João de Porto Rico). As desordens foram iniciadas por raparigas do movimento a favor da independência. A Polícia de Choque dispersou os manifestantes nos terrenos da Universidade.

Ladrão de automóveis condenado a choques...

Um ladrão de automóveis foi condenado a três choques eléctricos por dia durante seis meses, em Bradford, Inglaterra - pena e tratamento com que se pretende curar a sua mania de roubar carros. Vai ser internado num hospital para fazer tratamento, devendo dar um choque a si mesmo, com uma máquina especial, sempre que pensar em roubar carros...

EFEMÉRIDES
1946

• Sir Winston Churchill, primeiro-ministro britânico, adverte o Ocidente de que os soviéticos fizeram descer sobre a Europa uma «cortina de ferro» e chama a atenção para a política expansionista da URSS.

1953

• Aos 73 anos, e depois de 29 no poder, morre, em Moscovo, Jose Estaline, primeiro-ministro soviético, sucedendo-lhe Georgi Malenkov.

1970

• Entra em vigor o tratado de não-proliferação nuclear, depois de ratificado por 43 países.

1975

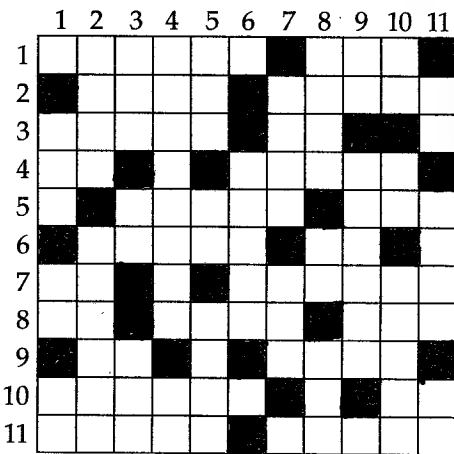
• Comandos árabes desembarcam numa praia perto de Telavive, abrem caminho a tiro até um hotel e capturam 40 reféns.

1984

• O primeiro-ministro Mário Soares reúne-se, durante 35 minutos, com o Papa, tendo o Vaticano, após o encontro, emitido um comunicado no qual João Paulo II manifesta desagrado por alguns aspectos da lei de despenalização do aborto, aprovada em Janeiro pelo Parlamento Português.

1986

• No início da vigésima edição do Rali de Portugal, na etapa da Lagoa Azul, regista-se um despiste, com o Ford RS200 de Joaquim Santos, que provoca três mortos e 33 feridos entre a assistência colocada na bermã da estrada. É o primeiro desastre do género no até então considerado o melhor rali do mundo.

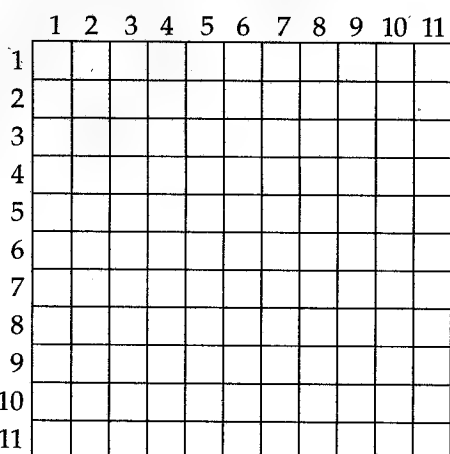
PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 17 870
HORIZONTAIS:

- 1 - Consciência. Conceder.
- 2 - Cidade do Chile. Cobre de nata.
- 3 - Deus dos pastores. Sufixo que designa abundância. Estimem.
- 4 - Frâncio (s.q.). Rio dos Estados Unidos.
- 5 - Angústia.
- 6 - Manto real. O mesmo que alumiar.
- 7 - Letra grega. Note bem (abrev.). Homem em inglês.
- 8 - Andares de rastos.
- 9 - Uma das partes do Mundo.
- 10 - Classe de tropa. Alvóolo do favo.
- 11 - Dás oiro a. Pronome reflexo. Alternativa.

VERTICAIS:

- 1 - Cidade da Numídia. Cobarde.
- 2 - Agora. Romance de Eça de Queirós.
- 3 - Zomba. Força Aérea Brasileira (abrev.). Fechar as asas para descer mais depressa.
- 4 - Escravizara (fig.).
- 5 - Cabelos brancos. Berilo (s.q.). Manuscrito.
- 6 - Ilha de coral que forma um anel mais ou menos contínuo. Batráquio semelhante à rã mas de maior tamanho e de dorso escuro e comestível.
- 7 - Preposição e artigo (inv.). Tomar rumo ou direcção.
- 8 - Recusa. Granjeia.
- 9 - Mulher nobre. Fútil.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.


PROBLEMA N.º 16 680
HORIZONTAIS:

- 1 - Cidade dos Estados Unidos.
- 2 - Inflamam. Invulgares.
- 3 - Manteiga fresca na Índia. Estimam.
- 4 - Carta de jogar. Nome científico do pato.
- 5 - Pesarosa.
- 6 - Tornar brilhante (fig.). Ilha de coral que forma um anel mais ou menos contínuo.
- 7 - Espádua. Abreviatura de radiano, unidade de ângulo. Líquido que se separa do leite e do sangue depois de coagulados.
- 8 - Rachais. Figura que simboliza o povo americano.
- 9 - Prefixo de negação. Verbais.
- 10 - Nome de mulher. Espécie de andorinha.
- 11 - Peneirar. Preposição.

VERTICAIS:

- 1 - Cidade de Espanha.
- 2 - Sufixo que designa pequenez. De Roma.
- 3 - Decoração teatral (pl.). Batráquio.
- 4 - Palavra alemã que significa imperador. Filtras.
- 5 - Consentimento. Estacar.
- 6 - Destruía.
- 7 - Larva das feridas dos animais. Fechar as asas para descer mais depressa.
- 8 - Latadas. Nota musical.
- 9 - Pequenos grãos. Rénio (s.q.).
- 10 - Antiga Porcalhota. Antes do meio-dia.
- 11 - Césio (s.q.). Filho e sucessor de David e rei de Israel de 970 a 731 a.C.

SOLUÇÃO
DO PROBLEMA N.º 17 869

HORIZONTAIS: 1 - PARA. QUEM. 2 - Eleva. Burra. 3 - Distrat. At. 4 - Bara. Asma. 5 - Acode. Telas. 6 - Cegou. Arbi. 7 - Ará. Aa. 8 - Laos. Assino. 9 - Aca. Dar. 10 - Amolavam. 11 - Urraram. As. VERTICAIS: 1 - É. BACALHAU. 2 - Acera. 3 - Pedrogão. Ar. 4 - Aviado. Sama. 5 - Ras. Eu. Cor. 6 - Ta! Caala. 7 - BASTA. Am. 8 - Quimeras. 9 - Ur. Albaida. 10 - Era. Ai. Nama. 11 - Matas. Dor.

SOLUÇÃO
DO PROBLEMA N.º 16 679

HORIZONTAIS: 1 - Urumtsi. Ufa. 2 - Tiro. Alar. 3 - Roas. Mor. Ca. 4 - Nacarados. 5 - Arados. 6 - Hf. Arco. Mel. 7 - Tarata. Vire. 8 - Romano. Nas. 9 - Uta. Ode. Ama. 10 - Lo. Atar. 11 - Usara. Amada. VERTICAIS: 1 - Utrecht. Ulu. 2 - Rio. Fartos. 3 - Urano. Roa. 4 - Mosa. Aam. Pr. 5 - Cartão. 6 - Samarcanda. 7 - Ilorão. Oeta. 8 - Arad. Am. 9 - Ur. Dominara. 10 - Coseram. 11 - Asas. Lesara.

PROVÉRBIO:
PARA QUEM
É, BACALHAU
BASTA.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB

Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496

CORAÇÕES DE AÇO

Filme de Brian de Palma, c/Michael J. Fox e Sean Penn

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 1

NASCIDO A 4 DE JULHO

Filme de Oliver Stone

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2

QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS

Maiores de 6 anos

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3

OS FABULOSOS IRMÃOS

BAKER

Filme de Steve Kloves

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4

CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Filme de Peter Weir c/Robin Williams

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa

Tel. 691275

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2

OS DEUSES DEVEM ESTAR

LOUCOS II

Maiores de 6 anos

Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 4

QUERIDA EU ENCOLHI

OS MIÚDOS

Maiores de 6 anos

Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5

CORAÇÕES DE AÇO

Maiores de 16 anos

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6

OS FABULOSOS IRMÃOS

BAKER

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas

AMOREIRAS 7

ASSASSINATO

SOB CUSTÓDIA

Maiores de 12 anos

Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8

NEGÓCIO DE FAMÍLIA

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 9

VALMONT

Filme de qualidade de Milos

Forman, c/Colin Firth e

Annette Bening

Maiores de 16 anos

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10

CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A

Tel. 763319

CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10

Tel. 776098

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos

Sessões às 15.00, 18.00, 21.30 horas

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15

Tel. 324194

CAÇA GROSSA

Filme de Abel Ferrara

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO

Parque Mayer

LISA, SEXO FATAL

Hard-core-1º escalão (porno)

Maiores de 18 anos

Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27

Tel. 573407

FUROR SEXUAL

DE VANESSA

Hard-core-1º escalão (porno)

Maiores de 18 anos.

Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30.

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37

Tel. 533253

CORAÇÕES DE AÇO

Maiores de 16 anos.

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

VIVER E MORRER

EM LOS ANGELES

Maiores de 18 anos

Às 24.00 horas.

CINE PORTELA

ESTÚDIO SHEZA

Telefone 9434762

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos

Sessões às 15.15 e 21.15 horas

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - Telef.

546085

VIOLÊNCIA E PAIXÃO

Filme de Luchino Visconti, às

18.30 horas.

INTRIGA EM FAMÍLIA

Filme de Alfred Hitchcock, às

21.30 horas.

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34

Tel. 549999

NOVE SEMANAS E MEIA

Filme de Adrian Lyne

Maires de 16 anos

Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.



QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO?

PUB

Em exibição

SALA 4

Quarteto

M/16 anos

CONDES

Av. da Liberdade, 2

Tel. 322523

NAGÓCIO DE FAMÍLIA

Filme de Sidney Lumet

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

ESTÚDIO

Alameda D. Afonso Henriques,

35

Tel. 555134

OS DEUSES DEVEM ESTAR

LOUCOS II

Maiores de 6 anos

Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F

Tel. 8487255

DOIS DETECTIVES

EM APUROS!

Com Lorin Dreyfuss

Maiores de 12 anos

Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1

Estrada de Benfica 503

Tel. 7145088

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2

NAGÓCIO DE FAMÍLIA

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

QUERIDA EU ENCOLHI

OS MIÚDOS

Maiores de 6 anos

Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo

Tel. 541037

AUDITÓRIO 1

O BANDO DAS QUATRO

Filme de Jacques Rivette

Maiores de 12 anos

Sessões às 13.00, 15.45, 18.30 e 21.30 horas.

FORUM PICOAS

AUDITÓRIO 2

O PROCESSO DO REI

Filme de qualidade de João

Mário Grilo

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO

Alameda D. Afonso Henriques

Tel. 555134

NASCIDO A 4 DE JULHO

Maiores de 16 anos

Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes

Tel. 8480808

CORAÇÕES DE AÇO

Maiores de 16 anos

Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1

Rua Bulhão Pato, 1-C

Tel. 8480808

QUERIDA EU ENCOLHI

OS MIÚDOS

Maiores de 6 anos

Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2

CLUBE

DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3

VEREDICTO FINAL

Maiores de 16 anos

Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara

Tel. 3631162

VALMONT

Filme de qualidade de Milos

Forman, c/Colin Firth e

Annette Bening

Maiores de 16 anos

Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.



"O Bando das Quatro", em exibição no Auditório 1 do Forum Picoas

CONVOCATÓRIA

SOCIEDADE COOPERATIVA DOS CATRAEIROS DO PORTO DE LISBOA

Ao abrigo do n.º 1 do Artigo 34.º dos nossos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária da Sociedade Cooperativa dos Catraeiros do Porto de Lisboa, Cooperativa de Responsabilidade Limitada, para as 18 horas do dia 23 de Março de 1990, na Sede Social — Av. 24 de Julho, 96-1.º em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º Discussão ou modificação e aprovação do Relatório de Contas, referente ao ano de 1989.
- 2.º Informação aos Cooperantes a prestar pela Direcção.
- 3.º Eleição dos Corpos Gerentes para o ano de 1990.

Se à hora indicada não houver quorum, será a mesma iniciada uma hora depois com qualquer número de Cooperantes.

Lisboa, 02 de Março de 1990

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Assinatura ilegível

LAS VEGAS 2

OS FABULOSOS IRMÃOS

BACKER

Maiores de 12 anos

Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES

Av. de Roma, 7-A

Tel. 801313

VALMONT

Filme de qualidade de Milos

Forman, c/Colin Firth e

Annette Bening

Maiores de 16 anos

Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão

Tel. 538743

CARTAZ

Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2

NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA

R. Portas de S.º Antão
Telef. 326305
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
ARIEL

Filme de Aki Kaurismaki
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 16.45, 18.30, 20.15, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2

CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3

UM MUNDO À PARTE
Filme de Chris Menges, c/ Barbara Hershey
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

QUARTETO 4

QUE FIZ EU PARA MERECE-LO?
Filme de Pedro Almodovar
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00 e 22.00 horas.

SÃO JORGE 1

Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 2

CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

SÃO JORGE 3

QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

7ª ARTE

Av. da República

Telef. 730715
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

TERMINAL

Estação do Rossio
Telef. 371573
GENTE GIRA É OUTRA COISA
Maiores de 6 anos
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30 horas.

TURIM

Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
OS REIS DA NOITE
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 17.30 e 21.30 horas.

XENON

Av. da Liberdade, 9
Telef. 3468446
SHOKER-CEM MIL VOLTS DE TERROR
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

CACÉM

ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
SANGUE E ARENA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas.

QUELUZ

KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas.

SALA 2

O VELHO GRINGO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30 horas.

SALA 3

CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45 horas.

CASCAIS

OEIRAS ALTO DA BARRA 1
Av. das Descobertas - Telef.

4439759
VALMONT
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

ALTO DA BARRA 2 CORRUPÇÃO NA CIDADE
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144

BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2 NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653

QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS

MIRAMAR 1
Telef. 2841744
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

MIRAMAR 2

CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD

Avb. 25 de Abril - Telef. 2865027
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 16.00 e 21.30 horas.

ALMADA

ALMADA ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
NASCIDO A 4 DE JULHO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA CINEMA PESCADOR
Telef. 2905350
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 21.45 horas.

TEATRO

LISBOA

TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
Sala 1 às 21.30 horas
A PECORA
De Natália Correia.

INFANTIL

TEATRO DA MALAPOSTA

R. Angola - Olival Basto - Odivelas
Telef. 9873299
De 2ª a 6ª às 11.00 e 15.00 horas
A TARANTELA VERMELHA
De Salvatore Cuffaro

EXPOSIÇÕES

LISBOA

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA (R. das Janelas Verdes): a exposição "Arte Namban - os portugueses no Japão"
MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (Jerónimos): de terça a domingo, das 10 às 12,30 e das 14 às 17, uma exposição permanente que integra centenas de milhares de peças, entre as quais um conjunto pré-histórico de 300 peças de ouro.
MUSEU NACIONAL DO TEATRO: até 27 de Março (Dia Mundial do Teatro), "Amália, 50 Anos" com entrada gratuita aos domingos de manhã.

Argentina, Brasil e Chile; nas galerias do Centro de Arte Moderna, a exposição "Panorama da Cerâmica Espanhola Contemporânea" e "Página Dupla" de Raymundo Sesma.
ALFA MIXTA (Escolas Geras, 34): até 17 de Março, de terça a sábado das 14 às 20, "Amanhecer da Memória" - pintura de Maria João Franco.
ALFAMA-GALERIA DE ARTE (R. das Flores, 109): "Seis Pintores do Realismo Fantástico Epanhol" - Francisco Abuja, Manuel Alcorlo, López Herrera, Santiago Morato, Ricardo Zamorano.
ARTEFACTO 3 (Tv. Água da Flor, 37-Bairro Alto): desenhos e joias de cinco artistas americanos - Eva Eisler, Lisa Spiros, John Iversen, Pavel Opocensky e Thomas Gentile.
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ARTE FOTOGRÁFICA (R. das Chagas, 17-2ª Dt.): até 30 de Março, às terças e sextas das 18.30 às 22.30, a

14 e das 15 às 19,30 e aos sábados das 9,30 às 13 e das 15 às 19,30, Pintura de Gila, Desenho de Cristina Basto e Fotografia de Inês Gil.
GALERIA 111 (Campo Grande, 111): até 10 de Março, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19,30 e sábados das 10 às 13 horas, Pintura de Graça Morais.
GALERIA ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): Pintura de Maria João.
GALERIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): até 24 de Março, Pintura de Luís Alves da Costa e Design Gráfico de Vítor Almeida.
GALERIA CÓMICOS (R. Tenente Raul Cascais, 1-B): até 24 de Março, a 1ª Parte da exposição «Je Est Un Autre» de Rimbaud.
GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 18 de Março, «Poli-tics» - fotografia instalação de Judite dos Santos.
GALERIA DITEC (Av. da Igreja, 46-A): até 17 de Março, de segunda a sábado das 10 às 13 e das 14.30 às 19.30, pintura naïf de Frederico Basto.
GALERIA DN (R. António Maria Cardoso, 41): até 9 de Março, de segunda a sexta das 10 às 19 e sábados das 9 às 13, pintura e desenho de António Fernando, «Personagens no Atelier».
GALERIA ESCOLA "CONTACTO DIRECTO" (R. Marcos Portugal, 65): até 9 de Março, «Joias Figurativas» de George Wilhelm, U.S.A.
GALERIA ESPIRAL (Pª Ilha do Faial, 14 A): pintura de Luísa Costa Cabral.
GALERIA GRAÇA FONSECA (R. da Emenda, 26 c/v): de terça a sábado das 15 às 20, exposição de E. Cano e P. Feliciano.
GALERIA JOÃO HOGAN (R. Voz do Operário, 13): até 23 de Março, «Manchas» de João Soares Santos
GALERIA LEO (Tv. da Queimada, 48-Bairro Alto): até 16 de Março, a exposição comemorativa de "Dez Anos de Actividade", com uma selecção de obras significativas de algumas exposições que se efectuaram durante a existência da galeria.
GALERIA MERIDIEN LISBOA (FOYER): até 19 de Março, pintura de Pantoja Rojão.
GALERIA MÓDULO (Cª dos Mestres, 34-A): até 13 de Março, desenhos de Marta Wengorovius e escultura de Baltazar Torres.
GALERIA MOIRA (R. Nova da Piedade, 33): até 10 de Março, pintura de CELEIRO
DA PATRIARCAL (Vila Franca de Xira): a exposição comemorativa dos 50 de "Gaibemus" organizada pela Comissão Nacional para as Comemorações dos 50 anos do livro de Alves Redol, Câmara Municipal de V. F. de Xira e Fundação Gulbenkian.



Na Galeria da Livraria Barata, Pintura de Luís Alves da Costa

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até Abril, as exposições "A Lançadeira - tecelãs de Cachopo", "Tramas e Sortilégios" de Teresa Segurado Pavão, "Bonecas com Traje da Índia" e "Joias" de Ana Campos; em exposição permanente "Técnicas de Fiação e Tecelagem"; e ainda "A s Bandeiras do Mês"
BIBLIOTECA NACIONAL: até 10 de Março, a exposição de desenho "Retratos", de Miguel Pereira Coutinho. Exposição de Francisco Rocha.
GULBENKIAN (Galerias das Exposições Temporárias): organizada pelo Museu Stedelijk de Amsterdão em colaboração com a Fundação Gulbenkian, uma exposição de Pintura, Escultura e Fotografia do Uruguai,

exposição «Portfólio FIAP», com um conjunto de fotos de autores internacionais, reconhecidos pela Fédération Internationale de l'Art Photographique.
CASA DO ALENTEJO (R. das Portas de Santo Antão, 58): até 11 de Março, pintura de Henrique Mendes.
CASA DO CONCELHO DO SABUGAL (Av. Almirante Reis, 256-2ª-Eq.): até 16 de Março, pintura de J. Leitão Baptista.
ESCOLA ANTÓNIO ARROIO (sala de exposições): até 14 de Março, fotografia recente de Paulo Figueiredo e José Rodrigues, respectivamente subordinadas aos títulos «O Desvio Padrão» e Volume X».
ESPAÇO INTERNI (R. Rodrigo da Fonseca, 51): até 10 de Março, de segunda a sexta das 10 às

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
2.ª FEIRA A SÁBADO - 21.30
★ DOMINGO, 17H ★ FOLGA - 4.ª FEIRA
TEXTO NATÁLIA CORREIA
ENCENAÇÃO JOÃO MOTA
MÚSICA JOSE MARIO BRANCO
A PECORA
«AUTO DA PAIXÃO DE SANTA MELÂNIA»
APOIOS: PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE • FRAC • GABELEIRAS CITY • RÁDIO COMERCIAL • ANTENA 90
PRACA DE ESPANHA T. 726 08 18
Subsidio - Secretaria do Estado do Culturo - Fundação Gulbenkian

SNOOPY POR SCHULZ



HOJE

RTP-1

- 16.40 - HOSPITAL CENTRAL
118º episódio
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
86º episódio
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
62º episódio
21.10 - CLUBE DOS SUBSCRITORES
21.40 - CASINO ROYAL

7º programa: Celeste, «a bem dizer», está muito confusa: quando o marido, o exuberante senhor Royal, lhe pergunta até que ponto foi a sua relação com Hitler, a jovem mãe de Ivette Carina não sabe dizer lá muito bem o que é que, realmente, se passou. Uma coisa é certa: para Celeste, Hitler é o homem mais «sexy» do mundo. Por falar em Ivette Carina: como é que a herdeira do Casino Royal escapará ao enforcamento? Entre este suspense todo, os clientes do Casino divertem-



Mais um episódio de «Estrada 66», um Clássico da TV no 2º canal às 19.40



«Casino Royal» de volta às 21.40, no 1º Canal

se e ouvem as bonitas melodias dos anos 40, desta vez interpretadas por Carlos Guilherme.

- 22.50 - QUASE ADULTOS
23.40 - 24 HORAS
00.11 - REMATE
Inclui o Rally de Portugal

RTP-2

- 16.55 - OS CINCO
17.20 - HISTÓRIA DOS INSTRUMENTOS MÚSICAIS
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA

53º episódio

- 18.25 - O IRMÃO MAIS VELHO
Um filme de John Herzfeld, com Scott Baio e Largo Woodruff. Cor. Duração 50 minutos.
19.05 - DESENHOS ANIMADOS
19.40 - CLÁSSICOS NA TV
13º episódio de «Estrada 66»
20.30 - ELOGIO DA LEITURA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - RALLY DE PORTUGAL
22.00 - SAMUEL BECKETT
Um filme mudo deste dramaturgo, com a participação de actores como Buster Keaton, Neil Harrison, James Karen e Susan Red, realizado em 1965

por Alan Schneider.
22.20 - TEATRO ESTRANGEIRO
«O Último Registo», um monólogo escrito por Beckett em 1960 e adaptado para a televisão
23.15 - LARRY CARLTON
Antigo líder dos «Crusaders», é um dos músicos de estúdio mais conhecidos nos Estados Unidos, nomeadamente por ter composto a banda sonora da série televisiva «Hill Street Blues», que lhe valeu um prémio Grammy.

ALBA

ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

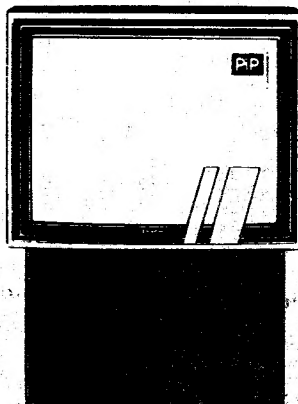
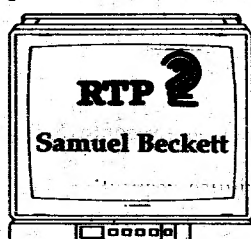
- 09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - O MUNDO ANIMAL
13.55 - VILA FAIA
14.55 - RALLY DE PORTUGAL
16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.40 - RUA SÉSAMO
19.05 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.15 - PRIMEIRA PÁGINA
22.15 - CRÓNICA DO CRIME
23.05 - 24 HORAS
23.35 - REMATE
Inclui o Rally de Portugal

RTP-2

- 14.31 - TELEMERCADO
15.00 - FILHOS E FILHAS
15.25 - AGORA ESCOLHA
16.55 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
17.20 - HISTÓRIA DOS INSTRUMENTOS MÚSICAIS
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.30 - DESENHOS ANIMADOS
18.50 - ESPECIAL DESPORTO
Futebol: Anderlecht-Admira
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - RALLY DE PORTUGAL
21.50 - CINE MAGAZINE
22.15 - CINEMADOIS

BLAUPUNKT

Seleccionou para si...



● **BLAUPUNKT**
Grupo BOSCH

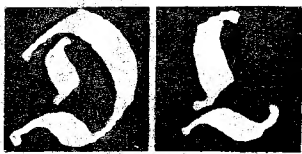
Um pequeno ponto faz a diferença

CLÍNICA
MÉDICO-DENTÁRIA REPÚBLICA
(Doenças da boca e dentes)

- Assistência exclusivamente médica
- Urgências sem marcação
- Odontopediatria (Tratamentos dentários para crianças)
- Preços acessíveis

ACORDO COM A ADSE

- Av. República N.º 99 - 5.º Esq. (ao Campo Pequeno) - Tel. 76 05 69
- R. de Arroios N.º 58 - 1.º Esq. (aos Anjos) - Tel. 57 58 61



«Cavaco Silva prefere perder por falta de comparência no campo das presidenciais, a correr o risco de vir a prejudicar o jogo decisivo no campo das legislativas»

Basílio Horta, «Expresso», 03.03.90

A PERGUNTA DO DIA



Cardoso Ribeiro
Comissão Organizadora do Partido da Solidariedade Nacional

Para lutar por melhores condições de vida para os reformados é preciso formar um partido?

«Os aposentados, reformados e pensionistas não têm qualquer poder reivindicativo. A maioria dos dois milhões e trezentos mil reformados sente a imperiosa necessidade de formação de um partido que os defenda, pois embora algumas promessas tenham sido efectuadas sempre que estamos em vésperas de eleições, elas nunca foram cumpridas.

Se até agora pouco ou nada foi feito para debelar situações críticas, como muitas das que nos foram apresentadas em reunião de delegados do PSN (em formação), efectuada em Janeiro, parece-nos que os reformados só terão a possibilidade de melhorar as suas condições de vida, quando tiverem na Assembleia da República um grupo de deputados que sem opostos interesses lutem pelos seus direitos, que os têm, depois de uma vida de trabalho. Não cabe ao Estado zelar pela digna condição de vida dos seus cidadãos? Se assim é e está legislado, não admitimos que possa continuar a existir tão grande desigualdade entre os portugueses, muitos deles indignados não só com a parca reforma, como também com a 'gozação' do senhor Silva Peneda desejando-lhes (em 1989) bom Natal e um feliz Ano Novo.»

Terça-feira no

Diário de Lisboa

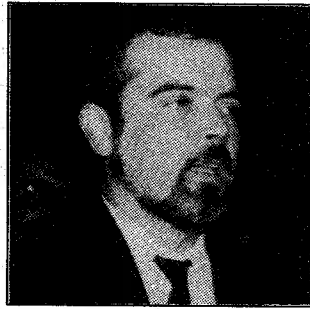
As crónicas de Umberto Eco e de Luís de Sttau Monteiro

Onde estão os padres antifascistas dos anos 60? - Grande Angular

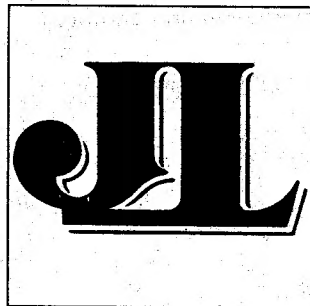
Entrevista com o vice-ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS

APLAUSOS A...

Fernando Nogueira, o ministro da Presidência e da Defesa Nacional, hoje empossado. Os seus ganhos de influência não têm parado de crescer, sobretudo sempre que Cavaco Silva se tem visto obrigado a remodelar o Governo. Discrição, poder negocial, fidelidade, são qualidades que o «príncipe» muito aprecia e não tem deixado de premiar. Mas a ambição é uma característica que outros lhe reconhecem. Para quem já é número dois no Governo e no PSD que mais haverá para conquistar?



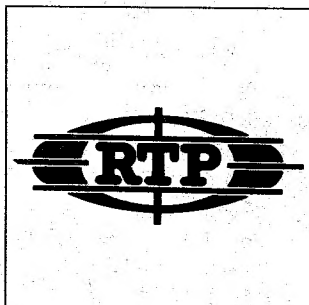
JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias, o único semanário de língua portuguesa especializado no chamado «jornalismo cultural», dirigido por José Carlos Vasconcelos, poeta e antigo redactor do DL. Acusado de elitista por uns e outro tanto elogiado por outros, a verdade é que soube acompanhar a actualidade cultural, sobretudo no domínio literário. No número 400, que amanhã se publica, completa dez anos de edição. Anunciam-se colaborações de relevo: António Ramos Rosa, Eduardo Lourenço, Virgílio Ferreira e João Abel Manta, entre outros. Parabéns!



& PATEADAS A...



Federação Portuguesa de Futebol, o órgão máximo do chamado «desporto rei» nacional, pela incapacidade que tem revelado em pôr cobro à violência e à pouca limpidez de processos que mancham o futebol. É por demais constatável que se joga mais fora de campo que nas ditas quatro linhas. Como também é crescente a violência verbal e mesmo física que circundam os estádios. Perante tudo isto, aqueles que deveriam zelar pela dignificação da prática desportiva parecem dar mais a ideia de estar fora de jogo...



RTP, Radiotevisão Portuguesa, pelo monopólio que pretendiam continuar a ter dos seus arquivos audiovisuais. Habituada a não ter rival entre nós e ao abrir-se, finalmente, a possibilidade de concorrência nacional, parece ter reagido com pouca simpatia à ideia. Um seu alto responsável veio mesmo a público dizer que a RTP não ia prescindir da exclusividade do seu património de imagens e documentos. Só que esse arquivo não é apenas da empresa, é sobretudo do Estado e o Governo revelou já que será aberto aos futuros operadores privados.

Empresas de construção vivem divorciadas da investigação

Rotina e ignorância estão na base da falta de modernização, resultando no obsoletismo e decadência de métodos. A modernização passa pelos fundos comunitários



Leia amanhã no DL

SUPLEMENTO DE ECONOMIA

TERÇA-FEIRA

meteorologia

Navegação à vista

Diz-se que o teatro e a vida são vasos comunicantes.

Diz-se que o teatro é sombra do homem, sombra essa por vezes projectada por detrás da sua silhueta, por vezes precedendo-o.

Diz-se tantas coisas.

No filme de Rivette, *O Bando das Quatro*, regista-se o desejo em equacionar esse conluio entre a existência e a criação teatral.

Porém, a «escola de teatro» personalizada, tem nessa obra sobretudo uma dimensão lúdica e dramática, e só assim fica a quantidade de reflexões de ordem psicológica e psicanalítica - esquecida toda a gama de disciplinas técnicas. Com elas e sem elas, francamente, não é assim que se ensina teatro. É para francês ver. Igualmente a vida das alunas - cujo núcleo filmico são cinco, e para compreender porque no título só se fala em quatro, é preciso visitar o filme - não se manifesta com verosimilhança apesar do carácter improvisado dos seus jantares despachados e outros episódios caseiros filmados como se não o fossem.

Portanto: o teatro não é assim.

Portanto: a vida das heroínas não é assim.

Mas pergunto: a vida, cada vida, tua, nossa, é verosímil? Longo silêncio. (*)

E aqui entra em cena o cineasta: a sua proposta é e não é a verdade, é a verdade artística. Cria o seu estatuto.

Fui ver o filme por causa, alfabeticamente, da Inês, Inezinha do 2.º andar da Rua Nova do Loureiro, filha de amigos, por causa de Rivette, *maître Jacques*, sempre interessante embora não raro irritante, tão francês que até a improvisação lhe saiu cartesiana. Acabei, no entanto, por esquecer o barco e os tripulantes, embarquei e dentro do navio não se vê a *nave va* com distância identificadora, navega-se. Com terra de Rivette à vista.

Jorge Listopad

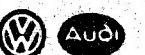
(*) ... Silêncio activo que arredonda as maçãs...

(de «A mão que amansa os frutos», de Irene Lucília, um caderno poético com alguns versos surpreendentes, enviado da Madeira)



A.M.A. Auto Monumental do Alentejo

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75